

# quebre as correntes quando puder

os discursos presidenciais do Dr. Abdullah Abdurahman  
e a construção da identidade e da política coloured  
na cidade do cabo 1905-1940



*monografia*

IFCH UNICAMP

n. 18 - 2010

**giovani grillo de salve**





## *“Quebre as correntes quando puder”*

*Os Discursos Presidenciais do Dr. Abdullah Abdurahman e a construção da Identidade e da Política Coloured na Cidade do Cabo (1905-1940).*

giovani grillo de salve

**MONOGRAFIA**  
IFCH/UNICAMP  
SETOR DE PUBLICAÇÕES

ISSN: 2236-9759

**Diretora:** Profa. Dra. Nádia Farage  
**Diretor Associado:** Prof. Dr. Sidney Challoub

**Comissão de Publicações**

Coordenação Geral:

Prof. Sidney Chalhoub

Coordenação da Coleção Idéias:

Profa. Neri de Barros Almeida

Coordenação da Coleção Trajetórias:

Prof. Dr. Álvaro Bianchi

Coordenação das Coleções Seriadas:

Prof. Dr. José Carlos Pinto de Oliveira

Coordenação das Coleções Avulsas:

Profa. Dra. Guita Grin Debert

Coordenação da Coleção Clássicos:

Profa. Dra. Nádia Farage

**Representantes dos Departamentos**

Profa. Dra. Profa. Neri de Barros Almeida – DH

Prof. Dr. José Carlos Pinto de Oliveira – DF

Prof. Dr. Álvaro Bianchi – DCP

Profa. Dra. Guita Grin Debert – DA

Profa. Dra. Nádia Farage – DA

**Representantes dos funcionários do Setor de Publicações e Gráfica**

Maria Cimélia Garcia e Marcílio C. de Carvalho

**Representante discente**

Gabrieli Simões (graduação) e Rodrigo Bulamah (pós-graduação)

**Setor de Publicações**

Maria Cimélia Garcia, Maria Aparecida Palma de Lima e Hilda Sigala Pereira

**Gráfica**

Marcílio C. de Carvalho, Marcos J. Pereira, Cleusa Leite de Campos Schetini, Marcelo Santos Bolla e Samuel Ferreira

**Projeto da capa e miolo**

Vladimir Vaz Pedroso Junior e Maria Cimélia Garcia

**Editoração e finalização capa e miolo**

Setor de Publicações do IFCH

**Endereço para correspondência**

IFCH/UNICAMP

Setor de Publicações

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

CEP: 13083-896 – Campinas – SP

Tel. / Fax.: Livraria (19) 3521.1604 / Publicações (19) 3521.1603

pub\_ifch@unicamp.br

<http://www.ifch.unicamp.br/pub>

Giovani Grillo de Salve

*“Quebre as correntes quando puder”  
Os Discursos Presidenciais do Dr. Abdullah  
Abdurahman e a construção da Identidade e Política  
Coloured na Cidade do Cabo (1905-1940).*

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

PROF. DR. OMAR RIBEIRO THOMAZ  
Orientador

2010



**[banca]**

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (orientador)

Prof. Dr. Robert Wayne Slenes

Profa. Dra. Marta Jardim



*“Provamos, por nossa lealdade, por nossa paciência, e por nosso grande trabalho na construção deste país nosso valor como cidadãos, e somos merecedores de completo acesso aos privilégios e direitos políticos que desfrutávamos na antiga Constituição do Cabo. Chegou a hora de ter aqueles direitos restabelecidos, e estamos determinados a reivindicá-los imediatamente.”<sup>1</sup>*  
Dr. Abdullah Abdurahman, 1921.

---

<sup>1</sup> We have, by our loyalty, by our patience, and by our great work in building up the country proved our worthiness as citizens, and we are entitled to the full political rights and privileges such as we enjoyed under the old Cape Constitution. The time is ripe when we should have those rights restored, and we are determined to claim them at once.



## [sumário]

Agradecimentos .....	11
Apresentação .....	15
Introdução .....	21
Mapa da África do Sul (1885) .....	25
Mapa da Região Central da Província do Cabo (1922) .....	26
Terminologias .....	27

### [Capítulo I]

#### As Organizações Políticas na Cidade do Cabo

A Cidade do Cabo e a política do Liberalismo do Cabo .....	29
Organizações Políticas no século XIX .....	36
<i>A Guerra do homem white</i> : As mudanças políticas ocorridas com a Guerra Anglo-Boer .....	43
O surgimento da <i>African Political (People's) Organization (APO)</i> e seu presidente, o Dr. Abdullah Abdurahman .....	48

### [Capítulo II]

#### Análise dos Documentos (Primeira Parte)

A Política Assimilacionista (1906-1909) .....	55
Anos de Frustração (1910-1919) .....	65

### [Capítulo III]

#### Contextos e Preocupações

A Cidade Moderna e A Política Segregacionista .....	83
A Política Industrial e a descoberta do <i>Poor Whiteism</i> .....	99

## [Capítulo IV]

## Análise dos Documentos (Segunda Parte)

A consolidação da Segregação (1921-1929) .....	113
O fim da esperança (1935-1939) .....	130
Conclusão .....	145
Bibliografia .....	147

## [agradecimentos]

Talvez a parte mais difícil de ser escrita em todo trabalho que se segue são esses agradecimentos. É improvável, senão impossível, que eu consiga agradecer todos que contribuíram, direta ou indiretamente, com a produção dessa monografia. Pessoas que já existiam ou passaram por minha vida, mas que dela nunca sairão. Pessoas que foram fundamentais em todo processo de pesquisa, discussão e escrita. Desde aqueles que me arrancavam de casa para tomar uma cerveja e assistir ao futebol de quarta-feira de noite, até aqueles que se debruçaram sobre o texto, analisando suas minúcias e detalhes. Todos tiveram sua participação e minha gratidão a essas pessoas é infinita.

Em primeiro lugar, e não poderia ser diferente, agradeço a Raquel Gryszczenko Alves Gomes por sua amizade, paciência, ajuda e sarcasmo. Durante toda a pesquisa que resultou nessa monografia, Raquel esteve sempre ao meu lado como uma amiga de verdade, leitora e corretora de meus rascunhos e textos, preocupada com milhares de coisas e nunca disposta a abandonar os livros para tomar uma cerveja gelada. Juntos enfrentamos problemas. Choramos e rimos. Discutimos artigos, livros e projetos. Estudamos História da África. Perdemos e ganhamos. Por esses, e muitos outros motivos, sua amizade foi fundamental para meu desenvolvimento acadêmico e a pesquisa que segue, se possui algo de valor, é em grande medida fruto desta amizade.

Em segundo lugar agradeço à minha namorada Elisângela Vanessa da Silva por esses cinco anos de felicidades e alegrias. Vanessa sempre conseguiu me dar forças na hora que eu não agüentava mais, seu sorriso me animava e me fazia continuar a escrever, ler e estudar. Companheira de todas as horas, Vanessa foi e sempre será minha melhor amiga e amante. Meus melhores sentimentos só existem graças a ela.

Agradeço ainda à Fernanda Loureiro Goulart por ter me mostrado o quanto E.Ts podem ser legais e como é possível utilizá-los para escrever uma maravilhosa pesquisa. Fernanda conseguiu vencer longos anos de graduação comigo sem deixar a peteca cair e foi a amiga fiel em quase todos os trabalhos de graduação. Agradeço por sua amizade que vale muito para mim.

Angelo Ricardo Masiero, o Masi, que mais que sobrinho, baixista baixinho e amigo para todas as paradas, foi um irmão sempre presente.

O cara que me tirava da frente dos textos para sentar na praça até a madrugada cansar da gente.

Arthur Welle por suas indagações sempre pertinentes, leitura dos projetos de pesquisa e histórias narradas de maneiras hilárias. Sem esquecer, é claro, seu divino bolo de banana.

Ao Renato Salgado, o Gimli, tenho que dar uma bronca pela distância e teimosia e agradecê-lo por ser um amigo que me intriga com suas habilidades intelectuais e carismáticas. Assim como Daniel Pires que é um doido, lindão e sempre conseguiu animar minhas manhãs na Unicamp, e ao Anakin, vulgo Fernando, que é um gênio da arquitetura e da música, amigo para a vida.

Agradeço também Alessandra Pedro, a Leca, por sua maldade bondosa e Juliana Lopes que, a partir de uma brincadeira, me convenceu a fazer graduação em História. A brincadeira virou verdade.

Meus amigos alcoólatras Marco Antônio e Pedro Gabriel, amigos do coração e os melhores músicos que alguém pode querer ter em uma banda, sem esquecer os caras mais bonzinhos do universo: Emiliano Mello e Bruno Luciano.

Agradeço Daniel Martini, o Borôro, por ter me apresentado vários autores pertinentes e por ter me conduzido através de excelentes textos de antropologia. Companheiro certo nos anos de mestrado que virão.

Aos meus pais, que mesmo com todos os pesares que a paternidade lhes legou, foram fundamentais em minha educação e na formação do adulto que me tornei, e ao meu irmão que entre brigas e risadas sempre foi e será um besta bunda mole (brincadeira!).

Não posso esquecer o pessoal das mesinhas da pós, Lis, Kléber, Caio, Pavani, Breno, Gu, Dani, Lu (Maria), Bel entre outros muitos, assim como dos professores, Zé Alves, Miceli, Batalha, Eliane, Bob e Karnal por terem sido mestres excelentes e fundamentais em minha formação.

Agradeço também ao CNPq e à FAPESP pelo financiamento das pesquisas de Iniciação Científica que resultaram neste texto.

Por fim, e de maneira nenhuma com menor importância, Omar Ribeiro Thomaz, o professor que ainda no segundo semestre de graduação despertou meu interesse por História da África e que depois no último semestre do quinto ano tornou-se meu orientador e grande amigo. O que Omar fez por

mim foi incrível e por isso, devo a ele minha eterna e sincera gratidão. Sua ajuda, amizade, leitura atenta e conselhos mantiveram minha vontade de continuar pesquisando e me aperfeiçoando. Obrigado.



[apresentação]

## Nem vítimas, nem vendidos: africanos

Omar Ribeiro Thomaz

Departamento de Antropologia

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Programa de Pós-Graduação em História

Universidade Estadual de Campinas

Entre fins do século XIX e início do século XX a formação dos estados coloniais africanos veio acompanhada de uma opção. A extensão das áreas de controle europeu (antes restritas com algumas exceções a enclaves e faixas costeiras), o controle efetivo e por meios militares e policiais das populações nativas, a interrupção do tráfico de escravos e a prospecção das riquezas que até então se adivinhavam não contou, deliberadamente, com aqueles que, africanos, se percebiam como representantes dos avanços civilizacionais europeus. Um pouco por toda a parte, entre as costas atlântica e índica, famílias negras e mestiças reivindicaram um papel ativo no processo – e foram dele excluídas.

É um certo lugar comum na historiografia que se dedicou ao processo de construção e consolidação do estado colonial no continente africano a idéia da necessidade de estabelecimento de metropolitanos como consequência da falta de quadros disponíveis locais. A complexificação da máquina colonial teria exigido a vinda de profissionais da metrópole para o exercício das mais simples tarefas burocráticas, ao tempo que se supunha a inexistência de africanos capazes de gerir o próprio processo de modernização do estado. Hoje sabemos que em vários lugares estes africanos não apenas existiam, como estavam disponíveis: tratava-se de indivíduos efetivamente comprometidos com ideais de civilização e progresso, e que imaginavam que era chegada a hora de libertar a massa nativa do atraso e do primitivismo. No entanto, não apenas a massa nativa foi efetivamente excluída de avanços civilizacionais restritos aos metropolitanos que passaram a se estabelecer em terrenos africanos.

Podemos falar dos mulatos e assimilados de Lourenço Marques, no momento genético do estado colonial português em Moçambique. Famílias como os Albasini, Fornasini e Pott (não casualmente sobrenomes de origem italiana, os dois primeiros, e holandesa, o último), os descendentes de famílias mistas distribuídas entre Inhambane e Lourenço Marques acalentavam um projeto de protagonismo em Moçambique, assumindo concomitantemente as bandeiras da monarquia e do assimilacionismo. Afinal, eram portugueses e africanos; conheciam o idioma português, eram cristãos e, em grande medida, a eles se devia a permanência da bandeira portuguesa na região. De quebra, se expressavam adequadamente em Xironga (língua da massa indígena de Lourenço Marques) e defendiam com unhas e dentes o projeto assimilacionista português, percebido como uma proposta emancipadora de, efetivamente, levar a terras africanas os avanços da civilização europeia.

Brasileiros e saros em Lagos, mistos e assimilados em Moçambique e em Angola, *coloureds* na África do Sul – todos conectados por uma mesma posição estrutural no momento genético do estado colonial destes distintos países. Todos seriam vítimas de uma ideologia que desprezavam, pois percebida não apenas como lesiva às suas expectativas, mas como sumamente medíocre: o racismo científico que contradizia as propostas civilizacionais nas quais acreditavam. Pois os impérios contemporâneos traziam esta dupla e contraditória mensagem: de um lado se afirmavam portadores da civilização, de um projeto emancipador e mesmo, pelo menos nos casos francês e português, de uma proposta assimilacionista; de outro, afirmavam e praticavam a sua impossibilidade, na medida em que os negros estariam condenados ao atraso, à eterna infância prevista em seu código genético e expressa na cor da pele.

O romancista angolano José Eduardo Agualusa descreve o processo em seu primeiro romance, *A conjura* (1998). Ali, mistos e assimilados de Luanda fazem planos de construção de um grande país sob a bandeira da monarquia portuguesa. No entanto, nas primeiras décadas do século XX são progressiva e violentamente afastados dos quadros que ocupavam e ambicionavam na administração das coisas da colônia, substituídos e excluídos por profissionais vindos diretamente da metrópole. Aos brancos caberia efetivamente governar e a eles seria reservado os espaços do privilégio

nas colônias. Era o início da constituição do segregacionismo, territorial inicialmente, e institucional progressivamente, que ganhou requintes de sofisticação com o *apartheid* na África do Sul.

Como nos mostra Mahmood Mamdani, a clara opção pela segregação racial no interior dos impérios, que seria decisiva no sentido de dotar de autonomia histórica a construção do estado na África, se revela na opção por apartar aqueles que acreditavam e defendiam os ideais de civilização, emancipação e assimilação. A formação de uma burocracia branca e metropolitana, e a incorporação de lideranças *tradicionais* na administração local, não foi consequência da inexistência de quadros, como insistiram alguns. Quadros disponíveis, claramente comprometidos com os ideais civilizacionais, conhecedores do idioma do império e das coisas e gentes da colônia, foram excluídos por se tratarem de negros ou mulatos. Em suma, a vinda de quadros metropolitanos e a generalização da administração indireta não constituíram uma inevitabilidade.

Um dos extraordinários exemplos do processo pode ser o da família May em Serra Leoa, cuja história foi recuperada por Leo Spitzer, que teve ainda o brilho de contrapô-la a outras famílias que se viram traídas pelas promessas da modernização, como as famílias Rebouças no Brasil e Sweig e Grettauer, na Áustria. Entre vários méritos, o trabalho de Spitzer propõe a comparação de três processos em contextos completamente diferentes. Nos três contextos o paradoxo entre a assimilação (sua expectativa ou sua ilusão) e marginalização se impõe. O termo utilizado por Spitzer é particularmente feliz – *lives in between*. Porque se não eram percebidos civilizados porque negros por parte dos europeus, tampouco seriam percebidos como africanos pelos “nativos”, porque “brancos negros”.

O historiador Giovani Grillo Salve, trabalhando com a figura do Dr. Abdullah Abdurahman e sua trajetória política entre inícios do século XX até sua morte, nos revela o processo na Cidade do Cabo – e, como veremos, vai além, sendo responsável por uma contribuição original e decisiva para a historiografia sul-africana. O Dr. Abdullah Abdurahman, formado em medicina na Grã-Bretanha e muçulmano, defendia a perfectibilidade de todos os seres humanos, e o papel que sua coletividade, os *coloureds*, deveria desempenhar no interior do processo de consolidação do Império Britânico na região e na

formação ulterior da União Sul-Africana. Percebia o império como uma possível máquina civilizadora, que tiraria os africanos da barbárie e do atraso. Para ele, a crescente segregação que afetaria a todos os não brancos, e que representava para o *coloured* da Cidade do Cabo a perda efetiva de direitos, consistia numa uma aposta na barbárie.

Giovani Grillo Salve não se restringe a nos revelar o processo de marginalização progressiva da comunidade *coloured* que supôs a formação da União Sul-Africana. Por meio dos discursos do Dr. Abdullah Abdurahman, ele nos mergulha nos meandros da invenção e construção da própria coletividade *coloured*. E aqui é a História com maiúscula que se impõe: Giovani se opõe aqueles que optaram por uma explicação essencialista responsáveis pela redução dos *coloured* a mero resultado biológico de brancos e negros, frutos da mestiçagem; e se distancia da visão que ele denomina de instrumentalista, e que transforma os *coloureds* em mero objeto de sucessivas políticas do estado sul-africano. A análise dos discursos políticos do Dr. Abdullah Abdurahman, a recuperação de sua trajetória e a fina reconstrução histórica do que foi a Cidade do Cabo nas primeiras décadas do século XX nos leva a perceber, de forma inovadora, os *coloureds* como sujeitos de sua construção como coletividade. Se é evidente que foram objeto de políticas que tiveram um impacto decisivo em sua própria constituição e reprodução, também foram sujeitos num universo de relações que os posicionava diante de eventos históricos e fundadores – como as guerras anglo-bôer e o avanço do Império Britânico na região – e diante dos demais grupos que compunham a União – ingleses, *afrikaners*, e os distintos grupos definidos por referência ao uso de uma língua bantu (sic).

Enfim, tenho a honra de apresentar ao leitor uma contribuição original e decisiva à historiografia africana contemporânea. A trajetória do Dr. Abdullah Abdurahman, tal e como é recuperada por Giovani Grillo de Salve, vai além do espaço sul-africano – o que nos obriga a reconhecer que estamos no campo oposto àqueles que defendem com unhas e dentes a excepcionalidade sul-africana, em particular os historiadores deste país; mas não só: o jovem historiador nos revela os meandros da construção identitária de um grupo que até hoje desperta surpresa e ansiedade daqueles que pensam compreender a África do Sul.

Recentemente, conversando com uma amiga africana, fiz referência ao fato de que parte expressiva da imensa comunidade *coloured* da Cidade do Cabo ter o *afrikaans* como primeira língua. Sem titubear, ela me respondeu: “os *coloureds* são uns vendidos”. E isso porque, como alhures no continente africano, o estado pós-colonial não superou efetivamente os entraves criados e consolidados ao longo do colonialismo tardio – e o *apartheid* na África do Sul não foi outra coisa que uma das variações do colonialismo tardio *branco* no continente africano. Entre os múltiplos entraves, deparamos com aqueles que supõem a não incorporação plena e serena destes grupos de entre-meio, africanos como todos os outros.

Entre muitos méritos, e para além de demonstrar que podemos fazer história da África não-lusófona no Brasil desde que tenhamos acesso às fontes, o trabalho de Giovani Grillo de Salve nos leva para os primórdios da União Sul-africana para nos possibilitar uma maior compreensão de tensões e dilemas que se fazem presentes na atualidade deste país africano. O que Giovani Grillo de Salve faz, em suma, é boa história.



## [introdução]

Quando me propus a estudar a construção de uma determinada identidade *coloured* na Cidade do Cabo, África do Sul, não tinha a menor idéia da dimensão que este tema ganharia em minha vida e em minhas preocupações acadêmicas. Na inocência das primeiras leituras, deixei-me levar por interpretações racializadas do surgimento do grupo e caí em lógicas que negavam o caráter social e contrastivo da construção de sua identidade. Inocência, falta de tato e de conhecimento. Mas mesmo assim, comecei a desenvolver um interesse muito grande por esse grupo identitário tão plural e diversificado.

Vieram, então, as leituras. No início, eram esparsas, artigos soltos na rede infinita da internet, notas de pé de página, citações mal explicadas e desenvolvidas. Descobri a inexistência de um vasto campo bibliográfico preocupado com a questão que mais me tangia: como se deu a construção da identidade *coloured*? Quais foram seus atores? Qual a importância do contexto de segregação da África do Sul para o surgimento desse grupo identitário?

Minhas perguntas encontravam o vago silêncio de páginas que explicavam o grupo como sendo formado por “mestiços”, ou ainda, o caracterizava como formado por indivíduos passivos diante ao sistema segregacionista de supremacia *white*. A historiografia existente dificilmente focava um determinado período ou um estudo de caso: era pouco abrangente, racializada e inconclusiva.

Foi então que encontrei os documentos que aqui analiso. Um fundo composto pelos discursos presidenciais anuais de um dos maiores líderes da comunidade *coloured* do século XX: o Dr. Abdullah Abdurahman. Os documentos haviam sido digitalizados pelo pesquisador sul-africano Mohamed Adhikari, com quem entrei em contato direto, o que possibilitou a leitura de uma nova bibliografia sobre o tema – que foi fundamental para o trabalho aqui apresentado.

Centrei-me nos documentos e, a partir deles, comecei a questionar a construção da identidade *coloured* como um produto social, político e cultural, historicamente construído e levado a cabo como forma de resistência e de

fortalecimento de um grupo que se encontrava em uma situação especial no contexto local.

No texto que segue apresento algumas discussões relevantes para a compreensão do surgimento da *African Political (People's) Organization* e como essa organização, a partir de 1905, com a eleição do Dr. Abdurahman, foi crucial para a construção de uma determinada idéia de identidade *coloured*.

A primeira parte da monografia preocupa-se em delinear o contexto do surgimento da *African Political (People's) Organization*, maior organização política não branca da África do Sul até meados da década de 1930. Este capítulo é subdividido em quatro partes, as quais discutem respectivamente: a política do liberalismo do Cabo e suas interpretações mais relevantes; a formação de organizações políticas africanas e as práticas de questionar as políticas segregacionistas implementadas na segunda metade do século XIX; o impacto da guerra Anglo-Bôer nas esperanças dos *non-europeans* conquistarem direitos legais; e, por fim, o surgimento da *African Political (People's) Organization* e a importância do Dr. Abdullah Abdurahman para a comunidade por esta representada.

O segundo capítulo contém a primeira parte da análise documental. Como veremos, o ponto central de todos os discursos presidenciais anuais do Dr. Abdullah Abdurahman relaciona-se à tentativa de conseguir fazer com que a comunidade *coloured* fosse assimilada política e socialmente à coletividade denominada legalmente como *european*. A aquisição de direitos políticos constitui o intuito primeiro de todos os discursos que serão aqui analisados; contudo, através destes discursos e da luta pelo assimilacionismo, os textos deixam transparecer opiniões e sentimentos relacionados à identidade e à formação de um grupo socialmente distinto dentro da lógica classificatória sul-africana. Portanto, neste capítulo, a preocupação central será analisar como a política do Dr. Abdullah Abdurahman relacionava-se com os acontecimentos do início do século XX até a primeira guerra mundial – momento chave na história da Cidade do Cabo –, dando ênfase às suas estratégias políticas e à construção de uma identidade socialmente compartilhada.

O terceiro capítulo é dividido em duas partes complementares. A primeira discute como a Cidade do Cabo passou por várias mudanças após o término da Primeira Guerra Mundial e como essas mudanças estão profundamente

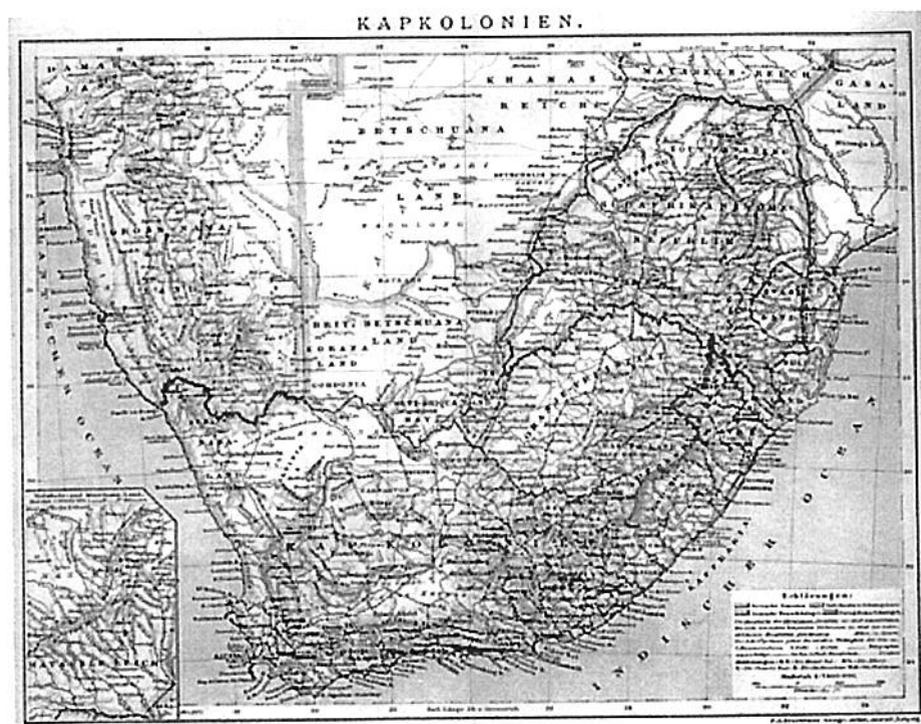
associadas à construção e ao estabelecimento de políticas segregacionistas. Neste mesmo capítulo é focado o pensamento cientificista racial sul-africano que, mesmo existindo antes da Primeira Guerra Mundial, legitimou e serviu de meta-síntese do segregacionismo da década de 1920. No texto, o segregacionismo é apresentado e discutido com o intuito compreender como esta sociedade moderna e capitalista preocupou-se em classificar os diversos grupos identitários locais de modo a controlar econômica e socialmente a África do Sul através de um regime de *white supremacy*, como argumentou o historiador americano George Fredrickson, em seu livro *White Supremacy: A comparative study in American and South African History* (1981)

A segunda parte do terceiro capítulo apresenta o problema do *poor whiteism* e discute como a “descoberta” deste grupo de *whites* pobres foi crucial para o aumento da segregação na esfera industrial, educacional e política da África do Sul. É preciso ressaltar que o primeiro e o terceiro capítulo da monografia funcionam como recortes específicos da conjuntura social, econômica e política da Cidade do Cabo ao longo das quatro primeiras décadas do século XX e não têm o propósito de dar conta de todos os fatores que contribuíram tanto para a consolidação do sistema segregacionista como para a construção da identidade *coloured*. Este recorte tem o intuito único e específico de situar o leitor em parte do contexto e das preocupações do Dr. Abdullah Abdurahman no período entre guerras. Em termos de escrita é preciso atentar que todas as citações em inglês foram traduzidas por mim e as originais encontram-se em nota de rodapé, para melhor compreensão dos leitores.

Por fim, destacamos que a construção da identidade *coloured* dá-se em uma infinidade de esferas que não podem ser capturadas em sua completude pelo historiador. Contudo, através da observação discursiva das ânsias e expectativas, exigências e afirmações do Dr. Abdullah Abdurahman, e tendo em mente sua importância política e social no início do século XX, podemos perceber como houve uma tentativa constante de produzir um tipo ideal de *coloured* capaz de adaptar-se às legislações segregacionistas e afirmar uma constituição coletiva compartilhada por centenas de milhares de indivíduos. Por este motivo, o último capítulo da monografia apresenta uma análise documental dos discursos presidenciais anuais do Dr. Abdullah Abdurahman durante o período de 1921-1939 e é acompanhado por uma conclusão que

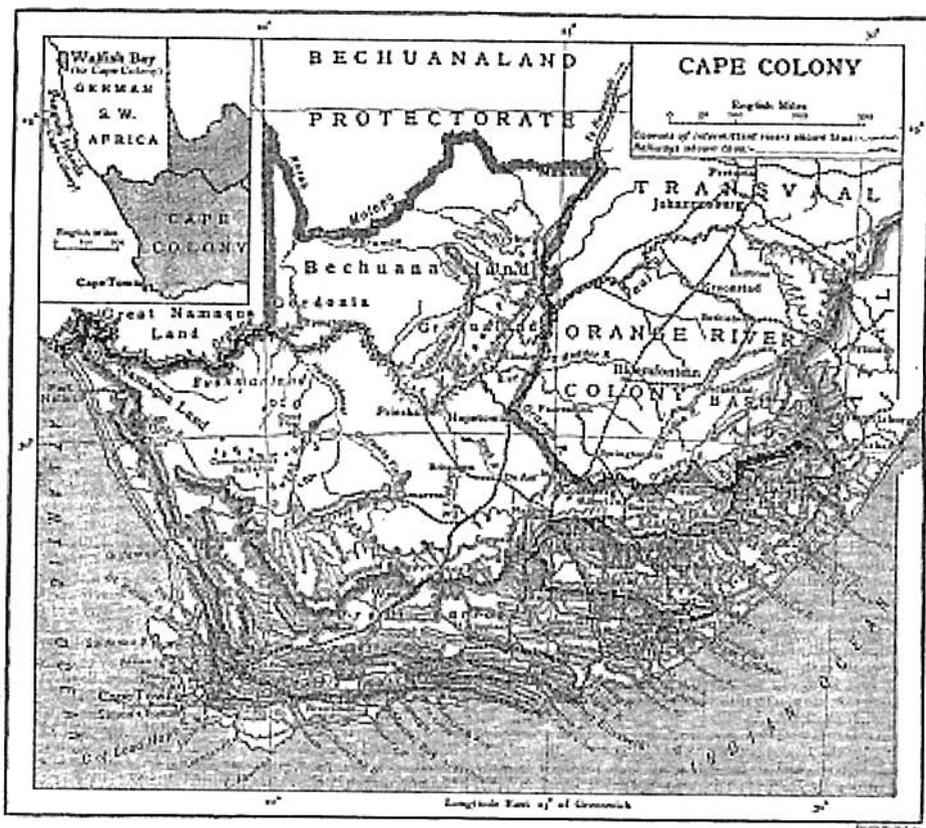
ressalta os resultados aqui atingidos e as perspectivas de continuidade da pesquisa.

Espero que o problema que tanto me motivou a continuar pesquisando ao longo de anos da graduação toque o leitor e o estarreça diante da visão de que *identidades* não passam de construções complexas e, em situações extremas, elas moldam-se diante dos acontecimentos do mundo ao mesmo tempo em que o moldam, ou como veremos, tentam moldá-lo.

Mapa da África do Sul<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Retirado do site <http://www.lib.utexas.edu/maps/> - último acesso dia 18/11/2008 às 17hs30min.

### Mapa da Região Central da Província do Cabo (1922)<sup>2</sup>



<sup>2</sup> Retirado do site <http://www.davidrumsey.com/directory/whereCape+Town++South+Africa/> - último acesso dia 18/11/08 às 18hs20min.

## [terminologias]

As terminologias<sup>3</sup> são extremamente importantes e problemáticas quando se estuda África do Sul. Devido à complexa história de violência, segregação, classificação racial e guerra, que ocupou grande parte dos séculos XIX e XX, algumas palavras assumiram características densas que, enquanto nos fornecem imagens representativas opacas dos vários grupos existentes no país, tornam-se ferramentas conceituais restritivas que minimizam conflitos existentes na construção histórica destas classificações e que, em muitos casos, como nesta monografia, não conseguem abranger, compreender e lidar suficientemente com a problemática identificada. Apesar de consciente quanto aos problemas existentes em apresentar essa terminologia (que pode aparentar querer simplificar a construção dessas categorias, sem, contudo fazê-lo), utilizo os termos abaixo para auxiliar a leitura do texto e poupar uma discussão acerca da construção histórica e historiográfica das seguintes categorias, discussão que será realizada em pesquisas futuras.

Diferentemente do que ocorreu em outros contextos de colonialismo britânico, o termo *coloured*, na África do Sul, refere-se, a partir do final do século XIX, a um grupo específico de pessoas e não pode ser lido como um coletivo de *non-whites*. Na monografia utilizo *coloured* para lidar com as populações que ou foram classificadas dessa maneira ou viam-se como membros de uma coletividade determinada e passível de ser com ela identificada. Entretanto, é preciso deixar claro que a *identidade coloured* é muito mais ampla do que o termo que a define, o que será objeto de discussão ao longo da pesquisa.

O termo *native* era utilizado pela administração colonial e pós-colonial para tratar os grupos falantes de línguas bantu e que não tinham sua origem geográfica associada à região do Cabo, isso é, grupos africanos não-Khoisan. *Native* será utilizado como sinônimo e coletivo de populações de origem

---

<sup>3</sup> Este projeto apóia-se numa terminologia apresentada e discutida pelo historiador sul-africano Mohamed Adhikari IN: ADHIKARI, Mohamed. *Not White Enough, Not Black Enough: Racial identity in the South Africa Coloured Community*. Cape Town: Ohio University Press, 2005.

africana quando o termo africano (ou algum mais específico como Fingo, Xhosa, Zulu etc) não se enquadrar no contexto historiográfico.

O termo *black*, apesar de anacrônico no início do século XX – posto que foi introduzido no linguajar político sul-africano com o sentido aqui utilizado apenas em meados da década de 1970 –, refere-se a todos aqueles que podiam ser descritos como *non-whites* (*coloureds*, *indians*, africanos) de forma coletiva. O termo *não* se refere a uma lógica racializada e não há uma relação claramente definida entre o termo e o fenótipo do grupo em questão.

O termo *white* remete às populações que historicamente se constituíram como descendentes de imigrantes e colonos (*settlers*) europeus, fossem ou não exclusivamente euro-descendentes. Os *whites* podem ser divididos em dois sub-grupos de origem geográfica e histórica diferentes: os ingleses, provenientes das Ilhas Britânicas, que se estabelecem na região principalmente a partir de 1820, e os *afrikaners*<sup>4</sup>, grupo de identidade socialmente construída em contextos africanos que se associa a colonos provenientes do continente europeu (principalmente da Alemanha, Holanda e França) e que começaram a formar um grupo demográfico significativo na região já no século XVII. A opção pela utilização do termo *afrikaner* em contraposição ao *africânder* deve-se ao sentido carregado e pejorativo que este termo possui em português. O termo *european* aproxima-se do termo *white*, assim como o termo *non-european* e *non-white* se aproxima do termo *black*

Apesar de deixar o texto carregado, a utilização de termos classificatórios em inglês foi mantida como consequência dos sentidos que estes assumem em contextos sul-africanos. Por esse motivo eles são grafados em itálico. Os nomes de cidades, regiões e países foram, em sua maioria, mantidos em inglês ou em afrikaans, excetuando-se a referências claras como: Cidade do Cabo, África do Sul, Estado Livre de Orange etc.

Por fim, é preciso reiterar que os termos acima apresentados foram construídos historicamente e que pensar de serem problemáticos, servem somente como ferramentas conceituais para tentar facilitar a compreensão do leitor das propostas de pesquisa.

---

<sup>4</sup> Para uma melhor compreensão da construção da identidade *afrikaner* ver: GILIOMEË, Hermann. *The Afrikaners: Biography of a People*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2003.

## [capítulo I]

### *As Organizações Políticas na Cidade do Cabo*

#### *A Cidade do Cabo e a política do Liberalismo do Cabo*

A Cidade do Cabo desfrutou durante muito tempo de uma reputação – acadêmica e popular – única em meio às demais cidades da África do Sul. O fator central para essa reputação ímpar da Cidade do Cabo remete às supostas práticas não-segregacionistas das elites políticas locais durante o século XIX, isto é, assume-se que a Cidade do Cabo tenha passado por uma experiência política diferenciada graças às ideologias de assimilação “racial” em voga em parte do século XIX, herança muitas vezes associada a uma prática “liberal” britânica.

Contudo, essa singularidade não pode ser representada da forma como o faz grande parte da historiografia. Neste sentido, é esclarecedor o artigo de Vivian Bickford-Smith *South African Urban History, Racial Segregation and the Unique Case of Capet Town?* (1995)<sup>1</sup>, que salienta os problemas de uma tradição historiográfica que reitera a “tradição liberal do Cabo” em oposição às políticas segregacionistas da República do Transvaal e do Estado Livre de Orange<sup>2</sup>. Segundo o autor, essa “prática única” de não-segregacionismo deve ser questionada e repensada à luz de evidências históricas que problematizem melhor a situação do Cabo.

É possível discernir uma série de diferenças estruturais entre a região do Cabo da Boa Esperança e as demais regiões da África do Sul. Na colônia do Cabo houve, desde meados do século XIX, uma política de assimilação dos diversos grupos sociais à cidade, às suas diversas instituições, aos seus postos de trabalho e aos bairros habitacionais.

---

<sup>1</sup> BICKFORD-SMITH, Vivian. *South African Urban History, Racial Segregation and the Unique Case of Cape Town?* IN: *Journal of Southern African Studies*, Vol. 21, n. 1, Special Issue: *Urban Studies and Urban Change in Southern Africa*, Mar., 1995.

<sup>2</sup> Ver o mapa da África do Sul (p. 23).

Já em 1828, “todos os dispositivos legais sobre as pessoas livres de cor, particularmente os Khoisan, foram removidas pelo Decreto 50”<sup>13</sup> e, alguns anos depois, em 1834, seguindo uma política de abolição da escravidão em todas as suas possessões coloniais, a Inglaterra declarou que a colônia do Cabo também teria todos seus escravos libertados. Ou seja, desde meados da década de 1830 a sociedade do Cabo convivia com uma pluralidade enorme de indivíduos de diversas origens geográficas, sociais e culturais que formalmente eram tidos como cidadãos livres e iguais perante a lei. Essas características deram conformações únicas à cidade e a suas práticas políticas e econômicas.

George Fredrickson, entretanto, afirma que mesmo com o fim das leis e das instituições estatutárias, a Cidade do Cabo só passou a propiciar direitos para todos seus habitantes na década de 1850. Segundo o autor:

Por quase duas décadas as autoridades imperiais resistiram às demandas dos colonos pela criação de uma assembléia eleita com um medo aparentemente bem fundado de que a minoria *white* aprovaria leis oprimindo a maioria *non-white*. Quando o governo representativo foi finalmente garantido em 1854, sua condição foi de que os direitos políticos deveriam ser não raciais. Uma qualificação eleitoral de relativa baixa renda e propriedade foi estabelecida e aplicada aos *whites* e *non-whites* igualmente. Os colonizadores aceitaram o acordo político que garantiu aos ex-escravos e autóctones<sup>4</sup> dependentes uma voz de poder no governo, não por possuírem uma convicção igualitária, mas porque não viam ameaçado seu domínio social e político com uma lei que não distinguia as pessoas por raças<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> ROSS, Robert. *A Concise History of South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999 (p. 37).

<sup>4</sup> No original Fredrickson utiliza a palavra *indigenous* que, na tradução, optei por autóctones em oposição a nativos ou indígenas. Como autóctones entendemos, neste caso, grupos Khoisan.

<sup>5</sup> FREDRICKSON, George M. *White Supremacy: A comparative study in American and South African History*. Oxford: Oxford University Press, 1981 (p. 183).

<sup>1</sup> all legal disabilities on the free people of colour, particularly the Khoisan, were removed by Ordinance 50.

<sup>11</sup> For about two decades the imperial authorities had resisted settler demands for an elected assembly out of seemingly well-founded fears that the white minority would pass laws oppressing the nonwhite majority. When representative government was finally granted in 1854, it was on the condition that the franchise should be nonracial. A relatively low property qualification was established that applied to whites and nonwhites alike. The colonialists accepted a political arrangement that gave former slaves and indigenous dependents a potential voice in government not so much from egalitarian conviction as because they saw no threat to their social and political dominance from a color-blind franchise.

Partindo desse apontamento podemos ver que a divisão social da cidade era legalmente pautada pelas posses financeiras e pela classe social em que o indivíduo se enquadrava. O sufrágio era permitido àqueles que atendessem às necessidades econômicas determinadas em lei e não estava relacionado diretamente a qualquer classificação étnica ou “racial”, apesar de grande maioria dos *non-whites* fazer parte do grupo sem direito ao voto por sua posição no sistema econômico colonial.

Como bem observou o historiador sul-africano Vivian Bickford-Smith, essas práticas de não-segregação racial na Cidade do Cabo não sofreram profundas alterações até meados da década de 1871. Contudo, elas funcionavam apenas em regime legal, havendo uma prática cultural e social de segregação. Bickford-Smith afirma que:

O padrão de relações raciais na década de 1870 certamente parece similar àquele da década de 1830. Não havia muita evidência, ainda, de uma sociedade rigidamente ordenada pela raça. A segregação institucional que existia na década de 1840 era aparentemente limitada às prisões. Em meados da década de 1870 a segregação em prisões na Cidade do Cabo estava em suspensão e as sentenças eram aplicadas por júris formados por *blacks* assim como por *whites*. A maioria dos hospitais e escolas missionárias eram mistas. A segregação era limitada a algumas igrejas e escolas públicas e era *de facto* outra que *de jure*.<sup>116</sup>

Esta sociedade sem segregação institucionalizada era o grande diferencial em relação às cidades das repúblicas bôeres. Contudo, havia uma segregação *de facto* na Cidade do Cabo. Para Bickford-Smith essa segregação servia apenas para manter a associação entre *whites* e classe dominante e não tinha o intuito de promover uma completa separação entre todos os *whites* e todos os *blacks* da colônia. Segundo ele, o termo segregação (e suas implicações práticas) só

---

<sup>6</sup> BICKFORD-SMITH, V. *op. Cit.*, 1995 (p. 66).

<sup>116</sup> The pattern of race relations in the 1870s certainly seems similar to that of the 1830s. There was not much evidence, as yet, of a society rigidly ordered according to race. The institutional segregation that existed in the 1840s was apparently limited to prisons. By the mid-1870s prison segregation in Cape Town was in abeyance and sentences were handed down by juries consisting of blacks as well as whites. Most hospitals and missions schools were mixed. Segregation was limited to some churches and government schools and was *de facto* rather than *de jure*.

se tornou importante nos discursos políticos sul-africanos no início do século XX e sua utilização conceitual para compreender o século XIX é anacrônica. Seguindo a mesma argumentação que Vivian Bickford-Smith, Saul Dubow e William Beinart<sup>7</sup> afirmam que o termo segregação foi cunhado no início do século XX, na África do Sul, para regular as relações entre *whites* e *blacks*, colonizadores e colonizados, *settlers* e *natives*. Segundo esses autores, muitas práticas segregacionistas já existiam no período de domínio holandês (entre 1652 e 1806), e foram mantidas nas Repúblicas bôeres, Transvaal e Estado Livre de Orange, e nas colônias inglesas, Cabo e Natal. Entretanto, foi na aurora do século XX que a ideologia segregacionista foi refinada e expandida como um sistema político a ser seguido.

A suposta singularidade da Cidade do Cabo se contrapunha a essa lógica e afirmava que, ao longo do século XIX, a região teria sido governada por um sistema pautado nos privilégios não raciais para todos e na formal igualdade perante a lei. A “grande tradição liberal do Cabo” fora inspirada na famosa ordem do Duque de Newcastle<sup>8</sup> e constantemente aparecia como ferramenta de resistência, no século XX, à implantação de políticas segregacionistas na província do Cabo.

Em seu livro *White Supremacy: A comparative study in American and South African History* (1981), George Fredrickson teoriza a respeito da tradição liberal do Cabo de uma maneira muito interessante. Para o autor, a sociedade do Cabo do século XIX era dotada de uma série de pensadores, que Fredrickson definiu como “racistas evolucionistas”. Estes intelectuais pregavam a existência de uma gradação evolucionária na qual os *europeans* desfrutavam o *status* máximo de evolução, enquanto os *natives* ainda tinham muito que evoluir. Segundo Fredrickson:

---

<sup>7</sup> BEINART, William & DUBOW, Saul. *Segregation and Apartheid in Twentieth-Century South Africa*. New York: Routledge: 1995 (p. 1).

<sup>8</sup> “É o mais profundo desejo do Governo de Vossa Majestade que todos seus súditos do Cabo, sem distinção de classe ou cor, sejam unidos por um vínculo de lealdade e de interesses comuns, e nós acreditamos que o exercício dos direitos políticos desfrutados por todos igualmente provará ser o melhor método para alcançar esse objetivo”

Sem concordar na mesma escala envolvida, eles acreditavam que a assimilação era possível e desejada – *blacks* poderiam mudar e tornar-se como os *whites* – e essa mudança era necessária para o desenvolvimento econômico da Colônia. Educação, trabalho e conversão ao Cristianismo eram pensados como os maiores agentes de mudança.<sup>iv9</sup>

Isso é, a lógica da ideologia liberal supunha que para os *blacks* se tornarem moral e socialmente iguais aos *whites* era necessário que o governo colonial criasse uma legislação capaz de favorecer a evolução de todos habitantes da Colônia. Com isso, a segregação social que acontecia *de facto* era completamente legitimada por seus praticantes uma vez que segregar significava apenas proteger a posição social de privilegiados e garantir a “evolução” natural dos não civilizados.

Muitos políticos e administradores governamentais do Cabo, até meados da década de 1870, mantinham essa posição de “racistas evolucionistas”. Contudo, eventos das últimas três décadas do século XIX foram cruciais para mudar a lógica de assimilação para aquela de segregação. Bickford-Smith indica que um dos primeiros fatores que desencadeou mudanças significativas na tradição liberal do Cabo foram as guerras de conquista do final da década de 1870. Isso por que “elas adicionaram meio milhão a mais de cidadãos *blacks* ao Cabo, um desafio severo à supremacia política *white*”<sup>v10</sup>.

Assim, em 1886, ficou decidido que os novos grupos migrantes africanos deveriam ser governados através de “Conselhos *Natives*” e que sua entrada na colônia do Cabo, apesar de não ser desencorajada, seria controlada pelos passes de trânsito. Portanto, já em meados da década de 1880 a colônia desfrutava de artefatos legais centrados na classificação “racial” e na prática de controle separado destes grupos.

Se atentarmos para o contexto da época, podemos ainda identificar outros fatores para essa mudança de posicionamento: a descoberta de minérios

---

<sup>9</sup> BICKFORD-SMITH, V. *op. Cit.* (p. 68).

<sup>10</sup> *Idem* (p. 69).

<sup>iv</sup> Without agreeing on the same scale involved, they believed that assimilation was possible and desirable – blacks could change and become like whites – and that such a change was necessary for the economic development of the Colony. Education, labour and conversion to Christianity were thought to be major agencies of change.

<sup>v</sup> they added half million more black citizens to the Cape, a severe challenge to white political supremacy.

preciosos nas Repúblicas bôeres, a influência do *Afrikaner Bond*<sup>11</sup> na política da Cidade do Cabo, o número crescente de eleitores *non-whites*, as cada vez mais expressivas práticas sociais de segregação etc. Contudo, essa posição política segregacionista, dos governantes da cidade, demorou alguns anos para se concretizar.

E, um dos fatores essenciais para a sobrevivência de uma política liberal no Cabo até 1910 pode ser apresentado, na realidade, como fruto de diferentes interesses e conflitos existentes na colônia, principalmente entre *afrikaners* e ingleses, comerciantes e agricultores, rurais e citadinos etc.

A década de 1890 foi certamente uma das que causou maiores alterações na política da Cidade do Cabo. A aliança Rhodes-Hofmayer provou a diminuição do número de eleitores *blacks* e impediu a candidatura de Achmat Effendi, um político *coloured*, ao parlamento da colônia do Cabo. Em 1893, uma ordem governamental obrigava os eleitores a discriminarem sua “raça” na hora de votar. Em 1894, os africanos que habitavam Glen Grey, no East Cape, perderam os privilégios de voto. E, apesar de no ano de 1895 a política de exclusão ter sido refreada (graças à tentativa sem sucesso de Rhodes de tomar o poder de Kruger no Transvaal e ao conseqüente fim da aliança entre ingleses e *afrikaners*, episódio que ficou conhecido como Jameson Raid), na virada do século a realidade política e social do Cabo estava repleta de práticas segregacionistas.

Nesta mesma década, teóricos sanitaristas iniciaram campanhas que associavam as doenças aos *natives*. A solução proposta por esses médicos e sanitaristas, para evitar as endemias, apoiava a construção de prédios separados para os causadores das doenças. Contudo, a administração municipal procurava esquivar-se dessas demandas para poupar fortunas na construção de instituições racialmente separadas. Infelizmente, o surto de varíola de 1882 e o de peste bubônica de 1901 obrigaram o governo a mudar de posição. Em 1901 é instituído o ato de segregação residencial dos africanos e neste mesmo

---

<sup>11</sup> O *Afrikaner Bond* (literalmente União *Afrikaner*) foi um partido político da Cidade do Cabo que surgiu em meados da década de 1880 e procurou formar uma base sólida de influência *afrikaner* na política da Colônia do Cabo. Apesar de ter possuído, durante um bom tempo, a maioria do Parlamento do Cabo, nunca governou a Colônia diretamente.

período são iniciadas as construções de várias obras públicas como hospitais, prisões e escolas racialmente segregadas.

Porém, se notamos que a institucionalização *de jure* de leis segregacionistas só ocorreu na virada do século XIX para o século XX, a política de segregação *de facto* de espaços públicos na Cidade do Cabo já ocorria há anos, mas sem conseguir separar completamente esses espaços, principalmente, porque várias relações sociais e econômicas entre os grupos raciais definidos no censo de 1904 eram demasiadamente complexas para que essa política segregacionista fosse efetivada completamente. A definição de quem seria segregado era muito difícil de ser feita, por exemplo, pela numerosa existência de *coloureds*, indivíduos que ainda não possuíam um estatuto social definido e figuravam como um grupo intermediário entre os *europeans* e os *natives*.

Diferentemente da maioria das outras cidades da África do Sul, a Cidade do Cabo possuía uma população de origem geográfica e cultural muito plural que, através de vários processos de construção identitária, passou a ser definida e se definir como *coloured*. Os *coloureds* haviam conquistado vários direitos ao longo do século XIX e, no início do século XX, a existência de uma pequena burguesia comercial, que compartilhava os mesmos espaços e ocupações dos *whites*, aproximando-se cultural e economicamente de muitos destes, figurava como um entrave para a consolidação de uma completa política segregacionista. Assim, mesmo com o espectro das províncias segregacionistas do norte, e com a falta de definição legal do estatuto político e social dessa população *coloured*, o liberalismo do Cabo manteve-se como uma política de relações que previa certa igualdade legal àqueles que foram classificados nesta categoria etno-jurídica. Pelo menos até 1910, quando da união nacional das quatro províncias (Cabo, Natal, Transvaal e Estado Livre de Orange) e dos territórios recém conquistados, esses direitos ficaram quase intocados pelo segregacionismo *de jure*.

Se concluirmos, portanto, que a Cidade do Cabo figurou como única em meio às demais cidades da África do Sul, temos que atentar para o fato de que a “grande tradição liberal do Cabo” não era imune às idéias raciais existentes na época. Durante boa parte do século XIX houve, na sociedade do Cabo, uma segregação *de facto*; entretanto, a segregação *de jure* surgiu apenas no

final do século XIX e no início do século XX. Graças a essa análise, é possível criar uma base sólida para uma crítica às visões historiográficas que destacam uma Cidade do Cabo completamente “multirracial” e “multicultural” sem a existência de conflitos e de posições contrárias ao que se refere a questões de assimilação ou segregação.

### *Organizações Políticas no século XIX*

O primeiro grupo de africanos a receber os direitos de sufrágio na Cidade do Cabo foram os Mfengu (Fingo). Após assentarem-se na região de Victoria East, os Mfengu aliaram-se às forças coloniais e durante a Sexta Guerra de Fronteira atuaram fortemente como moderadores entre os Xhosa e os colonialistas. Essa participação bélica e política fez com que os Mfengu fossem vistos como aliados da colônia e, por conseguinte, mercedores de certos direitos políticos, entre eles o direito de voto. Contudo, André Odendaal, em seu livro *Black Politics in South Africa to 1912* (1984), afirma que os africanos, em meados do século XIX, tinham pouco interesse pelo sistema político colonial, com exceção de alguns chefes que, em várias tentativas frustradas, procuravam aumentar o número de eleitores africanos. Segundo Odendaal:

A primeira tentativa em larga escala de fornecer direito de voto aos africanos ocorreu quando chefes Mfengu candidataram, sem sucesso, 600 de seus seguidores ao registro eleitoral de 1866. Contudo, apesar desse primeiro exemplo de envolvimento político, os africanos, como regra geral, não aproveitavam as garantias constitucionais de direitos políticos, embora muitos possuíssem as qualificações necessárias.<sup>vii2</sup>

Com a implementação do governo autônomo em 1872 e com a subsequente emergência dos partidos políticos locais, os africanos passaram

---

<sup>12</sup> ODENDAAL, André *Black Politics in South Africa to 1912*. Cape Town: David Philip, 1984. (p. 5).

<sup>vii</sup> The first attempt to have Africans enfranchised on a large scale occurred when Mfengu chiefs applied unsuccessfully to have 600 of their followers registered in 1866. Nevertheless, despite these early examples of political involvement, Africans as a general rule still did not avail themselves of their constitutionally guaranteed political rights, although many possessed the necessary qualifications.

a demonstrar um maior interesse pela política e pelo sistema eleitoral colonial. Odendaal indica que neste mesmo ano, mais de cem Mfengu registraram-se como eleitores em Oxkraal, cidade vizinha a Queenstown. Notamos, que esse aumento de eleitores africanos no final do século XIX marcou uma substituição dos modelos de resistência política praticados até o momento.

No último quartel do século, muitos africanos começaram a perceber que as resistências bélicas, ainda mantidas por alguns grupos, não surtiam mais o mesmo efeito de outrora. Muitos haviam assimilado o modo de vida colonial e faziam das cidades sua nova casa, incorporando deste modo uma série de elementos associados à cultura colonial europeia. Era preciso, portanto, criar novas maneiras de fazer frente às opressões sociais impostas pelos *whites*. Uma das soluções veio através de grupos que haviam recebido educação formal e institucional nas escolas missionárias. Suas perspectivas de atuação política podem ser vislumbradas, de maneira geral, no poema de Isaac Wauchope – um dos primeiros poetas Xhosa da África do Sul – que escrevia com o heterônimo de I. W. W. Citashe:

Seu rebanho se foi, meu compatriota!  
 Vá salvá-lo! Vá salvá-lo!  
 Deixe seu rifle de lado  
 E volte-se à caneta.  
 Pegue papel e tinta,  
 Pois eles são seu escudo  
 Seus direitos estão esvaecendo.  
 Então pegue sua caneta.  
 Carregue-a, carregue-a com tinta.  
 Sente-se numa cadeira.  
 Não repare Hoho<sup>13</sup>  
 Mas atire com sua caneta.<sup>vii</sup><sup>14</sup>

<sup>13</sup> Hoho era uma espécie de um forte na montanhas. Em Hoho Sandile, um importante chefe Xhosa, foi assassinado.

<sup>14</sup> ODENDAAL, A. *op. Cit.* (p. 6).

<sup>vii</sup>Your cattle are gone, my countrymen! / Go rescue them! Go rescue them! / Leave the breechloader alone / And turn to the pen.

Com a argumentação de que era necessário abandonar as práticas bélicas e assumir a caneta e a tinta como principais armas, esse grupo começou a publicar jornais e periódicos que serviam como fóruns de discussão política. O primeiro jornal que surgiu seguindo essa linha de participação política foi o *Isigidimi Sama Xhosa*. Derivado do antigo *Kaffir Express*, o *Isigidimi* surgiu em 1876 e tinha como editor-chefe o africano Elijah Makiwane, que possuía um grande vínculo com a missão de Lovedale. Odendaal ao apresentar o jornal diz que: “Em suas colunas as primeiras opiniões da nova classe de africanos letrados foram articuladas”.<sup>viii15</sup>

Dois anos após o surgimento deste periódico, terminava a última guerra de fronteira (1877-1878) entre colonialistas e grupos Xhosa e surgia, no ano seguinte, a primeira associação política *non-white* da região do Cabo: a *Native Educational Association* (NEA).

Os membros da NEA incluíam um número proeminente de africanos, entre eles, W. B. Rubusana, J. T. Jabavu, Paul Xiniwe, W. Z. Soga, A. H. Maci and William Gqoba. Segundo Odendaal:

Clérigos e professores figuraram com evidência entre os associados (Makiwane e Mzimba foram os primeiros pastores africanos graduados em Lovedale), mas havia também comerciantes, homens de negócios, intérpretes, construtores de carroças e agentes de trabalho.<sup>ix16</sup>

A partir de 1882, a NEA percebeu que, além de estar vinculada à imprensa, era preciso marcar uma posição de luta por avanços sociais e políticos para atingir um maior número de leitores e associados. Por isso, suas principais demandas eram por melhorias educacionais, melhor

---

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Idem.

Take paper and ink, / For that is your shield / Your rights are going! / So pick up your pen. / Load it, load it with ink. / Sit on a chair. / Repair not to Hoho / But fire with your pen.

<sup>viii</sup> In its columns the early views of the new class of literate Africans were articulated.

<sup>ix</sup> Churchmen and teachers figured prominently among the members (Makiwane and Mzimba were the first African ministers to have graduated from Lovedale) but there were also tradesmen, businessmen, interpreters, wagon-makers and labour agents.

remuneração dos professores e trabalhadores em geral e melhor condição jurídica e social para os *natives* através da demonstração de um caráter sócio-moral passivo e cooperativo.

As reuniões da NEA ocorriam regularmente por toda a província do Cabo e a pauta de discussão centrava-se em torno de temas como a educação para os africanos, qual o destino dos mesmos após a saída da escola missionária, como estava sendo feita a difusão da literatura africana, os problemas relacionados à falta de apreço pelo serviço prestado pelas escolas missionárias etc. Contudo, nestes fóruns também surgiam discussões referentes à política do governo colonial, como por exemplo, em relação às leis de passe de trânsito.

Entretanto, apesar de criticada por alguns missionários por seu caráter reivindicativo, a NEA não se consolidou como uma organização política capaz de representar o avanço político e social dos africanos da província do Cabo. Isso fica claro pela própria posição de seu primeiro presidente, Elijah Makiwane, que apoiava completamente a idéia de que os africanos eram inferiores aos europeus e tinham que se manter em uma posição de aceitação, contrariando assim os membros mais jovens da associação que incitavam discussões referentes à posição social inferior ocupada pelos africanos. Nas palavras de Elijah: “As novas gerações esquecem que os *natives* são uma raça inferior<sup>x</sup>”; Makiwane ainda afirmava que seria estupidez acreditar que uma população que apenas recentemente tivera contato com a “civilização” seria capaz de ser comparada com a nação que produziu Shakespeare, Bacon e Milton.

As idéias de Elijah Makiwane aproximam-se muito dos argumentos de James Stewart, que foi durante muito tempo diretor geral da missão de Lovedale. Para Stewart, apenas alguns africanos possuíam uma capacidade intelectual como a dos europeus:

Há um jornal *native* – o mais antigo produzido por essa raça – que existe há dez anos e continua funcionando com ajuda de homens que não tem a

---

<sup>x</sup> The rising generations forget that the natives are a inferior race.

pele negra. Seu nome é *Isigidimi Samaxosa* (sic). Ele é publicado em Lovedale. Esse jornal serviria igualmente ao meu propósito se fosse publicado em outro lugar, e sua história seria a mesma. E não é porque se trata de uma produção de Lovedale que eu me refiro a ele, mas porque eu não tenho outro como exemplo. Agora, com exceção de artigos escritos ou rascunhados por *whites* que contribuem com o jornal; e por seu editor *native*, o Sr. Makiwane; e um ou dois trabalhos do Reverendo Tiyo Soga, não apareceu em dez anos de existência desse periódico feito para os *natives*, nada que confirme que eles possuem idéias acima da média, ou se a possuem, não conseguem expressá-las corretamente.<sup>XI7</sup>

Notamos claramente, pelas passagens de Elijah Makiwane e de James Stewart, que há uma mentalidade presente em diversos setores da sociedade do Cabo que imputava aos africanos uma inferioridade racial – o fato de nenhum *black* ter produzido um texto suficientemente bom – e uma distância imensa em relação à “civilização” – os africanos não sabem se expressar coerentemente através da escrita, capacidade básica para qualquer homem “civilizado”.

A NEA sobreviveu até a virada do século. Porém não desempenhou nenhum papel de união e de representação política de destaque.

A primeira organização que realmente apoiou uma idéia de luta política pelos direitos africanos foi a *Imbumba Yama Nyama*. Surgida em 1882, em Port Elizabeth, seu nome derivava das palavras *imbumba yamanyama* (duro, sólido, força muscular) ditas por Ntsikana, que segundo Odendaal, foi o primeiro africano a ser convertido ao cristianismo. O *Imbumba* pode ser interpretado como uma resposta direta ao crescimento do *Afrikaner Bond*.

---

<sup>17</sup> IN: WILLIAMS, John A. *From the South African Past: Narratives, Documents, and Debates*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1997. (p. 156).

<sup>18</sup> There is a native newspaper – the longest lived of its race – which has now been ten years in existence and is kept going by men, whose skin are not black. Its name is the *Isigidimi Samaxosa* (sic). It is published at Lovedale. It would have served my purpose equally well had it been published anywhere else, and its history been the same as it is. And it is not because it is a Lovedale production that I refer to it, but because I have no other such instance as an example.

Now, with the exception of the papers written or drawn out in line by white men who have contributed; and by the native editor, Mr. Makiwane; and one or two papers by the Rev. Tiyo Soga, there has not apperead in ten years in that paper for the natives, anything written by native men of a kind to warrant the belief that they have ideas beyond the average; or if they have them, that they can put them into proper form and expression

Para os membros da organização africana o verdadeiro *Afrikaner Bond* pertencia a eles, enquanto os *afrikaners* formavam apenas um *Boeren Bond*.

Durante 1882-6, o *Imbumba*, assim como o *Afrikaner Bond*, conseguiu registrar um grande número de eleitores e influenciou vários setores da sociedade a tomar partido na política colonial. Entre os influenciados pela organização estava Tengo Jabavu que, através de seu jornal *Imvo Zabantsundu*, conseguiu apoiar e eleger o candidato liberal James Roses Innes, em 1884, na região de Victoria East.

Nascido em Healdtown, em 1859, John Tengo Jabavu fazia parte do grupo daqueles primeiros *Mfengu* a adquirir direitos de sufrágio no Cabo. Quando criança estudou em sua cidade natal e aos 17 anos tornou-se professor em Somerset East. Desde cedo demonstrou interesse pela política e participava como freqüente correspondente de jornais da Cidade do Cabo.

Jabavu sempre dependeu de auxílio financeiro de patrocinadores *whites* e, por isso, “durante sua carreira, ele se aliou a políticos *whites* que afirmavam ser ‘amigos dos *natives*’ – defensores dos direitos africanos existentes, incluindo o direito ao voto, e advogados da extensão desses direitos – indivíduos que eram, pela definição de Tengo Jabavu, liberais.”<sup>xiii</sup>

Em realidade, todas as organizações *blacks* surgidas no século XIX tinham em algum nível uma dependência da comunidade *white* – fossem as associações surgidas em Glen Grey (*South African Native Association* e a *Thembu Association*), ou aquelas surgidas em Kentani, King William’s Town, Victoria East etc.

A dependência era associada à presença das missões – locais que serviam de escola para os jovens africanos –, à necessidade de angariar recursos para a impressão dos jornais – com fundos de patrocínio dos *europeans* – e às dificuldades de se eleger um membro *non-white* para qualquer cargo municipal ou provincial, o que gerava um consenso, por parte dessas organizações, em apoiar políticos liberais *whites*.

---

<sup>18</sup> HIGGS, Catherine. *The Ghost of Equality: The public lives of D. D. T. Jabavu of South Africa, 1885-1959*. Ohio: Ohio University Press, 1997 (p. 13).

<sup>19</sup> he did ally himself throughout his career with white politicians whom he perceived to be ‘friends of the natives’ – defenders of existing African rights, including the franchise, and advocates of the extension of those rights – individuals who were, by Tengo Jabavu’s definition, liberal.

Odendaal ainda afirma que apesar dessas organizações ajudarem a desenvolver as percepções políticas e a unidade dos africanos, elas não tiveram sucesso em mobilizar e representar a opinião africana, com exceção daquela liderada por Tengo Jabavu que, em seu periódico, procurava aproximar os *natives* entre si e estes dos *whites*. Várias discussões políticas permeavam o jornal (como a lei de passes, os regulamentos domiciliares, as leis de bebidas alcoólicas, a administração diferenciada para *europeans* e *natives* etc) e serviam para que Jabavu despontasse como o porta-voz e agitador político da opinião africana. Segundo Odendaal:

Ele lançou uma campanha geral de mobilização pelo registro de eleitores africanos, e em 1887 liderou protestos africanos contra a lei Parlamentar de Registro de Eleitores que reduzia o voto africano após a incorporação dos territórios do Transkeian à Colônia do Cabo.<sup>XIII<sup>19</sup></sup>

Contudo, a posição política de Jabavu tornou-se cada vez mais conservadora. E em 1896, pela primeira vez, houve uma grande ruptura que fez com que os africanos se dividissem em relação ao partido a ser apoiado. Com o fim da aliança entre ingleses e *afrikaners*, após o episódio do Jameson Raid, Jabavu viu seus aliados juntarem forças com Hofmeyer, líder do *Afrikaner Bond*, e acabou cedendo para o mesmo lado. Os Mfengu seguiram o líder do *Imvo* e aliaram-se aos *afrikaners*; contudo, os Xhosa mostraram-se inconformados com essa atitude e passaram a fazer uma resistência à liderança de Jabavu.

Esse embate entre Xhosa e Mfengu não era, contudo, fruto apenas da mudança política efetuada por Jabavu. Segundo André Odendaal:

Antipatias entre os Mfengu e outros grupos falantes de Xhosa existiam desde que os primeiros, que no passado haviam sido servos dos Xhosa e dos Thembu, migraram para o Cabo como refugiados vindo do Natal e receberam um bom tratamento por causa de suas relações com os colonizadores. Subseqüentemente os Xhosa foram subjugados com a ajuda

<sup>19</sup> ODENDAAL, A. *op. Cit.* (p. 12).

<sup>XIII</sup> He launched a widespread registration campaign aimed at mobilizing the African vote, and in 1887 he led African protests against the Parliamentary Voter's Registration Act which curtailed the African vote after the incorporation of the Transkeian Territories into the Cape Colony

dos Mfengu e muitos acabaram como empregados nas fazendas de seus antigos servos, alguns dos quais haviam tornado-se fazendeiros. Os Mfengu, que foram os primeiros africanos a participar nas eleições políticas, ressentiam-se com os jovens políticos Xhosa que começavam a emergir no final do século.<sup>XIV<sup>20</sup></sup>

O choque entre os Mfengu e os Xhosa deu origem a um jornal Xhosa dissidente daquele editado por John Tengo Jabavu. Liderado por Walter Benson Rubusana e pelo Reverendo Tiyo Soga, o jornal *Izwi Labantu* (literalmente “Voz do Povo”), tinha o apoio financeiro do conquistador e imperialista Cecil Rhodes e, foi graças ao jornal, que este grupo despontou como o primeiro a formar um grande movimento político ao qual Jabavu não estava relacionado.

Em 1898 o *Izwi* organizou uma convenção eleitoral e decidiu pela formação de uma organização vigilante e questionadora das práticas de abuso de poder dos *whites*. Assim surgia o *South African Native Congress* (SANNC).

Já no final do século XIX havia sido constituída uma classe de africanos politicamente ativos na Cidade do Cabo. Esses africanos representavam uma grande porcentagem do número de eleitores na virada do século (8.000 eleitores *non-whites* eram contabilizados na altura) e, apesar de não terem elegido nenhum candidato *black* até a eleição do Dr. Abdullah Abdurahman, essa classe tornou-se amplamente influente na vida social e política da colônia, superando a influência do poder dos chefes tradicionais.

### *A Guerra do homem White:*

#### *As mudanças políticas ocorridas com a Guerra Anglo-Bôer*

O último ano do século XIX marca o início da Guerra Anglo-Bôer e a conseguinte mudança estrutural na sociedade sul-africana. O intuito deste pequeno capítulo, contudo, não é descrever a guerra em suas minúcias e detalhes, mas sim demonstrar a posição e as esperanças de algumas

---

<sup>20</sup> Idem (p. 14).

<sup>XIV</sup> Antipathy between the Mfengu and the other Xhosa-speaking groups had existed ever since the former, who in the past had been servants of the Xhosa and Thembu, had fled into the Cape as refugees from Natal and had received favoured treatment because of their relations with the colonialists. Subsequently the Xhosa were subjugated with the help of the Mfengu and many of them ended up in the employ of their former servants, some of whom had become farmers. The Mfengu, who had been the first Africans to participate in electoral politics, resented the younger Xhosa politicians who began to emerge towards the end of the century.

organizações políticas africanas frente às políticas inglesas e *afrikaners* durante o conflito armado.

A propaganda política inglesa no final do século XIX fomentava a idéia de que os *afrikaners* faziam parte de um passado “bárbaro” e arcaico e precisavam ser detidos para pararem de promover políticas segregacionistas que feriam os direitos dos *natives* nas Repúblicas do norte. Essa propaganda pode ser percebida inclusive nos pronunciamentos oficiais do Império britânico que, antes e durante os conflitos, afirmavam que a vitória britânica marcaria uma nova era nas relações políticas entre *whites* e *natives*.

Contudo, não podemos pensar que o conflito foi inteiramente travado com este intuito de justiça para todos na África do Sul. Segundo George Fredrickson:

Seria, contudo, um grave erro descrever o novo conflito que culminou na Segunda Guerra Anglo-Bôer de 1899-1902 essencialmente como uma luta entre ideologias raciais benignas e opressivas. É verdade que os britânicos protestaram e fizeram propaganda diretamente no Transvaal na década de 1890 acusando o mal-trato de africanos e, particularmente, a discriminação contra indivíduos britânicos *non-whites* (*coloureds* do Cabo e imigrantes *indians*) para fortalecer o argumento de que a independência republicana era um afronte aos princípios de justiça e igualdade Anglo-Saxões. Mas a maior parte das queixas britânicas relacionavam-se à negação de direitos políticos aos imigrantes, na maioria de origem britânica, que haviam invadido o Witwatersrand depois da descoberta de ouro em 1886 e que logo poderiam tornar-se a maioria da população *white* masculina da república. Foi a partir do desejo de controlar as minas de ouro e prevenir um Transvaal independente de emergir como um estado rico e poderoso, que ameaçaria a hegemonia britânica na África Austral, que surgiu o maior ímpeto para a pressão, propaganda, e intriga que levou à guerra em 1899.<sup>xv21</sup>

<sup>21</sup> FREDRICKSON, G. *op. Cit.* (p. 194).

<sup>xv</sup>It would, however, be grossly misleading to describe the renewed conflict that led to the Second Anglo-Boer War of 1899-1902 as essentially a struggle between benign and oppressive racial ideologies. It was true that British protest and propaganda directed at the Transvaal in the 1890s sometimes used accusations of the mistreatment of Africans and, more particularly, of discrimination against nonwhite British subjects (Cape Coloureds and Indian immigrants) to strengthen a case that republican independence was an affront to Anglo-Saxon principles of justice and equality. But the major British grievance was the denial of political rights to the immigrants, mainly of British origin, who had poured into the Witwatersrand after the discovery of gold in 1886 and might eventually become a majority of the white male population of the republic. It was the desire to control the gold fields and prevent an independent Transvaal from emerging as a wealthy and powerful state that would threaten British hegemony throughout southern Africa that provided the main impetus for the pressure, propaganda, and intrigue that led to war in 1899.

Contudo, independente dos motivos para o início da guerra, o importante é que concomitantemente às diversas situações que levaram ao conflito, foi construído, no campo político e social, todo um discurso que pregava que a guerra serviria para melhorar a condição de vida dos *non-europeans* de toda a África do Sul.

Políticos e jornalistas da colônia do Cabo constantemente destacavam o perigo da política segregacionista implementada pelos *afrikaners* no norte e a necessidade de uma intervenção britânica. Para exemplificar uma dessas vozes consonantes à sociedade do Cabo do fim do século XIX, podemos vislumbrar uma passagem do discurso do secretário colonial do Cabo, que, em 1899, apregoava que “O tratamento dos nativos [no Transvaal] é vergonhoso; é brutal; indigno de um Poder civilizado<sup>XVI22</sup>.”

Devemos ainda ter em mente que era construído todo um arcabouço de argumentação que fazia com que a “raça” não figurasse, para os ingleses do Cabo, como o legitimador de direitos civis, dando assim, maiores esperanças de assimilação para grupos *non-europeans* pertencentes a uma emergente elite política e intelectual da região. A propaganda política inglesa construía sentidos e significados para essa esperança de assimilação e constantemente era evocada para justificar vários dos interesses britânicos, como vemos, por exemplo, nas palavras de Lorde Milner: “Não é a raça, mas sim a civilização que atesta a capacidade de um homem para possuir direitos políticos<sup>XVII23</sup>.”

André Odendaal destaca em seu já citado livro o papel das organizações africanas neste contexto de produção de sentidos referentes à guerra. Segundo o autor, “os pronunciamentos Imperiais sem dúvida alimentaram expectativas entre os africanos politicamente conscientes, e encorajou-os a apoiar o esforço britânico na guerra”.<sup>XVIII24</sup> O jornal *Izwi Labantu* constantemente se mostrava

---

<sup>22</sup> ODENDAAL, A. *op. Cit.* (p. 30).

<sup>23</sup> *Idem.*

<sup>24</sup> *Idem.* (p. 31).

<sup>XVI</sup> The treatment of the Natives [in the Transvaal] has been disgraceful; it is brutal; it has been unworthy of a civilised Power

<sup>XVII</sup> It is no race but civilization which is the test of a man's capacity for political rights.

<sup>XVIII</sup> The Imperial pronouncements undoubtedly gave rise to expectations amongst politically conscious Africans, and encouraged support for the British war effort.

favorável à intervenção, isso porque “de acordo com o *Izwi* apenas o triunfo dos ideais democráticos britânicos garantiriam um progresso durador, prosperidade e paz para a África do Sul”.<sup>XIX<sup>25</sup></sup>

A intervenção inglesa figurava como a solução para a questão *native*, isto é, caso os ingleses vencessem a guerra todos os princípios raciais e segregacionistas seriam abolidos da sociedade e criar-se-ia uma nova concepção política, na qual a capacidade individual reinaria frente à característica racial dos grupos locais.

Contudo, vários grupos políticos africanos não apresentavam uma homogeneidade quanto ao posicionamento pró-britânico. A idéia defendida pelo jornal editado por Soga e Rubusana, o *Izwi Labantu*, diferia enormemente daquela apoiada por Jabavu e por seus seguidores. Para o editor do *Imvo Zabantsundu*, Tengo Jabavu, a guerra não era necessária e, portanto, era preciso adotar uma postura pacifista e pró-*afrikaner*. Este posicionamento, somado às alianças políticas de Jabavu, era alvo de críticas, principalmente do jornal de oposição, o *Izwi Labantu*, que ilustrava Tengo Jabavu como um traidor partidário do *Afrikaner Bond*.

A Guerra Anglo-Bôer era oficialmente uma guerra dos *europeans*. Não havia, teoricamente, o intuito de fazer com que os *non-europeans* participassem do conflito. Contudo, milhares de africanos e *coloureds* participaram do conflito de maneiras diretas e indiretas, tanto no *front* como na retaguarda, trabalhando com suprimentos e com estruturas capazes de auxiliar o avanço dos *europeans*. Toda a participação dos *non-europeans* era legitimada pela crença de que a vitória inglesa melhoraria tanto suas condições de vida como proporcionaria um aumento nos direitos daqueles desprivilegiados.

Após três anos de guerra, os ingleses saíram vitoriosos do conflito. Entretanto, as esperanças delineadas por aqueles que apoiaram ou envolveram-se nos conflitos foram radicalmente frustradas. A posição adotada pelos ingleses, no último ano da guerra, fica clara na proposição de Lorde Kitchener que, para conseguir um tratado de paz com os *afrikaners*, afirmou

---

<sup>25</sup> Idem.

<sup>MX</sup> according to the *Izwi* only the triumph of British democratic ideals would ensure lasting progress, prosperity and peace for South Africa.

categoricamente que o objetivo do tratado de paz era “assegurar o predomínio das raças *whites*”.<sup>XX26</sup>

E foi este posicionamento de Kitchener que figurou como o golpe final para os *non-europeans*; o Tratado de paz de Vereeniging, assinado em 1902, deixava transparecer quais seriam as atitudes do governo britânico em relação aos *natives* e aos demais indivíduos *non-whites* da Colônia do Cabo. O documento deixava claro o intuito de preservar o *status quo* das populações desprivilegiadas frente à dominação inglesa e *afrikaner*, ao menos até o estabelecimento de um governo autônomo e nacional. Entre os dez artigos do Tratado apenas o oitavo artigo refere-se à questão *native*, e mesmo assim de maneira vaga:

8. A questão sobre o direito de voto dos *Natives* não será decidida até o término da introdução do governo autônomo.<sup>XX127</sup>

André Odendaal afirma que:

O tratado de Vereeniging foi um grande choque para os africanos. Ao invés de aliviar seu posicionamento político, o *status quo* foi mantido. Eles reclamaram que os *afrikaners*, que haviam sido ‘inimigos do Rei’ e causadores da guerra com os britânicos, eram privilegiados enquanto os interesses dos africanos, que haviam mostrado sua lealdade com ‘coração e ação’, eram ignorados.<sup>XX128</sup>

O final da Guerra deflagrou uma nova realidade política e social na África do Sul. O princípio de igualdade pregado e construído por alguns grupos coloniais, nos anos anteriores ao conflito, já não estava presente na

<sup>26</sup> Idem (p. 37).

<sup>27</sup> Oitavo artigo o Tratado de Vereeniging (1902).

<sup>28</sup> ODENDAAL, A. *op. Cit.* (p. 37).

<sup>XX</sup> to secure the just predominance of the white races.

<sup>XXI</sup> The question of granting the Franchise to the Natives will not be decided until after the introduction of Self-Government

<sup>XXII</sup> The treaty of Vereeniging came as a rude shock to Africans. Instead of alleviating their position, the status quo was maintained. They were aggrieved that the Afrikaners, who had been ‘enemies of the King and British principles’ in a war, were favourably treated, while the interest of Africans who had shown their loyalty by ‘heart and deeds’ were ignored.

pauta de discussão governamental. Esta nova realidade mostrava que o poder Imperial havia se curvado diante das políticas segregacionistas. Ao invés do liberalismo do Cabo ser ampliado para as quatro províncias (Cabo, Natal, Transvaal e Estado Livre de Orange), as políticas de classificação racial e de superioridade *white*, impostas e transpostas para aquelas regiões que outrora viveram sob um regime maior de igualdade legal.

A situação complicava-se. O governo, cada vez mais, endurecia as relações raciais e legitimava as práticas das antigas Repúblicas Bôeres. Os *non-europeans* por fim pagaram um preço alto pela “guerra do homem *white*”.

### *O surgimento da African Political (People’s) Organization (APO) e seu presidente o Dr. Abdullah Abdurahman*

E foi neste cenário de complexas relações políticas e sociais que a primeira significativa organização *coloured* surgiu. Dialogando diretamente com os princípios do liberalismo do Cabo, com as demais organizações políticas africanas e lutando contra a erosão dos direitos políticos adquiridos ao longo do século XIX, a *African Political (People’s) Organization* figurou, até meados da década de 1940, como a maior organização *non-european* da África do Sul.

Fundada em Claremont, cidade próxima à Cidade do Cabo, em 1902, a APO surgiu como uma resposta às constantes práticas segregacionistas desenvolvidas ao longo das últimas décadas do século XIX e à exclusão política e social dos *coloureds* prescrita no Tratado de Vereeninging. Segundo Mohamed Adhikari, “A APO foi a primeira associação política *coloured* pertinente e dominaria os protestos políticos *coloureds* por aproximadamente trinta e cinco anos”.<sup>XXIII29</sup> Seu papel foi central ao longo das primeiras décadas do século XX, tanto por defender ferozmente os privilégios políticos dos *coloureds*, como por lutar pela extensão das oportunidades educacionais para a juventude *coloured*.

<sup>29</sup> ADHIKARI, Mohamed. ‘The product of civilization in Its Most Repellent Manifestation’: Ambiguities in the Racial Perceptions of the APO (African Political Organization), 1909-1923. IN: The journal of African History, vol. 38. n. 2, 1997 (p. 285).

<sup>XXIII</sup> The APO was the first substantive Coloured political association and would dominate Coloured protest politics for nearly thirty-five years.

O primeiro presidente da APO, W. Collins, via a educação para os jovens como um meio de avançar na participação política da Colônia e uma maneira de construir um arcabouço cultural “civilizado”. A idéia central de W. Collins era vinculada com a argumentação de que a “civilização” era o diferencial para que qualquer homem pudesse alcançar direitos políticos, independentemente de sua “raça”. Neste sentido, procurou dialogar com a pequena burguesia *coloured* e formar um grupo capaz de questionar as práticas segregacionistas que estavam em curso de implementação, assim como lutar para que os *coloureds* fossem reconhecidos como “civilizados”, o que implicava um tratamento político e social melhor que aquele aplicado às populações classificadas legalmente como *natives*.

No início do século XX a educação *coloured* era vinculada às escolas missionárias. Os professores e alunos *coloureds*, contudo, viam que essa educação não lhes fornecia base intelectual suficiente para alcançar um pleno desenvolvimento social. Não é coincidência, portanto, que a *African Political (People's) Organization* tenha surgido primeiramente como uma organização liderada por professores e estudantes, além de trabalhadores liberais, que protestavam pela obrigação governamental em fornecer ensino de qualidade para todos os *coloureds*. O período de formação da organização caminhava lado a lado com a política de formação institucional de classificações étnico-jurídicas no Cabo e forçosamente lutava para conseguir, através da demonstração de que existiam *coloureds* “civilizados”, um *status* diferente daquele dos *natives*. Com isso a organização, além de lutar pela aquisição de direitos, construía uma idéia de identidade diferenciada das demais coletividades do Cabo.

A APO, contudo, só passou a desempenhar um papel de destaque em meio à comunidade *coloured* quando o Dr. Abdullah Abdurahman foi eleito seu presidente, em 1905. Segundo Adhikari: “Sobre a liderança do carismático Abdullah Abdurahman, que foi presidente de 1905 até sua morte em 1940, a APO dominou os protestos políticos *coloureds* por quase quatro décadas”.<sup>XXIV30</sup> Assim, a organização tornou-se o principal veículo de expressão

---

<sup>30</sup> ADHIKARI, Mohamed. *Not White Enough, Not Black Enough: Racial identity in the South Africa Coloured Community*. Cape Town: Ohio University Press, 2005 (p. 4).

<sup>XXXV</sup> the leadership of the charismatic Abdullah Abdurahman, who served as president from 1905 until his death in 1940, the APO dominated Coloured protest politics for nearly four decades.



1. Dr. Abdullah Abdurahman

das aspirações assimilacionistas e dos medos do aumento das políticas segregacionistas em meio ao grupo *coloured* até meados da década de 1940.

Abdullah Abdurahman nasceu em 12 de Dezembro de 1872 em Wellington, próximo à Cidade do Cabo. “A família Abdurahman era de origem humilde, seus avós haviam sido escravos que haviam conseguido comprar a liberdade”.<sup>xxv31</sup> Seu pai era muçulmano e estudou em Al-Azhar, no Egito (um dos maiores centros de ensino do *Nahda* ou renascença árabe do século XIX) e, como teólogo e letrado, exerceu grande influência sobre seus filhos.

Abdullah teve privilégios que poucos de seu estatuto social e etno-jurídico tiveram. Conseguiu graduar-se em medicina pela Universidade de Glasgow, na Escócia, no ano de 1893, e assim tornou-se um dos três médicos *non-europeans* da Colônia do Cabo da Boa Esperança<sup>32</sup>. Em 1895 retornou à Cidade do Cabo, casado com uma escocesa, e começou a envolver-se com política.

No ano de 1904, um ano antes de ser eleito presidente da APO, tornou-se o primeiro *coloured* a ser eleito para o Conselho da Cidade do Cabo. “O jornalista George Manuel escreveu que inicialmente vários vereadores viam a presença de Abdurahman na câmara como um afronte às suas dignidades e, inclusive, alguns se negavam a sentar-se próximo a ele”.<sup>xxvi33</sup> Contudo, graças à sua personalidade, sua perspicácia política e habilidade

<sup>31</sup> ADHIKARI, M. ‘The product of civilization in Its Most Repellent Manifestation’: Ambiguities in the Racial Perceptions of the APO (African Political Organization), 1909-1923. IN: The Journal of African History, vol. 38. n. 2, 1997 (p. 288).

<sup>32</sup> Os outros dois eram: William Anderson Soga (*Native*) e Mohammed Omer Dollie (*coloured*), havia também uma mulher *white* que praticava medicina, cujo nome era Jane Elizabeth Waterston.

<sup>33</sup> ADHIKARI, M. Dr. Abdullah Abdurahman 1872-1940 IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>

<sup>xxv</sup> Abdurahman’s family was of humble origin, his grandparents having been slaves who had managed ‘to buy their freedom.

<sup>xxvi</sup> Journalist George Manuel reported that initially many councilors regarded Abdurahman’s presence in the chamber as an affront to their dignity and that some even refused to sit next to him.

como administrador, foi capaz de conquistar o respeito de muitos e conseguiu ocupar esse cargo até sua morte.

Quando o Dr. Abdullah Abdurahman tornou-se presidente da APO, seu poder como membro do conselho aumentou muito, pois, agora na liderança da organização, era capaz agora de arrebanhar um número grande de *coloureds* votantes. Esse poder era revertido em grande medida para melhorar a condição sócio-econômica dos *coloureds* mais pobres e por isso, “ele merecidamente ganhou uma reputação de campeão dos pobres”.<sup>XXVII34</sup>

Em 1914, Abdurahman tornou-se o primeiro *coloured* a ocupar um cargo no Conselho da Província do Cabo, trabalhando diretamente com questões relativas à saúde e à educação. Neste cargo, no entanto, sua participação era menos significativa, uma vez que neste nível político o número de *coloureds* votantes era menor.

Foi, contudo, como presidente da *African Political (People's) Organization* (APO.) que o Dr. Abdurahman teve sua maior importância política. O Dr. Abdurahman havia se associado à organização já em 1903, mas foi apenas após ter assumido a presidência que suas idéias puderam ser percebidas e respeitadas. Como presidente, foi capaz de impedir que a organização desmoronasse em várias facções (devido ao próprio caráter da classificação *coloured* que incluía uma enorme pluralidade de indivíduos que não se aproximavam, muitas vezes, em termos lingüísticos, religiosos, origem geográfica, descendência etc) e promoveu a fundo uma idéia de *coloured* como unidade identitária. Sua participação era tão marcante e duradoura (ele se manteve no cargo até sua morte em 12 de fevereiro de 1940) que as pessoas constantemente brincavam que APO significava *Abdurahman's Political Organization*<sup>35</sup>.

Considerado um excelente orador e um líder carismático, exerceu muita influência na comunidade *coloured* como um todo. Nos primeiros anos de sua presidência não havia outras organizações capazes de abalar as bases e o número de representados pela *African Political (People's) Organization*; somente

---

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>XXVII</sup> he deservedly gained a reputation as a champion of the poor.

anos mais tarde, na década de 1930, quando a organização e o próprio Dr. Abdullah Abdurahman passaram a ser vistos como reacionários e conservadores, é que ele virá a perder esse prestígio.

Grande parte da luta do Dr. Abdurahman era voltada para a aquisição de direitos iguais entre *coloureds* e *whites*. Em sua própria argumentação:

Nós devemos convencer as pessoas da África do Sul que nós não somos apenas homens merecedores de direitos políticos, mas que também somos qualificados para exercer esses direitos como os indivíduos das classes privilegiadas. Nós devemos provar ao mundo que caráter e conduta não são possessões exclusivas das pessoas de pele branca, mas que essas qualidades independem da cor de pele do homem e são baseadas em outros princípios”.<sup>xxviii36</sup>

Porém, mesmo afirmando que as qualidades eram independentes da cor da pele das pessoas, a organização tinha como princípio-guia a idéia de que a “civilização” era a única capaz de conduzir a patamares superiores de desenvolvimento: por isso, não incluía como membros da APO os classificados como *natives*, considerados “bárbaros”.

Contudo, seus feitos na área de aquisição de direitos políticos são mínimos. Além de representar uma comunidade marginal ao sistema (os *coloureds* representavam cerca de 9% da população sul-africana, mas poucos tinham direito a voto – o voto era censitário), ele estava lutando contra um processo que ia na direção oposta a das suas propostas: tinha de combater a supremacia *white*, e principalmente *afrikaner*, cada vez mais atuante com o propósito de segregar as populações *non-europeans* e a retirar seus direitos civis e legais. Essa prática era muito difícil de ser combatida.

Porém, o impacto de suas idéias foi extraordinário. Abdullah Abdurahman e o *corpus* da organização foram cruciais na criação de idéias

---

<sup>36</sup> ADBDURAHMAN, Abdullah. *The 1910 presidential Address* IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>xxviii</sup> We must convince the people of South Africa that we are not only as men entitled to political rights, but that we are just as well qualified to exercise these rights as are those of the privileged class. We must prove to the world that character and conduct are not the exclusive possessions of white-skinned people, but that these qualities are independent of the colour of a man's skin and are based on other foundations.

identitárias e nacionais comuns a uma grande maioria da comunidade *coloured*. Por isso, é preciso compreender sua produção intelectual e sua vida como fundamentadora e artífice na construção de uma identidade socialmente compartilhada por milhares de pessoas.

A APO teve como principal bandeira a luta pela igualdade legal com a comunidade *white* – bôeres e ingleses. Suas preocupações em afirmar que o grupo *coloured* era tão “civilizado” quanto os classificados como *white/european* criaram todo um campo de crítica às práticas de vida cotidiana. A organização lutava pela diminuição do consumo de álcool na comunidade e pelo fim de práticas consideradas “bárbaras”. Sua posição era conservadora e rígida, apoiada basicamente na aproximação com a população anglófona – Dr. Abdullah fazia questão de grifar o caráter universal do idioma inglês no jornal da APO, apesar da maioria dos *coloureds* ter como língua materna o *Cape-Dutch* (que mais tarde seria institucionalizado como uma das duas línguas oficiais da África do Sul, a partir de 1925, assumindo o nome de *Afrikaans* e associada, a despeito dos *coloured*, como insígnia de identificação étnica, ao grupo *afrikaner*).

Envolto neste complexo sistema, os discursos do Dr. Abdullah Abdurahman servirão para compreender qual o papel e a importância dos *coloureds* na produção de uma identidade política, social, religiosa, moral etc, na Cidade do Cabo do começo do século XX.



## [capítulo II]

### *Análise dos Documentos (Primeira Parte)*

#### *A Política Assimilacionista (1906-1909)*

No dia dois de janeiro de 1906, às 11h20min, o Dr. Abdullah Abdurahman, recém-eleito presidente da *African Political (People's) Organization*, discursou durante uma hora e meia na conferência anual da APO. Estavam presentes na reunião os delegados regionais da organização e representantes *whites* do governo da província do Cabo, assim como uma parcela da elite burguesa *coloured* (essa elite burguesa acompanhava e financiava a organização). Mohamed Adhikari explica essa nova classe social:

A elite *coloured*, formada por um pouco mais de cinco por cento da população *coloured*, era formada majoritariamente por artesões, pequenos comerciantes, garçons, clérigos, professores, e por um punhado de outras profissões nas primeiras décadas do século XX. Essa pequena burguesia nascente foi assimilada à cultura burguesa ocidental compartilhando completamente seus valores, aspirações e práticas sociais.<sup>101</sup>

O tom do primeiro discurso presidencial de Abdurahman destacou a necessidade de uma política assimilacionista frente às constantes práticas segregacionistas em voga no período. A presença dos representantes governamentais indicava, segundo o Dr. Abdurahman, “que havia várias questões no país nas quais eles [os representantes governamentais] desejavam expressar suas opiniões.”<sup>102</sup>

---

<sup>01</sup> ADHIKARI, Mohamed. *op. Cit.* 2005 (p. 68).

<sup>02</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1906 Presidential Address*, Cape Town: 1906. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>1</sup> The Coloured elite, forming little more than 5 percent of the Coloured population, consisted largely of artisans, small retail traders, clerks, clerics, teachers, and a handful of professions in the earlier decades of the twenty century. This nascent petite bourgeoisie was assimilated to Western bourgeois culture on the whole sharing its values, aspirations, and social practices.

<sup>2</sup> that there are many questions in the country on which they wished to express their opinion.

Essas várias questões, para o presidente da organização, estavam diretamente ligadas ao relacionamento entre *whites* e *coloureds* e à construção de uma nação na qual ambos pudessem conviver em paz e tolerância. A paz nacional só seria atingida com a associação entre *white* e *coloured* em pé de igualdade. Nota-se que nessa lógica não há qualquer menção a uma necessidade de assimilação daqueles classificados como *natives* a essa nação ideal.

Para o Dr. Abdurahman, o discurso vigente de inferioridade racial dos *coloureds* era um grave erro social. A medida para a aquisição de direitos, civis e legais, deveria estar pautada na “civilização” e não na “raça”. Segundo Abdurahman:

Assumindo que os *whites* fossem superiores, seria uma superioridade moral, física ou intelectual? Ele [o *white*] não seria um juiz imparcial para premiar os *coloureds* com o primeiro lugar por sua superioridade moral. Em relação à superioridade intelectual os *europeans* atingiram um alto nível na civilização, enquanto as pessoas *coloureds* ainda tem um longo caminho a percorrer. Mas para formar uma estimativa verdadeira os *coloureds* deveriam ser comparados àqueles que ocupam um status de vida similar em países Europeus. Então descobrir-se-ia que os *coloureds* não são de maneira alguma inferiores. *Fornecendo os devidos recursos, os coloureds também poderiam alcançar um alto nível. Os europeans não podem esquecer que eles uma vez também foram removidos da civilização Romana assim como os coloureds comuns são agora removidos da civilização white. Se as mesmas restrições houvessem sido aplicadas aos antepassados das atuais gerações white, como é feito agora com os coloureds, teriam os europeans atingido a atual posição de orgulho?*<sup>103</sup>

Neste excerto vemos claramente o posicionamento do Dr. Abdurahman, tanto em caráter político como identitário. Em função da aquisição de direitos

<sup>103</sup> Idem. [grifos meus]

<sup>103</sup> Assuming that the whites were superior, was it a moral, physical or intellectual superiority? He [the white man] was not an impartial judge to award to the Coloured people the first prize as to moral superiority. As far as intellectual superiority was concerned, Europeans had reached a very high stage in civilisation, and the Coloured people had still to travel a long distance. But to form a true estimate the Coloured people should be compared with those who occupied a similar status of life in European countries. And then it would be found that the Coloured were in no respect inferior. *Given proper facilities, the Coloured might also reach a high standard.* Europeans should not forget that they were once as far removed from Roman civilisation as the ordinary Coloured man now from the white civilisation. If the same restrictions had been put on the forefathers of the present white generation, as on the Coloured people now, would Europeans ever have attained their present proud position?

políticos sua argumentação procura focar-se no “projeto de civilização” tal qual compreendido na época. A evolução dos homens possui escalas às quais todos estariam submetidos. Assim como os *europeans* passaram por um período de “barbárie” e conseguiram evoluir e atingir um estágio superior de “civilização”, os *coloureds*, dando a eles os devidos meios, também atingiriam o mesmo estágio superior de “civilização”. A política segregacionista figura, nesse âmbito, como um entrave à evolução natural do grupo, sendo, portanto, um problema para a consolidação da Nação sul-africana.

Em termos de construção de identidade, o excerto traz consigo a visão de que os *coloureds* são inferiores aos *europeans* em termos intelectuais, contudo, essa inferioridade não está relacionada à “raça” do grupo, mas sim ao atual estágio de desenvolvimento evolutivo dos mesmos.

Direcionando-se para o público, o Dr. Abdurahman explica que a política de negação de direitos civis está vinculada diretamente às políticas praticadas nas colônias do norte que, mesmo sob a dominação do Império britânico, não pararam de praticar a exploração das populações *non-europeans*. É o norte que impede a “evolução” dos *coloureds*. Segundo o presidente da APO:

Isso foi carregado sobre a capa do Império e com sua bandeira em mãos. Mas em toda sua história nunca aquela bandeira havia encoberto tais ações; nunca antes estivera nas mãos de tais exploradores – homens desprovidos de qualquer vestígio de princípio – homens que tem como objetivo o ouro e cujo deus chama-se Riqueza. Se você deseja ver a quais excessos o despotismo e poder conduzem, quando a falta de humanidade e de um deus estão andando lado a lado pelo país, você deveria ir à Colônia do Rio de Orange e ao Transvaal<sup>IV04</sup>

A solução para o problema de exploração e de segregação deveria partir dos ingleses, visto que estes pertenciam à “civilização” mais desenvolvida do

---

<sup>04</sup> Idem.

<sup>IV</sup> This was carried on under the cloak of Empire and with the flag in hand. But never in its whole history had that flag covered such deeds; never before had it been in the hands of such exploiters – men devoid of every vestige of principle – men whose object was gold and whose god was Mammon. If you wish to see to what excess despotism and power to rule led, when inhumanity and ungodliness were walking hand in hand through the country, you should go to the Orange River Colony and Transvaal.

mundo. É a civilização, em sua forma pregada pelos britânicos, que possibilitaria a assimilação do grupo à sociedade privilegiada. Segundo Abdurahman:

Agora, se eles concordarem que o problema alcançou tal grandeza, que deveria ser resolvido, é dever obrigatório de todos pensar calmamente. E os *europeans*, se acharem que a política aplicada aos *coloureds* até agora foi fundada nos dias negros de ignorância, deveriam cumprir seu dever sem medo, pois é melhor resolver antes do que tarde.<sup>v05</sup>

Há, no excerto acima, uma referência clara às supostas políticas bôeres do período colonial holandês. Quando o presidente da APO refere-se aos “dias negros de ignorância”, ele dialoga com uma idéia de que a política mantida no Cabo da Boa Esperança, até a conquista da Colônia do Cabo pelo governo imperial britânico, já era envolta por praticas de segregação. A alusão dialoga com as práticas exploratórias e desumanas mantidas pelos bôeres nos séculos precedentes ao século XIX, como a escravidão e os estatutos diferenciados entre Khoisan e *whites*, e, para evitar a continuidade dessas práticas, Abdurahman vê que seu dever é conduzir os *coloureds* a uma igualdade juntos aos *whites*, principalmente através de intervenções legais por parte dos ingleses.

Contudo, mesmo com a idéia de que política liberal do Cabo (pensada e construída como prática jurídica igualitária) deveria substituir as categorias estatutárias raciais dos bôeres, poucas mudanças foram efetuadas na legislação das colônias após o final da Guerra Anglo-Bôer. O Dr. Abdurahman diz que essa situação de segregação se perpetuava graças à aceitação dos princípios políticos *afrikaners* por parte dos ingleses, segundo ele, “essa onda de mal-estar foi espalhada pelo Norte, e a frase de direitos iguais para todos os homens civilizados perdeu sentido”.<sup>v106</sup>

---

<sup>05</sup> Idem.

<sup>06</sup> Idem.

<sup>v</sup> Now, if they agreed that the problem had reached such a stage, that it should be solved, it was the bounden duty of everyone to think calmly. And Europeans, if they found that the policy hitherto followed towards the Coloured people had been founded in the dark days of ignorance, should do their duty without fear, for it had been done better sooner than later  
<sup>v1</sup> this wave of ill-feeling was spreading from the North, and the phrase of equal rights for all civilised men was lost sight of.

Para o Dr. Abdullah Abdurahman, a propaganda política inglesa durante a guerra havia alimentado esperanças e motivações políticas associadas a seus interesses assimilacionistas:

Os britânicos sempre protestaram contra os maus tratos aplicados aos *coloureds*, que eles [os *coloureds*] tinham todas as razões para acreditar que quando o país fosse uma possessão britânica todas suas reclamações seriam atendidas, e eles esperavam que aquelas leis que ainda desgraçam a constituição do Transvaal teriam sido retiradas há muito tempo.<sup>VII07</sup>

Contudo, as esperanças haviam sido frustradas após a guerra. Segundo o presidente da APO, o oitavo artigo do Tratado de Vereeniging fazia alusão aos *natives* e não aos *coloureds*, mas, mesmo assim, as promessas de melhoria de vida e de aquisição de direitos foram completamente negadas a ambos os grupos, prevalecendo a política de separação racial do norte. Explicando o artigo oitavo do tratado de paz Abdurahman diz que:

É claro, pelo sentido, que deveria ser aplicado aos *naturellen*<sup>08</sup>, não às pessoas *coloureds*, e Lorde Milner planejava afirmar isso como sua explicação dos termos; contudo, agora [o tratado de Vereeniging] é utilizado como desculpa para excluir eles [os *coloureds*] dos direitos políticos. O atendimento às reclamações dependia, como disseram a eles, ao sucesso da guerra. O Sr. Chamberlain prometeu direitos políticos claros e completos em nome do governo Imperial. Essas eram dívidas de honra.<sup>VIII09</sup>

---

<sup>07</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1907 Presidential Address*, Oudtshoorn: 1907. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>08</sup> *Naturellen*, do afrikaans, pode ser traduzido como *Natives*.

<sup>09</sup> *Idem*.

<sup>VII</sup> The British people had always protested against the bad treatment of the Coloured people, that they [the coloured people] had every reason to believe that when once the country became a British possession all their grievances would be redressed, and they expected that those laws which still disgraced the statute book of the Transvaal would long ago have been wiped off.

<sup>VIII</sup> It was clearly the meaning that it should apply to *naturellen*, not the Coloured people, and Lord Milner had plainly given it as his explanation of the terms; yet now it was made the excuse for excluding them from franchise. (...) Upon the successful issue of the war, they were taught, the adjustment of their grievances depended. Mr. Chamberlain promised the franchise clearly and plainly in the name of the Imperial Government. These were debts of honour.

Dívidas que não foram pagas graças à aceitação inglesa dos princípios políticos *afrikaners*. Segundo George Fredrickson:

Durante o breve período no qual o Transvaal e o Estado Livre de Orange foram governados como Colônias da Coroa, nenhum esforço real foi feito para reformar ou modificar as proscricções pré-existentes das políticas raciais; e quando a ambas as colônias foi garantido o governo autônomo em 1907, os direitos políticos apenas para *whites* continuaram efetivos. Essa capitulação à supremacia *white* não é surpresa quando nós consideramos as visões básicas do Lorde Milner, o Alto Delegado Britânico que ele é superior a muitos, muitos passos acima do homem *black*; passos que possivelmente a grande massa da população *black* talvez nunca consiga alcançar.<sup>10</sup>

O Dr. Abdurahman ainda faz questão de grifar que:

O prestígio britânico sofreu muito aos olhos das pessoas *coloureds* durante os últimos quatro anos. A oitava cláusula não proibiu o direito político aos *coloureds*, os bôeres mesmo, na tradução colocaram “naturellen” e não “gekleurde meschen”<sup>11X12</sup>

Criava-se um sentimento de traição. Os direitos outrora prometidos pelos ingleses, e principalmente pelo Lorde Milner, tornavam-se cada vez mais difíceis de serem alcançados. A política de supremacia *white* solidificava-se na sociedade do Cabo. Os antigos preceitos do liberalismo do Cabo eram substituídos pela política pregada pelos bôeres das colônias do norte.

<sup>10</sup> FREDRICKSON, G. *op. Cit.* (p. 195).

<sup>11</sup> Ao escrever “gekleurde menschen” o Dr. Abdullah Abdurahman está se referindo ao grupo *coloured*. Em oposição a *naturellen* que se aproxima do conceito de *native*.

<sup>12</sup> *Idem.*

<sup>13</sup> During the brief period when the Transvaal and the Orange Free State were ruled directly as Crown Colonies, no serious efforts were made to reform or modify the pre-existing policies of racial proscription; and when both colonies were granted responsible self-government in 1907, the whites-only franchise remained effective. Such a capitulation to white supremacy is not surprising when we consider the basic views of Lord Milner, the British High Commissioner who presided over the “reconstruction” of South Africa in the years immediately following the war. “A political equality of white and black is impossible,” he asserted in 1903. “The white man must rule, because he is elevated by many, many steps above the black man; steps which it is quite possible that the vast bulk of the black population may never be able to climb at all.”

<sup>14</sup> British prestige had suffered heavily in the eyes of the Coloured people during the last four years. Clause 8 did not prohibit the franchise to the Coloured people, the Boers themselves, in their translation put it “naturellen” not “gekleurde menschen”.

A mobilização tornou-se geral. Em abril de 1906, em uma conferência da *South African Native Congress* (SANNC), foi deliberado que um recurso, protestando contra a barreira política de cor deveria ser enviado ao Secretário de Estado das Colônias, Lorde Elgin. O comitê responsável pela petição deveria ser formado pelos editores do *Izwi Labantu*, por Tengo Jabavu e pelo Dr. Abdullah Abdurahman. Apesar da petição não ter surtido nenhum efeito político, sua existência é crucial para a compreensão de como amplos setores *non-europeans* da sociedade da Cidade do Cabo estavam mobilizados contra a instituição de políticas segregacionistas, principalmente caso a União da África do Sul viesse a ser consolidada sob a égide política pensada como *afrikaner*.

O Dr. Abdurahman expressou-se assim:

É espantoso, portanto, que essa Colônia, que acima de tudo tem a confiança magnânima da Mãe dos Paramentos, deva consentir com a adoção de um princípio que é retrógrado e coloca a vasta maioria da população desse grande subcontinente sobre uma proibição; e isso nos leva a concluir que a luz da liberdade está para sumir dessa Colônia, e que a política sombria da velha Constituição da República do Transvaal, que assegura que não deva haver igualdade entre *black* e *white* na Igreja ou no Estado, vá espalhar diretamente sua sombra sobre nossa terra. Então, senhoras e senhores, nós provavelmente veremos a realização desse desejo, que é expresso com furor no Transvaal, de que as reservas *natives* devam acabar e que os habitantes *coloureds* sejam reduzidos a um estado de escravidão. No Transvaal e no mal batizado Estado Livre de Orange, os habitantes *coloureds* não possuem nenhum direito civil ou político. Eles são vistos como rejeitados e mantidos como escravos políticos. E enquanto o rascunho da lei de União Sul-Africana restringir a cidadania aos *coloureds* dessa Colônia, e encurtar os privilégios políticos até então desfrutados, deve-se deplorar essa Convenção que não contém um número suficiente de homens ilustrados e liberais capazes de libertar dessa servidão nossos irmãos das outras colônias.<sup>XI13</sup>

<sup>13</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1909 Presidential Address*, Cape Town: 1909. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>XI1</sup> It is astounding, therefore, that this Colony, which above all has been trusted so magnanimously by the Mother of Parliaments, should consent to the adoption of a principle which is retrogressive and places the vast majority of the people of this great sub-continent under a ban; and it forces one to the conclusion that the light of freedom is about to vanish from

A política do liberalismo do Cabo começava, no início do século XX, a sofrer grandes alterações *de jure*. A aliança entre *afrikaners* e ingleses favorecia os princípios de igualdade legal entre os primeiros, pertencentes ao grupo etno-jurídico *white*, em contraposição à política de desigualdade legal aplicada aos demais habitantes da África do Sul. Segundo Anthony Marx: “Os verdadeiros perdedores no acordo de paz foram os *coloureds*, os asiáticos, e a maioria africana, cujas expectativas de reformas impostas pelos britânicos foram colocadas de lado pelos termos de rendição *afrikaner*”.<sup>xiii4</sup> Os antigos inimigos do Império tinham de ser pacificados. A aliança entre *afrikaners* e ingleses tornou-se possível apenas com a aceitação da política segregacionista e com a implementação desta frente ao liberalismo tradicional do Cabo. Anthony W. Marx analisa que:

A ligação entre a estratégia imperativa de unir os antigos adversários *whites* e a imposição de um domínio racial era evidente já no período entre a paz e a formação da União Sul-Africana. Botha e outros membros das elites *afrikaners* tentaram reforçar a segregação racial como um meio de encorajar unidade e lealdade *white*, tal como o tratado de paz havia abandonado os compromissos com as questões *natives*. (...) Em 1903-05 a Comissão *Native* Sul-Africana estava discutindo “restrições sobre a compra de terras por *natives*” e a necessidade de evitar mestiçagem, “ou enfraquecendo de qualquer maneira a inquestionável supremacia e autoridade da raça dominante” de *whites*. (...) Em 1906, um dos ajudantes de Milner escreveu o que se tornaria o memorando de Selborne. Esse texto demonstra os interesses britânicos com uma espantosa clareza, advogando a formação de um único estado baseado na união de ingleses e *afrikaners*. (...) Sem uma “união federal de qualquer tipo,” os *whites* jamais seriam capazes de defender-se da maioria. (...) O sangue derramado na

---

this Colony, and that the dark policy of that old Transvaal Republican Constitution, which asserts that there shall be no equality between black and white in either Church or State, will cast its direful shadow over our land. Then, ladies and gentlemen, we shall probably see the fulfilment of that wish, fervently expressed in the Transvaal that the native reserves should be cut up, and the Coloured inhabitants reduced to a state of helotage. In the Transvaal and the misnamed Orange Free State, the Coloured inhabitants are without any civil or political rights. They are regarded as outcasts, and held as political helots. And while the South Africa Draft Act restricts the citizenship of Coloured people to this Colony, and curtails their political privileges hitherto enjoyed, it is to be deplored that the Convention did not contain a sufficient number of enlightened and liberal men to have freed our brethren in the other colonies from their bondage.

<sup>14</sup> MARX, Anthony. *Making Race and Nation: A comparison of South Africa, The United States, and Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998 (p. 90).

<sup>xiii</sup> The real losers in the peace were the coloureds, the Asians, and the African majority, whose expectations of British-imposed reforms were swept aside by the very terms of the Afrikaners' surrender.

Guerra Bôer trouxe o nascimento de um novo Estado, mas não uma nação unificada.<sup>XIII15</sup>

Neste intervalo de tempo, entre o final da Guerra Anglo-Bôer e o Ato de União, os vários governos das colônias legislaram de maneira autocrática, impondo leis que feriam os direitos até então possuídos pelos *coloureds*. Em 1906, uma delegação que incluía o Dr. Abdurahman, membros da APO e da SANC, foi enviada a Londres com o intuito de protestar contra a retirada de direitos dos cidadãos *non-europeans*. Contudo, segundo Adhikari: “O fracasso dessa delegação foi um atraso para a elite *coloured* e renunciou a “humilhação” da União de 1910, a mais clara demonstração da impotência política da comunidade *coloured*”.<sup>XIV16</sup>

No discurso presidencial de 1909, o Dr. Abdullah Abdurahman centrou-se na história do liberalismo do Cabo e como, desde meados do século XIX, os *coloureds* viviam sob um regime político de igualdade sem abusar de seus direitos. Ao começar seu discurso, Abdurahman afirmou que: “A liberdade política conferida a todas as pessoas dessa Colônia foi uma grande garantia de seu progresso pacífico, e para os interesses da posteridade nenhuma mudança, atual ou potencial, deve ser permitida”.<sup>XV17</sup>

Os intuitos do Dr. Abdurahman estavam relacionados à tentativa de assimilação do grupo *coloured* à minoria detentora dos meios econômicos e

---

<sup>15</sup> Idem (pp. 91-92).

<sup>16</sup> ADHIKARI, Mohamed. *Not White Enough, Not Black Enough: Racial identity in the South Africa Coloured Community*. Cape Town: Ohio University Press, 2005 (p. 71).

<sup>17</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1909 Presidential Address*, Cape Town: 1909. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>XIII</sup> The linkage between the strategic imperative of unifying the former white adversaries and the imposition of racial domination was evident already in the interregnum period between the peace and the formation of the Union of South Africa. Botha and other Afrikaner elites sought to reinforce racial segregation as a means of encouraging white unity and loyalty, much as the peace treaty had abandoned commitments to the native affairs. (...) By 1903-5 the South African Native Commission was discussing “restrictions upon the purchase of land by Natives” and the need to avoid mixing, “or weakening in any way the unchallenged supremacy and authority of the ruling race” of whites. (...) In 1906, one of Milner’s aides wrote what became known as the Shelborne memorandum. This text sets out British interests with astonishing clarity, advocating the formalization of a single state based on a union of English and Afrikaners. (...) Without a “federal union of some sort,” white would never be able to defend themselves from the majority. (...) The blood spilt in the Boer War brought the birth of a new state, but not a unified nation.

<sup>XIV</sup> The failure of this deputation was a severe setback to the Coloured elite and foreshadowed the “humiliation” of the Union in 1910, the clearest demonstration yet of the political impotence of the Coloured community

<sup>XV</sup> The political freedom conferred on all the people of this Colony had been a great guarantee of its peaceful progress, and in the interests of posterity no tampering, actual or potential, should have been permitted.

políticos da África do Sul. Contudo, mesmo com a humilhação sofrida em Londres e com o aumento das discussões em torno de qual modelo seria adotado para a União da África do Sul, suas perspectivas futuras continuavam esperançosas:

Senhoras e senhores, eu espero que a Convenção ainda seja persuadida de que a única maneira pela qual um governo pode ser honroso ou apoiado com segurança é pelo cultivo do amor e afeição por sua população, mostrando a eles o valor da Constituição, vendo que todos seus compromissos compartilham-se a ela, assegurando a eles que a Constituição é estabelecida para que eles não sejam “cortadores de madeira e carregadores de água”<sup>18</sup> de homens que os privariam de seu trabalho e de sua indústria, protegendo-os nas liberdades desfrutadas e estendendo igual liberdade para todos. Se isso eventualmente provar ser reconhecido pela Constituição, se as manchas sujas forem removidas dela, então poderemos ter esperança, apesar de tarde, que essa vasta população de cor da África do Sul retornaria uma justa recompensa aos europeus e à Inglaterra por sua benção que já fora uma vez concedida por Sua Majestade aos indivíduos dessa Colônia.<sup>XVII9</sup>

Os ideais assimilacionistas serviam como baliza para os discursos do Dr. Abdullah Abdurahman. A crença na possibilidade de conseguir privilégios legais e direitos sociais em pé de igualdade com os *europeans* fazia com que a organização permanecesse oscilante entre a aproximação com os grupos políticos africanos e a passividade frente às políticas de supremacia *white*. Isso porque aproximar-se dos africanos significava pertencer à mesma esfera social que eles e, portanto, merecer os mesmos direitos legais. Segundo Adhikari: “Apesar da APO demonstrar muita simpatia pelos africanos como

---

<sup>18</sup> No original “hewers of wood and the drawers of water”, passagem do antigo testamento. (Josué 9:23).

<sup>19</sup> Idem.

<sup>XVI</sup> Ladies and gentlemen, I hope that the Convention will still be persuaded that the only way by which Government can be honourably or safely supported is by cultivating the love and affection of the people, by showing them the value of the Constitution, by seeing that all have their due share of it, and by assuring them that the Constitution is established so that they are not to be the “hewers of wood and the drawers of water” to men who would avail themselves of their labour and their industry, and that it would protect them in the liberties that they enjoy, and extend equal freedom to all. If this will eventually prove to be recognised in the Constitution, if the foul blots be removed from it, then we may hope, though late in the day, that this vast population of colour of South Africa will return a just reward to Europeans and to England for the blessings that have already been conferred upon His Majesty’s subjects in this Colony.

companheiros sofredores sobre uma ordem racial injusta, eram cuidadosos em demarcá-los como um grupo separado que precisava cuidar de suas próprias necessidades”.<sup>xvii20</sup> O Dr. Abdurahman procurava fazer com que os *europeans* enxergassem a existência de uma camada “civilizada” em meio ao grupo *coloured* (sendo o próprio Abdurahman seu maior representante). Estes “civilizados” demonstrariam que os *coloureds* eram muito mais próximos cultural e moralmente dos princípios ocidentais do que os *natives* ou mesmo do que alguns *afrikaners*, devendo, por isso, ser assimilados à sociedade sul-africana. A assimilação dos *coloureds* foi um dos grandes pontos de debate político da África do Sul até meados da década de 1930, quando ficou claro que eles não pertenceriam à sociedade civil do país.

Nesses primeiros anos na presidência da APO, o Dr. Abdullah Abdurahman procurou argumentar que os *coloureds* deveriam ser assimilados já no ato de Unificação devido à história de privilégios mantidos por estes na colônia do Cabo e à proximidade cultural entre *whites* e *coloureds*. Contudo, a União de 1910 eliminou em grande medida o liberalismo do Cabo e implementou de maneira mais marcante uma política pautada na supremacia *white*.

### *Anos de Frustração (1910-1919)*

Os anos entre 1910 e 1919 podem ser representados como anos de frustração para a APO. Após o Ato de União de 1910, a organização passou a ver o cenário político nacional como uma grande traição às promessas do século XIX, principalmente dos anos que antecederam a Guerra Anglo-Bôer. As práticas segregacionistas do norte, “que asseguravam que não deveria existir igualdade entre *black* e *white* nas Igrejas e no Estado”,<sup>xviii21</sup> se impuseram ao liberalismo do Cabo. Era iniciado o período de segregação.

<sup>20</sup> ADHIKARI, Mohamed. *op. Cit.*, 2005 (p. 73).

<sup>21</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1909 Presidential Address*, Cape Town: 1909. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>xviii</sup> Although the APO displayed much sympathy for Africans as fellow sufferers under an unjust racial order, it was careful to demarcate them as a separate group that needed to minister to their own needs.

<sup>xviii</sup> which asserts that there shall be no equality between black and white in either Church or State.

Contudo, o discurso assimilacionista da *African Political (People's) Organization* não foi deixado de lado. A organização procurou, nesses nove anos, construir novos significados políticos e identitários capazes de dialogar com a realidade política da recém unificada África do Sul. Nessa nova realidade, a APO centrou-se na construção de uma identidade *coloured* que não existia até então como tal. A pauta política deste período preocupou-se em mostrar que os *coloureds* também podiam tornar-se “civilizados” como os *whites*. A história e importância destes *coloureds* “civilizados” para a nova nação foram os princípios elementares dos discursos presidenciais nestes anos de frustração.

No discurso presidencial de 1910, o Dr. Abdullah Abdurahman fez questão de grifar a importância do momento para a organização:

O presente Congresso da APO é sem dúvida um dos mais importantes que já se reuniu. É importante não apenas por causa dos vários itens que aparecem na ata, mas porque é a última vez que nos reunimos como representantes das Colônias. No futuro nos reuniremos como habitantes representativos – alguns de nós cidadãos com certas restrições de direitos políticos – da União da África do Sul.<sup>XIX22</sup>

O Dr. Abdurahman insistiu que a importância política e o caráter nacional da APO não eram suficientes para impedir a ameaça que o Ato de União de 1910 representava aos antigos princípios políticos mantidos na colônia do Cabo e, conseqüentemente, aos privilégios mantidos pelos *coloureds* ao longo do século XIX:

Nisso eu creio que nós devemos justamente ter orgulho [na existência de uma organização *coloured* desde 1902], enquanto ao mesmo tempo

<sup>22</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1910 Presidential Address*, Port Elizabeth: 1910. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>XIX</sup> The present Congress of the APO is undoubtedly one of the most important that has ever met. It is important not only on account of the various items that appear on the agenda paper, but because of its being the last occasion on which we shall meet as representatives of Colonies. In future we meet as representative inhabitants – some of us citizens with somewhat curtailed political rights – of the Union of South Africa.

temos que nos lamentar profundamente pelo fato de que aquela cidadania irrestrita que nós possuíamos na Constituição do Cabo, e pela qual nosso povo “nunca manchou por palavra ou ação” não foi garantida a nós na lei de União, e que a porta para a liberdade política foi de algum modo rudemente batida em nossas caras e nas de nossos irmãos das outras Colônias. Ninguém que ama os verdadeiros ideais da liberdade britânica pode observar as cláusulas restritivas pautadas em cor da lei de União sem um sentimento outro que de pesar. A introdução de uma linha de cor infringe os princípios de humanidade. É oposto ao princípio pelo qual o mundo orgulhosamente vangloriou os Anglo-Saxões, i. é., que a liberdade britânica “vagarosamente ampliou-se de precedente em precedente”. Deve ser, portanto, nosso constante olhar cuidadoso provar que por conduta, individual e coletiva, que um grave está foi cometido”.<sup>XX23</sup>

A conduta, individual e coletiva, serviria para evidenciar aos *europeans* a capacidade “civilizada” dos *coloureds*. Contudo, ao pregar uma conduta individual e coletiva única e uma luta contra os princípios raciais dispostos no Ato de União, o Dr. Abdurahman construía um paradoxo. Segundo Adhikari:

A elite *coloured* tinha, contudo, de enfrentar um dilema moral e político. Como vítimas do racismo que tinham como objetivo final serem assimilados à sociedade dominante, eles abraçaram princípios de valores não raciais. Mas sendo marginais e possuindo um status subordinado de confiança, os *coloureds* tinham poucas opções para se mobilizar politicamente fora da base de identidade racial”.<sup>XXI24</sup>

---

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> ADHIKARI, Mohamed. *op. Cit.* 2005 (p. 72).

<sup>XX</sup> In that I think we may justly take pride [in the existence of a coloured organization since 1902], while at the same time deeply regretting the fact that that unrestricted citizenship which we enjoyed under the Cape Constitution, and which our people “never besmirched by word or deed” has not been granted to us under the Union Act, and that the door to political freedom has been somewhat rudely slammed in the faces of our brethren of the other Colonies. No one who cherishes the true ideals of British liberty can fail to regard the colour-restrictive clauses of the Union Act with any feeling other than that of regret. The introduction of a colour line infringes the principles of humanity. It is opposed to the principle which Anglo-Saxons the world over proudly boast of, viz., that of British freedom “slowly broadening down from precedent to precedent”. It must, therefore, be our constant and ever watchful care to prove by our conduct, individually and collectively, that a grave error has been committed.

<sup>XXI</sup> The Coloured elite was thus faced with a moral and political dilemma. As victims of racism whose ultimate objective was to assimilate into the dominant society, they embraced nonracial values as a matter of principle. But being marginal and having a subordinate status thrust on them, Coloureds had little option but to mobilize politically on the basis of this racial identity.

As vantagens e os privilégios legais dos *coloureds* frente às populações africanas favoreciam a união do grupo em base de aproximação racial. A luta contra a implementação de uma linha de segregação pautada na cor, servia tanto para aproximar os *coloureds* em um grupo socialmente identificável, quanto para afastar-se da possibilidade de serem amalgamados aos grupos africanos.

Cada vez mais, as vantagens de possuir um status de relativo privilégio dentro da hierarquia racial quando comparados aos africanos proveu a elite *coloured* com um incentivo a mais para cultivar o separatismo *coloured*. Os privilégios *white* também serviam para encorajar o exclusivismo racial entre os membros da comunidade *coloured* aumentando sua consciência de grupo e promovendo reuniões conjuntas para defender seus direitos.<sup>XXII25</sup>

Nas próprias considerações do Dr. Abdurahman:

Nós temos um profundo interesse nas raças *natives* da África do Sul, e a lei de União da África do Sul nos coloca no mesmo cárcere: mas é meu dever como Presidente da APO, na presente ocasião, lidar com os direitos e deveres da população *coloured* da África do Sul, *como distinta das raças nativas*.<sup>XXIII26</sup>

Através dessa ótica, a APO pode ser considerada como uma organização simpatizante em relação às lutas africanas na África do Sul. Em nenhum momento a organização argumentou que os movimentos políticos africanos fossem ilegítimos, pelo contrário, ocorriam inclusive aproximações políticas e conferências conjuntas entre *coloureds* e *natives*, o que demonstra uma simpatia da *African Political (People's) Organization* pela causa *native*. Contudo,

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>XXII</sup> Furthermore, the advantages of holding a status of relative privilege vis-à-vis Africans within the racial hierarchy provided the Coloured elite with added incentive for cultivating Coloured separatism. White privilege thus served to encourage racial exclusivity among members of the Coloured community by heightening their group consciousness and prompting them to rally together in defense of their rights.

<sup>XXIII</sup> We have a deep interest in the native races of South Africa, and the Union Act of South Africa puts us all into one fold: but it is my duty as President of the APO, on the present occasion, to deal with the rights and duties of the Coloured people of South Africa, as distinguished from the native races.

não há, ao longo da década de 1910, nenhum intuito de organizar *coloureds* e *natives* sob uma mesma instituição política capaz de fazer frente à implementação da supremacia *white*. A ambigüidade do Dr. Abdullah Abdurahman encontra-se na negação dos princípios racialistas de classificação populacional. Porém, ao mesmo tempo em que nega a existência de “raças” e da superioridade pautada na cor do indivíduo, ele constrói uma organização que identifica seus membros por características fenotípicas de negação, isso é, o *coloured* é aquele não se parece e não é socialmente aceito como um *european* ou como um *native*.

Após o Ato de União, a APO começou a reforçar o antigo discurso de que era preciso uma melhoria individual dos *coloureds* para uma possível melhoria geral do grupo, o que, na lógica da organização, facilitaria a assimilação destes à elite política e econômica do país. Influenciados por W. E. B. Du Bois<sup>27</sup>, os *coloureds* associados à APO começaram a desenvolver um sentimento de identificação com suas características “raciais” e passaram a fortalecer a idéia de que eles representavam uma coletividade identitária. Além do mais, a união das quatro colônias provocou uma frustração social e política no grupo, o que favoreceu sua identificação como mercedores de direitos de cidadania. Segundo Adhikari:

A estratégia política da APO após a União remanesceu nessas esperanças de assimilação e eram focadas em realizar esse processo através da promoção ativa do aprimoramento autônomo dos *coloureds*. Contemplando o caminho mais efetivo para os *coloureds* ganharem “liberdade e privilégios políticos completos”, o jornal APO assegurava que “nós temos que nos aprimorar, melhorar nossa educação, modo de vida e ambiente, buscar ser proficiente em nossos comércios e profissões”.<sup>XXIV28</sup>

---

<sup>27</sup> William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963) foi um importante pensador político norte-americano. Seus escritos preocupavam-se com a questão do racismo, dos direitos civis, da educação etc. Sua obra intelectual foi de extrema importância para o pensamento pan-africanismo. Ainda, seus escritos influenciaram vários pensadores no continente africano, entre eles o Dr. Abdullah Abdurahman.

<sup>28</sup> Idem (p. 75).

<sup>NNW</sup> The APO's post-Union political strategy rested on these hopes of assimilation and were aimed at expediting the process through active promotion of Coloured self-improvement. Contemplating the most effective way for the Coloured people to gain “full political freedom and privileges,” the APO newspaper asserted that “we have to better ourselves, improve our education, mode of living and environment, seek to become proficient in our callings and trades.

Seguindo essa estratégia política, o Dr. Abdurahman propõe que:

Deve ser, portanto, nosso constante olhar cuidadoso provar que por conduta, individual e coletiva, que um grave foi cometido. Há uma enorme concentração de erros contra nós, os quais nós temos que fazer o melhor para remover. Nós devemos convencer as pessoas da África do Sul que nós não somos apenas merecedores de direitos políticos, mas que também somos qualificados para exercer esses direitos como os indivíduos das classes privilegiadas. Nós devemos provar ao mundo que caráter e conduta não são possessões exclusivas das pessoas de pele branca, mas que essas qualidades independem da cor de pele do homem e são baseadas em outros princípios. Nós temos que demonstrar a verdade dessa alegação tão fortemente a ponto de prevenir qualquer estadista não liberal de refutar-nos o completo acesso aos direitos políticos.<sup>xxv29</sup>

Se atentarmos para a argumentação exposta pela APO, podemos identificar que mesmo com a instauração de uma política pautada no segregacionismo, a organização não deixou de acreditar que a demonstração social de “civilização” seria capaz de promover uma política assimilacionista por parte dos *europeans*. Como grifa Abdurahman:

O bom caráter é a armadura mais invulnerável que nós podemos vestir para a batalha que temos que enfrentar; e se você e todos focarem o cultivo de tal caráter moral, nós não precisaremos sentir apreensão, e poderemos olhar para o futuro com ansiedade. É, portanto, o primeiro dever dos líderes ver a população *coloured* da África do Sul exibindo essas qualidades

---

<sup>29</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1910 Presidential Address*, Port Elizabeth: 1910. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>xxv</sup> It must, therefore, be our constant and ever watchful care to prove by our conduct, individually and collectively, that a grave error has been committed. There is a mighty mass of prejudice against us, which we must do our best to remove. We must convince the people of South Africa that we are not only as men entitled to political rights, but that we are just as well qualified to exercise these rights as are those of the privileged class. We must prove to the world that character and conduct are not the exclusive possessions of white-skinned people, but that these qualities are independent of the colour of a man's skin and based on other foundations. We must demonstrate the truth of that contention so forcefully as to prevent any illiberal statesmanship from refusing us full political enfranchisement.

morais, e integridade rígida que até seus inimigos sejam levados à admiração.<sup>xxv130</sup>

A construção de um bom caráter, contudo, não está vinculado à “raça” do indivíduo, mas é fruto de um hábito constituído pela repetição constante de práticas sociais “civilizadas”.

É pela repetição de certas ações ou linhas de conduta que o caráter é formado. Se isso é verdade, vocês todos podem ver como é essencial que o caráter seja formado sobre ações corretas. Para colocar isso em palavras, é absolutamente essencial se vocês desejam ser homens de bom caráter, que vocês vejam que as ações que você pratica, e que se tornam habituais a você, devem ser fundadas sobre o que é certo e bom. Tudo fica mais fácil quanto mais é praticado.<sup>xxv131</sup>

Podemos perceber como a construção identitária *coloured* vincula-se à formação de um caráter socialmente aceitável pelos *europeans*. Na opinião do Dr. Abdurahman, esse caráter é fruto de um longo processo de interações sociais e ambientais somado à repetição constante de hábitos moralmente bons. Segundo ele, os *whites* expressam uma falsa idéia de que há uma moralidade intrínseca à “raça” de cada indivíduo e, por isso, devem existir medidas capazes de possibilitar para cada grupo seu espaço social, sendo que os próprios *whites* seriam os moral, social e intelectualmente superiores. A idéia apresentada pelo presidente da APO confronta a argumentação dos partidários do governo de *white supremacy*, uma vez que para ele:

---

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>xxv130</sup> Good character is the most invulnerable armour we can put on for the fight we have to wage; and if you one and all aim at the cultivation of such moral character, we need feel no cause for apprehension, and for looking to the future with anxiety. It is therefore the first duty of the leaders to see the Coloured people of South Africa exhibiting such moral qualities, and rigid integrity that even their enemies may be driven to admiration.

<sup>xxv131</sup> It is by the repetition of certain actions or lines of conduct that character is formed. If that be so, you can all see how essential it is that character should be formed on right actions. To put it in other words, it is absolutely essential if you wish to be men of good character, that you should see that the actions you practice, and which become habitual with you, should be founded on what is right or good. Everything becomes easier the oftener it is practised.

Vocês os vêem [aos whites] e assumem que eles estão no topo de alguma moral elevada beijada pelo sol, na qual nós nunca esperamos por os pés. Agora, pelo que eu já disse, vocês podem ver que a verdade é que essa civilização é seu ambiente, seu meio, e seu em torno. É a atmosfera moral na qual eles vivem desde sua infância. É a partir disso que eles adquirem o conhecimento do que é para eles sua base de moralmente correto, e então aprendem qual ação é certa e errada dentro de seu código moral. Muitos *coloureds* vivem na mesma atmosfera, e são envolvidos no mesmo meio, possuindo o mesmo em torno: e provam que podem praticar os mesmos atos morais, ter o mesmo código ético, e viver a mesma vida. A proporção da população *coloured*, dentro de seu número geral, que vive nesse padrão acima apresentado, assim como a proporção de *whites* dentro de seu número total, é uma questão para estatísticos, que formam sempre suas suposições a partir da quantidade mínima de posse material e conforto entre a população *coloured*. Mas garanta as mesmas bases gerais de bem estar material para ambos, e estou convencido que o resultado seria praticamente idêntico. Então nós vemos que essa antiga afirmativa só é verdadeira nessa limitação. A impossibilidade de viver bem, nas supostas mesmas demandas de civilização, está exatamente relacionada às diferenças gerais de confortos materiais que envolvem as duas seções da comunidade. Dê a todos o mesmo ambiente, os mesmos em tornos, a mesma atmosfera moral nos primeiros anos, e a mesma moralidade será alcançada, independentemente da cor de pele. A certeza de nossa incapacidade de adotar a civilização européia é puramente uma suposição. *Moralidade não é baseada em nenhuma hereditariedade, faculdade inalterada. Não há nenhuma base moral natural ao homem, não se nasce com consciência moral ou algum código de moral. Ela é em grande medida, se não completamente, produto do ambiente.*<sup>XXVIII32</sup>

Percebemos claramente que o discurso do Dr. Abdurahman é cheio de concepções deterministas e funciona em conjunto à lógica do Darwinismo

<sup>32</sup> Idem. [grifos meus]

<sup>XXVIII</sup> You see they [the white people] assume that they are on the top of some sun-kissed moral heights, where we can never hope to tread. Now, from what I have already said, you can see that the truth is that this civilisation is their environment, their wrappage, and their surroundings. It is the moral atmosphere in which they live from their infancy. It is from this that they acquire the knowledge of what is to them their standard of moral right, and so learn what is a right and a wrong action in their moral code. Many Coloured people live in this same atmosphere, and are enveloped in the same wrappings, have the same environment: and they give proof that they can and do practise the same morality, have the same ethical code, and live the same life. Whether the proportion of Coloured people to their whole number who live up to the standard thus set is as high as is the proportion of whites who do so to their whole number is a question for statisticians, and they would on forming any inference on the matter allow for the lower material standard of comfort among the Coloured people. But granted the same general standard of material welfare among both, I am convinced that the results would be practically

Social. O ambiente influencia tanto o indivíduo a ponto de que toda sua moral ser fruto deste. Como médico e político, o presidente da APO construía um discurso científico e sociológico pautado em aspectos modernos do pensamento europeu com o intuito de dialogar dessa maneira com as elites intelectuais *whites* e com suas formas de pensamento.

O Dr. Abdullah Abdurahman propõe, ainda em 1910, uma solução para o problema segregacionista na África do Sul. Baseando-se no Bispo norte-americano F. W. Lampton, o presidente da APO, sugere o que parece ser uma última tentativa de conseguir influenciar os políticos *whites* a criarem no futuro Ato de União (lembrando que a conferência de 1910 aconteceu cerca de dois meses antes da promulgação do Ato) um sistema segregacionista, mas ao mesmo tempo garante de direitos para os *coloureds*. Esse sistema seria baseado na seguinte passagem de Lampton:

Eu acredito que exista um futuro para meu povo, mas ele será alcançado através de separações em linhas sociais. Eu não quero ser recebido na casa de nenhum homem branco, nem quero convidá-lo de maneira social à minha casa. Eu quero apenas proteção legal para meu povo, e nós faremos nossos próprios círculos sociais, entreteremos nossos próprios homens e mulheres, e construiremos nossa raça.<sup>XXIX33</sup>

A instituição de estatutos legais separados para *whites* e *coloureds* serviria para a construção de guetos étnico-sociais nos quais os *coloureds* poderiam ter acesso total aos direitos civis e legais e, assim, construir sua “raça”. A idéia, entretanto, contrasta com a argumentação expressa pelo Dr. Abdurahman em todos os outros discursos presidenciais. Por isso, considero que esta passagem seja uma tentativa esporádica de tentar influenciar a elite política do país a

---

identical. Hence we see that this old assertion is only true to this extent. The impossibility of living up, to the alleged demands of this civilisation, is in exact ratio to the difference of the general material comforts that surround the two sections of the community. Give all the same environment, the same surroundings the same moral atmosphere in their early years, and the same morality would be attained, no matter what the colouring of the skin. The assertion then of our inability to adopt the civilisation of the Europeans is purely an assumption. *Morality is not based on any hereditary, unalterable faculty. There is no innate standard of morality, no inborn consciousness of morality or of any code of morals. It is largely, if not wholly, a product of environment.*

<sup>33</sup> Idem.

<sup>XXIX</sup> I believe that there is a future for my people, but it must be through separation along social lines. I do not seek admission into the parlour of any white man, nor do I invite him into my parlour in a social way. I want only for my people protection under the law, and we will make our own social circles, will entertain our own men and women, and will build up our race.

criar um estatuto diferenciado para os *coloureds* na iminente fundação de uma união pautada na supremacia *white*.

No final do discurso presidencial de 1910, nota-se que as esperanças de aquisição de cidadania ainda não haviam sido subtraídas da expectativa de mudanças substanciais no ato de União:

A força de uma nação depende de seus cidadãos e do apoio patriótico de todos seus cidadãos independente de sua cor. A qualificação de um homem para a cidadania completa não deve ser a cor de sua pele, mas sua aceitação e habilidade de compartilhar todos aspectos da cidadania com seus companheiros cidadãos. Resta à população *coloured* da África do Sul provar ao Parlamento da União que os direitos políticos desfrutados na Colônia do Cabo eram exercidos pela população *coloured* não apenas em seu próprio benefício, mas em benefício da Colônia e da África do Sul; e nós confiamos que não demorará muito antes que todo homem *coloured* tenha a qualificação necessária para o acesso completo à cidadania e também aos direitos políticos completos de um cidadão em toda a União.<sup>xxx34</sup>

Contudo, as mudanças não vieram e no dia 31 de maio de 1910 o Ato de União foi instituído. O jornal africano *Imvo Bantsundu* relatou a aprovação do Ato de União com um tom de preocupação e de frustração:

O golpe veio, o Governo Britânico e a Câmara dos Comuns passaram a lei de Constituição da União sem as mudanças que esperávamos... A população *native* e *coloured* têm que entender que um novo capítulo inteiro da história Sul-Africana está surgindo, na qual eles dependerão deles mesmo e de seus amigos europeus sul-africanos para a segurança e manutenção de seus direitos políticos e civis. Eles devem permanecer unidos

---

<sup>34</sup> *Idem*.

<sup>xxx</sup> The strength of a nation depended upon its citizens and upon their patriotic support of all its citizens whatever their colour. A man's qualifications for full citizenship were not the colour of his skin, but his willingness and ability to share the full burdens of citizenship with his fellow citizens. It remained for the Coloured people of South Africa to prove to the Union Parliament that the political rights enjoyed in the Cape Colony were exercised by the Coloured people not only to their own advantage, but to the advantage of the Colony and of South Africa; and he trusted that it would not be long before every Coloured man who had the qualification of the full burden of citizenship also enjoyed the full political rights of citizenship throughout the whole Union.

politicamente e recusar agarrar-se a qualquer um dos presentes partidos políticos, devem trabalhar para a criação de um novo partido político no Estado que una forças religiosas e morais – *europeans* e *natives* – da África do Sul em linhas de legislação correta, justiça e jogo limpo, independente da raça ou cor.<sup>XXXI35</sup>

### Segundo André Odendaal:

Houve uma resposta mais negativa da por parte da população *coloured*. A APO decidiu boicotar qualquer festival e tratou o 31 de Maio como um dia de humilhação e de oração. O Dr. Abdurahman disse, “Nenhum *coloured* pode sentir-se feliz, nenhum *coloured*, eu espero, cantará “Deus salve o Rei” neste dia. Eu sei que eu não.”<sup>XXXII36</sup>

O Ato de União era representado como uma grande traição à população *coloured* (que até o último momento acreditou que as promessas feitas e mantidas pelas elites políticas *europeans* no século XIX seriam adicionadas ao Ato). A eleição do General Louis Botha apoiava-se na manutenção da política de conciliação entre *afrikaners* e ingleses, tentando, com isso, fomentar um único sentimento nacionalista para a África do Sul (*white* por implicação). Sua campanha eleitoral havia deixado de lado a questão *native* e centrava-se no aprimoramento das condições econômicas e sociais para os *europeans*; seu governo foi marcado por este privilégio aos *europeans* e por uma prática segregacionista em relação aos *blacks* da África do Sul.

O governo de Botha-Smuts procurou manter o domínio *white* da mão-de-obra africana, removendo seus direitos à terra, cobrando impostos e taxas,

<sup>35</sup> ODENDAAL, André. *op. Cit.* (p. 228).

<sup>36</sup> Idem (p. 240).

<sup>XXXI</sup>The blow has fallen, and the British Government and the House of Commons have passed the Union Constitution Act without the amendments we had hoped for...

The Native and Coloured people must now realize that an entirely new chapter in South African history is opening, in which they will have to depend on themselves and their South African European friends for the securing and maintenance of their civil and political rights. They must become united politically and, refusing to cling to any of the present political parties, must work for the creation of a new political party in the State which will unite the religious and moral forces – Europeans and Native – of South Africa upon lines of righteous legislation, justice and fairplay, irrespective of race or colour.

<sup>XXXII</sup>There was a more negative response from the coloured people. The APO decided to boycott any festivities and treated the 31 May as a day of humiliation and prayer. Dr. Abdurahman said, ‘No coloured man can feel happy; no coloured man, I hope, will sing “God save the King” on that day. I know I won’t.

legitimando pagamento irrisórios etc. Segundo o historiador T. R. H. Davenport: “O programa do Partido Sul Africano<sup>37</sup> estendia a segregação em áreas na qual ela já existia, e a impunha em áreas que nas quais jamais havia existido”.<sup>XXXIII</sup><sup>38</sup>

Apenas dois anos após a concretização do Ato de União, o Dr. Abdullah Abdurahman fez questão de destacar que várias leis segregacionistas haviam provocado mudanças na sociedade da África do Sul:

Muitas leis de extrema importância têm tomado lugar, e suas principais características afetam os *coloureds* com as errôneas evidências que diariamente são acumuladas, provando que eles são vistos pelo corpo geral de *whites* como párias – banidos da sociedade, banidos da Igreja Reformada Holandesa (DRC), banidos das instituições de ensino para suas crianças, banidos dos privilégios impostos a todos os cidadãos de se unir ao exército deste país, e condenado a uma condição pior que a escravidão.<sup>XXXIV</sup><sup>39</sup>

Opositor declarado da maneira pela qual o Ato de União foi imposto, o Dr. Abdurahman criticou profundamente o governo Botha-Smuts. A situação social dos *coloureds* passava por uma erosão progressiva e constante. Os atos e leis segregacionistas pregados pelo *South African Party* (SAP) abriam campo para a possibilidade de revolta dos *coloureds* e *natives*. Segundo o presidente da APO, “se os europeus persistiram com essa política de repressão, um dia surgirá uma massa sólida de humanidade *black* e *coloured*, cujas exigências serão irresistíveis”.<sup>XXXV</sup><sup>40</sup>

<sup>37</sup> The South African Party's – (SAP)

<sup>38</sup> DAVENPORT, T. R. H. *South Africa: A modern History*. London: MacMillan Academic and Professional, 1991 (p. 234).

<sup>39</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1912 Presidential Address*, Johannesburg: 1910. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>XXXIII</sup> The South African Party's (SAP) programme extended segregation in areas where it already existed, and imposed it in others where it had never existed before.

<sup>XXXIV</sup> Many Acts of momentous importance have taken place, and the chief feature that affects the Coloured man is the unmistakable evidence that is being daily accumulated, proving that he is regarded by the general body of white men as a pariah – banned from society, banned from the Dutch Reformed Church, banned from facilities for educating his children, banned from the privilege to be imposed on all citizens of joining the standing army of his country, and doomed to a condition worse than slavery.

<sup>XXXV</sup> If Europeans persist in their policy of repression, there will one day arise a solid mass of Black and Coloured humanity, whose demands will be irresistible.

O ano de 1912 figurou como um ano de pressão política para a APO. Segundo as lideranças da organização, a formação de uma união mais forte entre todos os pertencentes à comunidade *coloured* tornava-se central para a luta contra a instituição de uma política de *white supremacy*:

É imperativo, portanto, que nos devamos, antes de partir, ou em um futuro próximo, decidir qual será nossa política, nosso relacionamento com as seções governantes dessa comunidade. Nós devemos redigir, em definitivo, em nítidas linhas, qual posição nós devemos concordar em ocupar na vida industrial, social e política da África do Sul, e quanto de cooperação nós devemos dar aos *white* no desenvolvimento do país.<sup>XXXVI</sup><sup>41</sup>

O próprio Dr. Abdullah Abdurahman aponta a necessidade de criar uma política *white* para conseguir construir as relações entre *coloureds* e *whites*:

É hora, portanto, da mesma maneira que os *whites* apresentaram o que eles chamam de política *native*, ou seja, uma exposição sobre qual a intenção deles sobre nosso posicionamento, de nós também expormos uma declaração clara das atitudes que desejamos adotar em direção ao desenvolvimento nacional; e nós podemos chamá-la de “Nossa Política *White*.” O quanto antes a realizarmos, antes os dois lados irão entender o outro, e nosso patriotismo pelo país não será totalmente assassinado.<sup>XXXVII</sup><sup>42</sup>

Para o Dr. Abdurahman a conciliação entre *coloureds* e *whites* relacionava-se diretamente com o estabelecimento da nação sul-africana. Apenas com uma política de igualdade civil e com a solução dos três grandes problemas existentes na África do Sul (língua, nacionalidade e a questão *native*),

---

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>XXXVI</sup> It is imperative, therefore, that we should, before we part, or in the near future, decide what is to be our own policy, our relationship to the governing section of the community. We must draw up, in definite, clear-cut lines, what position we shall consent to occupy in the industrial, social, and political life of South Africa, and what amount of co-operation we shall give to the whites in the work of developing the country.

<sup>XXXVII</sup> It is time, therefore, that just as the whites propound what they term a native policy, that is, a statement of what they intend our position to be, we should also set forth a clear statement of the attitude we intend to adopt towards the country and its development; and we may call that policy “Our White Policy.” The sooner that is done, the sooner the two sections will understand each other, and our patriotism for the country may not be altogether deadened.

a nação poderia erguer-se e estabelecer-se no rol das nações modernas do ocidente.

A questão lingüística figura como um dos grandes entraves ao desenvolvimento de um sentimento nacional para todos os sul-africanos, uma vez que a língua servia como um artefato de apoio político e ideológico. Inclusive, na Cidade do Cabo do período, ser falante de inglês ou de *afrikaans* (na época ainda chamado de *Cape Dutch*) tinha significados completamente diferentes. Para o Dr. Abdurahman, o inglês era uma língua superior, dotada de uma literatura e de uma história. A questão lingüística é apresentada da seguinte maneira:

A questão naturalmente surge em relação a qual deveria ser a língua nacional. Deveria ser uma linguagem de literatura degradada, uma língua vulgar das massas; ou deveria ser a língua na qual Macaulay disse é “na força, na riqueza da aptidão para o mais alto propósito que o poeta, o filósofo, e o orador, inferior à língua da Grécia apenas?” Deveria ser a língua da “Cozinha”<sup>43</sup> ou a língua de Tennyson<sup>44</sup>? Isso é, dever ser o *Taal*<sup>45</sup> ou o Inglês?<sup>xxxviii46</sup>

Na passagem acima descrita fica claro o posicionamento do presidente da APO. O apoio incondicional ao idioma inglês funciona como uma legitimação dos princípios políticos mantidos pelo Império Britânico na colônia do Cabo no século XIX. O desenvolvimento lingüístico, para o Dr. Abdurahman, está diretamente relacionado à evolução humana dos britânicos e à sua maior capacidade intelectual. O *Cape Dutch* é apresentado como uma língua “bárbara” e atrasada. Os *coloureds* deveriam utilizar o inglês cotidianamente, uma vez que esta língua estaria associada à evolução e à “civilização”. Para o Dr. Abdurahman:

<sup>43</sup> No original em afrikaans “Kombuis”.

<sup>44</sup> Lorde Alfred Tennyson, poeta inglês que viveu de 1809 a 1892.

<sup>45</sup> *Taal* é usado como sinônimo para a língua afrikaans.

<sup>46</sup> Idem.

xxxviii The question naturally arises which is to be the national language. Shall it be the degraded form of a literary language, a vulgar patois; or shall it be that language which Macaulay says is “In force, in richness in aptitude for all the highest purposes of the poet, the philosopher, and the orator, inferior to the tongue of Greece alone?” Shall it be the language of the “Kombuis” or the language of Tennyson? That is, shall it be the *Taal* or English?

Agora, o problema da língua preocupa nosso povo, e eu acho que deve ser o foco de todos nossos associados procurar cultivar a língua inglesa quando e onde por possível e praticável. Eu não posso entender porque uma proporção tão grande de nosso povo, que, ao meu conhecimento, tem facilidade no inglês, cai no hábito de conversar com o outro em *Cape Dutch*. Tal hábito não conduz ao pensamento moderno, e deve ser desencorajado.<sup>XXXIX47</sup>

Apesar da maioria da comunidade *coloured* falar o *Cape Dutch*, o Dr. Abdurahman faz questão de grifar que esta língua é o que move o sentimento racista nos *afrikaners* e, portanto, deve ser abolida das práticas *coloureds*. Para o Dr. Abdurahman, “Ele [o bôer] é incentivado, portanto, a permanecer fiel à sua língua, e o motivo por trás disso tudo é para acentuar o rancor e limite do preconceito racial que move o bôer tão profundamente”.<sup>XL48</sup>

Outro problema relacionado à formação da Nação sul-africana é a questão da nacionalidade. Ao negar direitos civis e políticos a amplas camadas da sociedade, a elite política da África do Sul estava negando a possibilidade de construir uma nação na qual todos seus habitantes fossem cidadãos do país. A crítica do Dr. Abdurahman aparece da seguinte maneira:

Nenhuma nação sul-africana pode ser formada na qual as raças *coloureds* não formem uma parte integral desta, tendo completo reconhecimento de todas suas reivindicações de cidadania. Nenhuma nação pode existir na qual não é homogêneo o tratamento de seus cidadãos em relação aos seus direitos e liberdades.<sup>XLI49</sup>

A construção nacional vincula-se diretamente à questão de assimilação dos *coloureds* à elite política e social da África do Sul. O Dr. Abdurahman

---

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>XXXIX</sup> Now, this problem of language concerns our people, and I think it should be the aim of all our members to seek to cultivate the English tongue wherever and whenever practicable or possible. Why so large a proportion of our people, who, to my knowledge, have facility in English fall into the habit of talking to one another in Cape Dutch, I cannot understand. Such a habit is not conducive to progressive thought, and it should be discouraged.

<sup>XLI</sup> He [the boer] is urged, therefore, to cling to his language, and the motive behind it all is to accentuate the narrowness and bitterness of a racial bias that moves the Boer so deeply.

<sup>XLI</sup> No South African nation can be formed of which the Coloured races are not an integral part, having full recognition of

refere-se constantemente à futura formação de uma nação na qual todos os *coloureds* seriam parte integrante do sistema político e legal; para ele, a existência de uma África do Sul cheia de práticas segregacionistas impede o desenvolvimento de uma “civilização” moderna em prol de um grupo arcaico e retrógrado (os *afrikaners*). É preciso perceber que o intuito desta segregação é, para o presidente da APO, apenas uma questão de conseguir mão-de-obra barata para as minas, para as indústrias e para as fazendas agrícolas.

Segundo os discursos analisados, a questão *native* serve apenas para que os amplos setores dominantes da África do Sul consigam assegurar um exército de trabalhadores braçais sempre dispostos a submeterem-se às piores condições possíveis de trabalho. A idéia constante nas argumentações políticas dominantes é aquela de que os *whites* possuem maior capacidade relacionada ao trabalho especializado assim como possuem um direito intrínseco à terra. Portanto, a submissão dos *blacks* não passa de uma estrutura corrente da superioridade racial *white*.

O grande problema apresentado pelo Dr. Abdurahman está no fato de que, para ele, os *blacks* não são tratados como seres humanos pelos *whites*: há uma discriminação corrente associada à cor do indivíduo e esta à qualidade humana do mesmo. “Os *whites* devem parar de olhá-los como certo tipo de animal, mais próximos as bestas brutas que a seres humanos”.<sup>XLII50</sup>

As políticas segregacionistas mantidas pelo General Botha e pela elite política sul-africana estariam engendrando ódio nos *non-europeans* da África do Sul. Este ódio poderia facilmente colocar em risco toda a população do país, uma vez que o grupo que pratica essa política segregacionista era demograficamente inferior àquele dominado. Contudo, mesmo apresentando uma possibilidade de levante insurrecional e de revolta popular, o Dr. Abdullah Adurahman termina seu discurso de 1912 com a citação de um poema de William Cowper, no qual podemos identificar claramente o posicionamento geral da APO ao longo de seus quase quarenta anos de predomínio da política *coloured* da África do Sul:

---

all claims to citizenship. No nation can exist which is not homogeneous as regards its citizens in respect of their rights and their liberties.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>XLII</sup> The whites must cease to regard them as a sort of animal, nearer akin to brute beasts than to human beings.

... se a vontade e soberania de Deus  
 Mandar eles sofrerem um pouco, e beijar a chibata,  
 Espere por um dia mais iluminado,  
 E quebre as correntes quando puder.<sup>XLIII</sup>

A conferência havia, em 1912, levantado várias questões referentes à subordinação dos *blacks* às elites sociais e políticas *whites* da África do Sul. Contudo, no fechamento do discurso, o presidente da organização, o Dr. Abdullah Abdurahman, fez questão de grifar que os *coloureds* deveriam esperar o momento certo para tomar atitudes de revolta e de levante. A assimilação deveria ser feita pela construção moral de um caráter socialmente aceitável e “civilizado” e não pela via da violência. Apesar de subjugados e maltratados, os *coloureds* deveriam manter-se sólidos frente às imposições raciais da elite *white*, uma vez que “justiça e igualdade são direitos inerentes a todo homem, especialmente àqueles nascidos livres como indivíduos britânicos, mesmo na África do Sul”.<sup>XLIV51</sup>

Até o ano de 1919, a *African Political (People’s) Organization* e seu presidente participaram efetivamente do cenário político da Cidade do Cabo sem, contudo, conseguir promover a tão esperada assimilação política e social do grupo.

Os anos de 1910-1919 foram extremamente frustrantes para a comunidade *coloured* da África do Sul, graças à implementação do Ato de União (1910), da “lei de Minas e Trabalhos”<sup>52</sup> (1911), da “lei das Terras Nativas”<sup>53</sup> (1913) e das demais leis segregacionistas. A frustração foi tamanha que fez com que a organização mudasse sua abordagem e, no ano de 1919, mudou inclusive de nome: Deixava de ser a *African Political Organization* para se tornar *African People’s Organization*:

<sup>51</sup> ABDUR AHMAN, Abdullah. *The 1913 Presidential Address*, Kimberley: 1913. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>52</sup> Mines and Works Act.

<sup>53</sup> Natives’ Land Act.

<sup>XLIII</sup> “... if the will and sovereignty of God / Bid suffer it awhile, and kiss the rod, / Wait for the dawning of a brighter day, / And snap the chain the moment when you may”.

<sup>XLIV</sup> justice and equity are inherent rights of every man, especially a freeborn British subject, even in South Africa.

Diante da deterioração do clima político, a APO após a União progressivamente abandonou seu ativismo da década precedente em favor de uma abordagem mais pragmática e lucrativa. (...) De fato, em 1919, a APO alterou seu nome para *African People's Organization* para refletir essa mudança de ênfase.<sup>XLV<sup>54</sup></sup>

---

<sup>54</sup> ADHIKARI, Mohamed. *Not White Enough, Not Black Enough: Racial identity in the South Africa Coloured Community*. Cape Town: Ohio University Press, 2005 (p. 72).

<sup>XLV</sup> In the face of this deteriorating political climate, the APO after Union progressively abandoned its activism of the previous decade in favor of a more pragmatic, incremental approach. (...) Indeed, in 1919, the APO altered its name to the African People's Organization to reflect the change emphasis.

## [capítulo III]

### *Contextos e Preocupações*

#### *A Cidade Moderna e A Política Segregacionista*

A Primeira Guerra Mundial apressou e consolidou a modernização da Cidade do Cabo. Antes da guerra, a Cidade do Cabo já possuía um importante papel político na recém inaugurada União Sul-Africana; contudo, com o fim do conflito mundial, a região passou por um crescimento industrial e demográfico, que se deveu em grande medida às condições propícias para a imigração. Desta forma, o Cabo fortaleceu sua importância econômica e cultural em nível nacional. Segundo Vivian Bickford-Smith, Elizabeth van Heyningen e Nigel Worden:

A Primeira Guerra Mundial acelerou a modernização da Cidade do Cabo. Enquanto as estruturas básicas já existiam antes da Grande Guerra, entre 1919 e 1945 a cidade foi transformada em uma cidade industrial particularmente pelo desenvolvimento das docas e o crescimento de novas áreas de manufaturas. Esses anos também viram a introdução de muitas facilidades e conveniências da vida moderna como a eletricidade, carros motorizados e o cinema.<sup>101</sup>

Contudo, a modernização da Cidade do Cabo trouxe, além dos benefícios da modernidade, uma série de problemas políticos e sociais que modificaram a maneira pela qual as várias identidades locais eram construídas e significadas. Depressão, nacionalismo *afrikaner*, segregação, conflitos étnicos e protestos políticos deixaram grandes marcas na cidade. A legislação nacional

---

<sup>01</sup> BICKFORD-SMITH, Vivian & HEYNINGEN, Elizabeth van & WORDEN, Nigel. *Cape Town in the Twentieth Century: An Illustrated Social History*. Claremont: David Philip Publishers, 1999 (p. 62).

<sup>1</sup>The First World War hastened the modernization of Cape Town. While its basic structures had already been set in place before the Great War, between 1919 and 1945 the town was transformed into an industrial city particularly with the development of the docks and the growth of new manufacturing areas. These years also saw the introduction of many of the facilities and conveniences of modern life such as electricity, motor cars and the cinema.

ampliava a política de dividir a cidade em linhas raciais. A pobreza aumentou. A distância entre ricos e pobres, *blacks* e *whites*, chegara a proporções jamais vistas.

Antes da Primeira Guerra Mundial, a Cidade do Cabo era basicamente uma cidade comercial de características coloniais. Até o século XVIII, o Cabo, ainda sob o controle holandês, funcionava como um entreposto comercial para a venda de produtos agrícolas e para o abastecimento de água aos navios que eram obrigados a parar em seu porto. No entanto, em termos comerciais, durante todo o período holandês, o Cabo não figurou como um entreposto comercial lucrativo. Sua importância estava muito mais associada à sua localização geográfica e à sua capacidade de reabastecer os navios (que tinham como destino tanto as possessões holandesas na Ásia como outros portos da Europa) do que ao lucro obtido com a venda de seus produtos agrícolas. Apenas com a chegada dos ingleses e com a conquista final da colônia holandesa, em 1806, a Cidade do Cabo passou a fazer parte, ainda que de maneira incipiente, de um sistema mundial capitalista e industrial. O historiador sul-africano Vivian Bickford-Smith, em seu livro *Ethnic pride and racial prejudice in Victorian Cape Town: Group Identity and Social Practice, 1875-1902*, destaca que:

Embora a economia do Cabo não fosse estagnada no período holandês, foi com o domínio britânico que o Cabo foi, pela primeira vez, inserido no interior de uma poderosa economia industrial. Os britânicos tinham a inclinação e a habilidade para mudar a natureza e capacidade da produção colonial, com as conseqüentes implicações para acumulação de capital e urbanização da nova colônia.<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> BICKFORD-SMITH, Vivian. *Ethnic pride and racial prejudice in Victorian Cape Town: Group Identity and Social Practice, 1875-190*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002 (p. 11).

<sup>11</sup> Although the Cape's economy was by no means stagnant under the Dutch, it was under the British that the Cape was for the first time brought within the ambit of a powerful industrializing economy. The British had both the inclination and the ability to change the nature and capacity of colonial production, with the consequent implications for the accumulation of capital and urbanization in the new colony.

Entretanto, é preciso notar que até a Primeira Guerra Mundial a produção fabril ainda era incipiente. As fábricas existentes eram poucas, pequenas, com mínima mecanização e pouco giro de capital. Os principais produtos fabricados eram sopa, velas, biscoitos ou refrigerantes, produtos que requeriam pouco trabalho e mecanização. Apenas alguns empreendimentos atendiam áreas como a impressão, a fabricação de móveis, barcos de pesca e de sofás etc.

Segundo Bickford-Smith, a grande contribuição dos ingleses para o futuro desenvolvimento industrial da Cidade do Cabo foi o investimento em infra-estruturas básicas. Segundo o autor:

Entre 1873 e 1883 mais de 1.000 milhas de ferrovias e 7.000 milhas de telégrafos foram construídos. (...) Ela [a Cidade do Cabo] teve seu interior efetivo massivamente expandido. Além do mais, o governo do Cabo gastou quase £1.000.000 na melhoria do porto da Cidade do Cabo, comparado as £500.000 e £300.000 gastos em East London e Port Elizabeth respectivamente. Graças também ao serviço de trem expresso, a Cidade do Cabo no início de 1880 tornou-se a principal porta de entrada para um crescente número de passageiros rumo ao interior.<sup>103</sup>

Durante o entre-guerras, a Cidade do Cabo cresceu de um pequeno entreposto comercial a uma moderna cidade industrial. A cidade que havia sido construída sobre e para o comércio passava a adquirir características similares àquelas de sociedades industriais. Os comerciantes e agricultores, que haviam dominado a política e a economia da Cidade do Cabo até o início do século XX, passavam a formar um segundo grupo de importância econômica atrás de vários empresários e empreendedores industriais que, cada vez mais, eram protegidos pela legislação da União Sul-Africana. Essa nova situação provocou a mudança de várias estruturas econômicas e sociais do Cabo, principalmente entre a comunidade *coloured*. Como resultado da combinação das leis de trabalho civilizado – que exigia certo grau de educação

---

<sup>03</sup> Idem. (p. 13).

<sup>103</sup> Between 1873 and 1883 more than 1.000 miles of railway and 7.000 miles of telegraph were constructed. (...) Her [Cape Town] effective hinterland was massively increased. In addition, the Cape government spent almost £1.000.000 on improving Cape Town's harbor, compared to the £500.000 and £300.000 expended on East London's and Port Elizabeth's respectively. Thanks also to a special fast-train service, Cape Town by the early 1880s became the main port of entry for the escalating number of passengers to the interior.

institucional para ocupação de determinados empregos –, da busca por mão-de-obra barata e o predomínio de indústrias leves, a economia local começou a favorecer o emprego de *whites* pobres, africanos e mulheres acima dos homens *coloureds*. Isso porque, a comunidade *coloured*, muitas vezes, era vista como um grupo de párias graças ao pensamento eugenista vigente em época. Além do mais, os jovens *coloureds* eram excluídos dos empregos de aprendizado por sua baixa escolaridade.

O Dr. Abdullah Abdurahman, no discurso presidencial anual da *African Political (People's) Organization* de 1919, capturou esse momento crucial da vida social e econômica da União e argumentou que era chegado o momento de remediar todos os erros cometidos contra os *coloureds*, fossem eles de cunho legal ou social. Para o Dr. Abdurahman era necessário construir um sistema político capaz de promover o progresso e a prosperidade do país:

A África do Sul tem agora uma oportunidade única para corrigir os muitos erros que os *non-europeans* sofreram até hoje. Sinais inequívocos da reconstrução da sociedade são visíveis em todo lugar. Poderá ela permitir que o resto do mundo surja com uma nova estrutura social, baseada na ajuda mútua entre os indivíduos, como sem dúvida será o caso, e apenas ela garantir que sua população *non-european* não tenha a oportunidade de viver vidas decentes? Ai de mim! Não. Isso não pode acontecer. Nós olhamos ansiosos para o dia em que a África do Sul começará a apreciar a confiança que nela depositamos e a perceber que o progresso e a prosperidade de um país dependem em grande medida da felicidade e alegria da população *coloured*. A história de nosso povo na África do Sul tem sido até agora um longo registro de injustiça e cruéis erros; e desde a União a legislação tendeu a agravar nossos sentimentos de ressentimento com esse tratamento injusto.<sup>IV04</sup>

<sup>04</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1919 Presidential Address*, Cape Town: 1919. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>IV</sup> South Africa has now a unique opportunity of redressing the many wrongs the non-Europeans suffer to this day. Unmistakable signs are visible everywhere of a reconstruction of society. Can she allow the rest of the world to emerge with a new structure of society, based on mutual aid among individuals, as will undoubtedly be the case, and she alone withhold from her non-European population the opportunities of living decent lives? Alas! No. It must not be. We look forward to the day when South Africa will begin to appreciate the trust she has undertaken, will begin to realize that the progress and prosperity of the country depend largely upon a contented and happy Coloured people. The history of our people in South Africa has so far been one long record of injustice and cruel wrongs; and since the Union legislation has tended to aggravate our feelings of resentment at such unjust treatment.

Para o Dr. Abdullah Abdurahman, o término da guerra e a conseqüente vitória da “civilização” sobre a “barbárie” não suportaria o aumento das políticas segregacionistas. Como lembrou o presidente da *African Political (People’s) Organization* em 1923: “Com o início da Grande Guerra nós novamente desenvolvemos grandes esperanças de que nossos direitos seriam reconhecidos”.<sup>v05</sup>

Nos discursos analisados percebe-se que os membros da APO mudaram de posicionamento político após o aumento das tensões criadas pelo fortalecimento da identidade *afrikaner* e do advento das leis segregacionistas (como, por exemplo, leis trabalhistas que dificultavam o acesso dos *coloureds* a empregos industriais e diminuía a aceitação de *coloureds* para cargos de aprendiz, segregação territorial e habitacional, instituição das leis de passe, das leis de Minas e Trabalhos (1911), instauração da Regulamentação do Trabalho Nativo (1911) e da aplicação da lei de Terras Nativas (1913), dentre várias outras ações segregacionistas). Como Mohamed Adhikari apresenta em seu livro *Not White Enough, Not Black Enough: Racial identity in the South Africa Coloured Community* (2005):

Diante da deterioração do clima político, a APO, após a União, progressivamente abandonou seu ativismo da década precedente em favor de uma abordagem mais pragmática e lucrativa. Reuniões de protestos de massa, delegações com ampla publicação, e discursos condenatórios deram lugar a ações de intermediação discreta, apelações cuidadosamente escritas, e focou o progresso sócio-econômico da população *coloured*. Essa mudança foi notada no jornal APO no início de 1911, conforme ele progressivamente tornou-se menos sincero e agressivo em busca de mais igualdade civil. De fato, em 1919, a APO alterou seu nome para *African People’s Organization* para refletir essa mudança de ênfase.<sup>v106</sup>

---

<sup>05</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1923 Presidential Address*, Cape Town: 1923. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>06</sup> ADHIKARI, Mohamed. *op. Cit.* 2005 (p. 72).

<sup>v</sup> With the outbreak of the Great War we once again entertained high hopes that our rights would receive recognition  
<sup>v1</sup> In the face of this deteriorating political climate, the APO after Union progressively abandoned its activism of the previous decade in favor of a more pragmatic, incremental approach. Mass protest meetings, high-profile deputations, and denunciatory speeches gave way to discreet lobbying, cautiously worded appeals, and a focus on the socioeconomic advancement of the Coloured people. This shift was noticeable within the APO newspaper as early as mid-1911, as it

A organização mudava seu foco de ação e suas atitudes políticas para tentar captar e dialogar com as novas elites sul-africanas. Mantendo o ideal assimilacionista, o Dr. Abdullah Abdurahman redirecionava a APO para uma luta socioeconômica contra o estabelecimento e o fortalecimento das práticas segregacionistas. Portanto, para melhor compreender suas atitudes e discursos após a Primeira Guerra Mundial, é preciso explicar e contextualizar a ideologia segregacionista na África do Sul do início do século XX.

Há muita divergência historiográfica quanto ao surgimento da idéia de segregação na África do Sul, segundo Saul Dubow:

Os historiadores possuem uma multiplicidade de visões no que diz respeito às origens históricas da segregação. Alguns autores, como Marian Lacey e Richard Parry, traçam a segregação de volta ao século dezenove no Cabo e às disposições de Cecil Rhodes na lei de 1894 de Glen Grey. Também foi sugerido que a experiência do controle britânico na Basutolândia proveu um modelo para os primeiros teóricos segregacionistas. Durante o entre-guerras e depois, houve uma suposição disseminada (especialmente entre os intelectuais liberais) de que as origens da segregação seriam encontradas nas atitudes raciais características da “tradição de fronteiras” e em sua instituição nas repúblicas bôeres no século dezenove. Contra essa visão, David Welsh afirmou que os antecedentes da segregação e do apartheid devem ser encontrados nas políticas de Shepstone<sup>07</sup> na colônia do Natal.<sup>VII08</sup>

---

<sup>07</sup> Theophilus Shepstone (1817-1893) nasceu na Inglaterra, mas aos três anos mudou-se com a família para a Cidade do Cabo, África do Sul. Em 1835 lutou contra os Xhosa e em 1839 migrou para o Natal para consolidar o domínio britânico na região. Trabalhou de 1848 até 1877 como secretário, assessor e legislador no Diretório Político de Governo Nativo, onde criou várias legislações de cunho segregacionistas.

<sup>08</sup> DUBOW, Saul. “The Elaboration of Segregationist Ideology” IN: DUBOW, Saul & BEINART, William. *Segregation and Apartheid in Twentieth-Century South Africa*. London: Routledge, 1995. (pp. 145-146).

became progressively less outspoken and less aggressive in its demand for civil equality. Indeed, in 1919, the APO altered its name to African People’s Organization to reflect the change emphasis.

<sup>VII</sup> Historians hold a multiplicity of views as regard the historical origins of segregation. Some writers, like Marian Lacey and Richard Parry, trace segregation back to the nineteenth-century Cape and the provisions of Cecil Rhodes’s 1894 Glen Grey Act. It has been suggested too that the experience of British rule in Basutoland provided a model for some of the early theorists of segregation. During the interwar years and beyond there was a widespread assumption (special among liberal scholars) that the origins of segregation were to be found in the racial attitudes characteristic of the ‘frontier tradition’ and

Entretanto, a dificuldade de estabelecer com exatidão o momento do surgimento da ideologia segregacionista não pode obscurecer o fato de que essa política passou a ser uma palavra chave da sociedade sul-africana apenas no início do século XX. Após a centralização das províncias, com o Ato de União de 1910, a segregação racial começou a cristalizar-se como prática política efetiva, estabelecendo-se notoriamente após a Primeira Guerra Mundial.

Maurice Evans, em seu livro *Black and White in South East Africa: A Study in Sociology* (1911), foi um dos primeiros teóricos do segregacionismo a atingir o grande público. Para Maurice:

- 1 - O *white* deve governar.
- 2 - O Parlamento eleito pelos *whites* deve perceber que enquanto é seu dever decidir sobre as linhas políticas a serem adotadas, eles devem delegar poder em grande medida àqueles especialmente qualificados, e devem abster-se de interferências desmedidas.
- 3 - A principal linha política deve ser a separação das raças o quanto possível, nosso objetivo é a prevenção da deterioração racial, a preservação da integridade racial, e garantir oportunidade para que elas construam e desenvolvam sua vida racial.<sup>viii09</sup>

Dubow afirma que:

Esses três princípios ressoaram fortemente com o paternalismo colonial e com a ideologia administrativa, da qual a segregação era uma parte variante. Será observado que as afirmações positivas de Evans sobre a supremacia *white* foram suavizadas por conta do conhecimento de que a política *native* teria de ser executada imparcialmente, e que considerável descentralização de poder através de adequados mecanismos de orientação teriam de ser introduzidos. Como nenhum outro autor de seu tempo,

---

<sup>09</sup> IN: DUBOW, Saul. "The Elaboration of Segregationist Ideology". *op. Cit.* 1995 (pp. 150-151).

in the institutions of the nineteenth-century Boer republics. Against this view, David Welsh has claimed that the antecedents of segregation and apartheid are to be found in the Shepstonian policies of colonial Natal.

<sup>viii</sup> 1 - The white man must govern.

2 - The Parliament elected by the white man must realize that while it is their duty to decide upon the line of policy to be adopted, they must delegate a large measure of power to those especially qualified, and must refrain from undue interference.

Evans utilizou com conhecimento da linguagem eugenista, levando-o, por exemplo, a advertir contra a miscigenação e os efeitos de contatos inter-raciais nas esferas industriais.<sup>10</sup>

A modernidade da Cidade do Cabo produziu, além de mudanças econômicas e sociais, uma ânsia intelectual pelo cientificismo e pela explicação racional das categorias etno-jurídicas que, desde meados do século XIX, estavam em construção e serviam para separar os habitantes da África do Sul em grupos raciais. Maurice Evans, assim como vários autores e intelectuais de sua época (como Charles Templeman Loram<sup>11</sup>), utilizou a linguagem cientificista, principalmente eugenista, para construir o discurso da necessidade do segregacionismo. Para estes autores, o caminho político do segregacionismo era ideal por que permitiria que *as diferentes raças se desenvolvessem independentemente*.

Após a segunda metade do século XIX houve uma grande explosão de estudos biológicos e sociais que, baseados em princípios científicos de raça, abalaram todo o mundo falante de inglês. Segundo Saul Dubow:

O pensamento evolucionista, exemplificado pela teoria Darwinista de seleção natural, veio a ser aplicada à situação humana, e aos grupos, especialmente, ao invés de aos indivíduos. Cientistas de várias disciplinas pegaram para si a tarefa de classificar as raças do mundo de acordo com a hierarquia “natural”.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Idem. (p. 151)

<sup>11</sup> Charles Templeman Loram publicou em 1917 o livro *The Education of the South African Native* no qual re-afirmava e ampliava, em termos cientificistas, vários dos temas trabalhados por Maurice Evans.

<sup>12</sup> Idem (p. 154).

3 – The main line of policy must be the separation of the races as far as possible, our aim being to prevent race deterioration, to preserve race integrity, and to give both opportunity to build up and develop their race life.

<sup>13</sup> These three principles resonate strongly with the colonial paternalism of trusteeship ideology, of which segregation was a variant. It will be observed that Evans's positive assertion of white supremacy is mitigated by an acknowledgement that native policy would have to be executed justly, and that considerable devolution of power with adequate mechanisms of consultation would have to be introduced. Like other writers of his time, Evans was strongly informed in his work by the language of eugenics, leading him, for example, to warn against miscegenation and the effects of interracial contact in the industrial sphere.

<sup>14</sup> Evolucionist thought, exemplified by the Darwinian theory of natural selection, came to be applied to the human situation, and to groups rather than to individuals. Scientist across range of disciplines set themselves the task of classifying the world's races according to a 'natural' hierarchy”.

Observando a formação nacional da África do Sul, percebemos claramente que na virada do século XIX para o XX havia uma preocupação enorme, por parte dos governos locais e de grupos envolvidos na discussão sobre a união, em classificar e hierarquizar as populações da região. As identidades construídas baseavam-se em premissas raciais que imputavam características ao grupo e não ao indivíduo. No caso dos *coloureds*, a organização do grupo era baseada na teoria da miscigenação, isso é, o *coloured* seria um híbrido racial, deteriorado por natureza.

No início do século XX, as teorias eugenistas, criadas por Francis Galton, já ocupavam um local de destaque no pensamento intelectual anglófono e foram cruciais para a formação das interpretações referentes à idéia de miscigenação na África do Sul e a conseqüente construção da identidade *coloured*. A linguagem eugenista é extremamente evidente na obsessão contemporânea por questões como a “miscigenação” e a criação de “raças híbridas” – uma preocupação que não era restrita, de maneira alguma, apenas à África do Sul. Segundo Dubow:

A miscigenação entre as classes trabalhadoras era tida como um dreno que sugava a fibra da civilização *white* em seu ponto mais vulnerável. Similarmente, “fusão racial” era apresentada nos termos mais apocalípticos por eugenistas inspirados no catastrofismo como Ernest Stubbs e George Heaton Nicholls. Maurice Evans associou-se (como muitos outros pensadores liberais *whites*) à opinião do “sul-africano *white* de classe média” de que “a mistura sangüínea das raças é a pior coisa que pode acontecer, ao menos para a raça *white*, e talvez para ambos”.<sup>13</sup>

Apesar do cientificismo racial, especialmente sua vertente eugenista, fazer parte da linguagem intelectual sul-africana desde a segunda metade do século XIX, foi apenas nos anos após a Primeira Guerra Mundial que essa ideologia passou a exercer uma maior influência na política segregacionista

---

<sup>13</sup> Idem (p. 156).

<sup>31</sup> Miscigenation among working classes was held to sap the fibre of white civilization and its most vulnerable point. Similarly, ‘race fusion’ was portrayed in the most apocalyptic terms by such eugenicist-inspired catastrophists as Ernest Stubbs and George Heaton Nicholls. Maurice Evans associated himself (as did many white liberal thinkers) with the opinion of the ‘average white South African’ that the ‘admixture in blood of the races is the worst that can happen, at least for the white race, and perhaps for both’

sul-africana. Saul Dubow em seu livro *Scientific racism in modern South Africa*<sup>14</sup> (1995) traça e discute a formulação e a aceitação dos conceitos científicos eugenistas de raça na África do Sul. Para Dubow:

Foi apenas na década após o final da Primeira Guerra Mundial que o novo movimento eugenista começou a emergir de forma desenvolvida. Apesar de nunca ter “decolado” em um sentido popular, esse movimento atraiu com sucesso um número de partidários influentes e patrocinadores, principalmente concentrados nos campos da medicina, ciência e instituições intelectuais. O desenvolvimento do eugenismo pode ser visto, por isso, como sendo uma associação próxima entre profissionalização e industrialização de conhecimentos nas universidades em expansão e nos setores estatais.<sup>XIII</sup><sup>15</sup>

Não nos cabe aqui discutir toda a formação do pensamento segregacionista na África do Sul. Cabe, contudo, diagnosticar como vários elementos intelectuais – tais como a construção de ideologias segregacionistas pautadas em concepções racializadas – foram cruciais para o fortalecimento da identidade *coloured* principalmente nos discursos anuais do presidente da *African Political (People’s) Organization*, o Dr. Abdullah Abdurahman.

As ideologias raciais e eugenistas foram decisivas para a re-interpretação identitária da comunidade *coloured* na Cidade do Cabo após o término da Primeira Guerra Mundial. As práticas políticas modernas fizeram com que os principais líderes *coloureds*, entre eles o notável Dr. Abdullah Abdurahman, produzissem argumentos que dialogassem com o segregacionismo e propusessem alternativas nas quais os *coloureds* não fariam parte dos excluídos.

Para os pensadores eugenistas, impedir a degeneração da “raça branca” era de extrema importância para o avanço e o progresso da sociedade.

---

<sup>14</sup> DUBOW, Saul. *Scientific racism in modern South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

<sup>15</sup> Idem (pp. 132-133).

<sup>XIII</sup> It was only in the decade after the First World War that the fledgling eugenic movement began to emerge in a developed form. Though it never ‘took off’ in a popular sense, this movement nevertheless succeeded in attracting a number of influential adherents and supporters, principally concentrated in pockets of medical, scientific and intellectual establishments. The development of eugenics can therefore be seen to have been closely bound up with the professionalization and industrialization of knowledge in the expanding university and state sectors.

Na África do Sul esse avanço e progresso ligavam-se diretamente à resolução dos três grandes problemas apontados por estes intelectuais: a questão “nativa”, *coloured* e a situação do *poor whiteism*. Ou seja, os problemas sociais eram em essência racializados.

O problema *coloured* referia-se diretamente à concepção racializada de “miscigenação”. Após a Primeira Guerra Mundial, ser mestiço, termo que mais tarde foi vinculado à idéia de *coloured*, significava pertencer a um grupo intermediário no qual a degeneração racial era claramente notada. O *coloured* urbano não era o autóctone, isso é, não tinha acesso e direito às terras *natives* (mesmo que no caso fossem as terras de baixa qualidade), mas também não era o *white*, aquele que historicamente era vinculado ao mundo urbano e moderno. A definição da categoria *coloured* era construída pela afirmação do que o *coloured* não era. O historiador sul-africano Hermann Giliomee demonstra a dificuldade de definição do grupo:

Definir a população *coloured* sempre provou ser uma tarefa impossível. Para Abdullah Abdurahman, um líder *coloured* diferenciado, o termo “*coloured*” significava “todos que são indivíduos britânicos na África do Sul e que não são *europeans*”. A definição dos legisladores do período do apartheid também era negativa, mas ainda mais restritiva: o *coloured* é uma pessoa que obviamente não é nem *white* nem africano. Ainda havia um grande número de *coloureds* na qual a aparência física não diferia em nada de um desses dois grupos. A população *coloured* era formada pela exclusão do grupo *white* dominante, particularmente nas igrejas e escolas, e para identificação quase geral com a cultura Ocidental e com a fé Cristã.<sup>xiii</sup><sup>16</sup>

A complexidade da definição da categoria *coloured* produzia um desconforto político e social na Cidade do Cabo. As afirmações da necessidade de segregação, por parte de teóricos eugenistas e de darwinistas sociais,

---

<sup>16</sup> GILIOME, Hermann, *op. Cit.*, 2003 (p. 388).

<sup>xiii</sup> Defining the colored people had always proved to be an impossible task. For Abdullah Abdurahman, an outstanding colored leader, the term ‘colored’ meant ‘everyone who was a British subject in South Africa and who was not a European’. The definition of lawmakers in the apartheid period was also a negative one, but even more restrictive: a colored was a person obviously neither white nor African. Yet there were large numbers of colored people who in physical appearance did not differ at all from one of these two groups. Colored people were formed by their exclusion from the white dominant group, particularly in the church and schools, and by the identification of most with Western culture and Christian faith.

encontravam como empecilho o grupo *coloured*. Era preciso definir se os *coloureds* pertenciam ou não a mesma cultura e civilização dos *whites*, ou se representavam um perigo para o progresso e evolução da sociedade *european* na Cidade do Cabo. Para o Dr. Abdullah Abdurahman a questão *coloured* figurava da seguinte maneira:

Agora surge o que é chamado de problema da cor, apresentando-se em diferentes colônias de várias maneiras. No Cabo onde os princípios prejudiciais do Norte traiçoeiramente se alojaram e começaram a formar raízes, o problema, entretanto, ainda significa a garantia da população *coloured* das máximas liberdades e oportunidades com a menor ofensa aos sentimentos dos *whites*. Em Natal a concepção do problema foi traduzido na garantia de oportunidades e assistências à população *coloured* enquanto isso parecer justo e honroso aos olhos do povo da Inglaterra. No Transvaal, por outro lado, desenvolveram-se todos os tipos de restrições para perturbar a população *coloured* sem violar nenhuma obrigação do tratado; enquanto aos cavalheiros do Estado Livre o problema significou a escravização da população *coloured* sem a menor atenção à opinião do mundo civilizado.<sup>XIV</sup><sup>17</sup>

No caso do Cabo, que é o foco principal desta pesquisa, o Dr. Abdurahman diagnosticou que, apesar das tentativas de garantir liberdade e oportunidade para os *coloureds*, o princípio segregacionista do Norte estabeleceu novos significados na região. Contudo, é preciso destacar que os primeiros pensadores a escrever sobre a política segregacionista eram ingleses e não *afrikaners*. Segundo Dubow:

<sup>17</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1921 Presidential Address*, Cape Town: 1921. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>XIV</sup> There now emerged what is called the Colour problem, presenting itself in the different colonies in various aspects. In the Cape where the pernicious principles of the North had insidiously crept in and had begun to take root, the problem, however, still meant the granting to Coloured people of the maximum of liberty, freedom and opportunity with the least offence to white sentiment. In Natal the conception of the problem was translated into giving the Coloured people the least opportunity and assistance while still appearing just and fair in the eyes of the people of England. The Transvaal, on the other hand, devised all kinds of restrictions to harass Coloured people without violating any treaty obligations; while to the gentlemen in the Free State the problem meant enslaving the Coloured people without the least regard to the opinion of the civilised world.

Esse tipo de afirmativa ignora que de fato o primeiro grupo de teóricos a pensar um sistema ideológico de segregação foram os falantes de inglês – ao invés dos de afrikaans –, e que muitos deles eram associados no entre-guerras à tradição do pensamento liberal sul-africano. O primeiro ministro Hertzog, que foi o responsável direto pela passagem das leis *Natives* de 1936, promoveu a segregação como uma supremacia *white* ao invés de *afrikaner*, e ele retirou a maioria de suas idéias dos pensadores falantes de inglês. É notável que o *Afrikaner Broederbond*, que foi o motor do pensamento ideológico nacionalista *afrikaner* no século vinte, apenas começou a mudar suas preocupações das relações entre Anglo-afrikaners para a “questão *native*” em meados da década de 1930, tempo no qual a ideologia segregacionista já estava profundamente enraizada. Os primeiros exemplos de teorias proto-apartheid *afrikaners* data do início de 1930, mas apesar delas possuírem a marca diferencial do pensamento Nacionalista-Cristão e abraçarem uma visão puritana da separação total, em essência elas era amplamente derivadas da ideologia segregacionista e administrativa já existente.<sup>xv18</sup>

A negação da importância dos anglos-sul-africanos na construção da ideologia segregacionista, acima destacada por Saul Dubow, está diretamente relacionada com a proposta identitária da APO: para o Dr. Abdullah Abdurahman, os ingleses representavam a civilização e a modernidade. Em todos seus discursos há uma exaltação dos ingleses, de sua cultura, língua e administração. Hermann Giliomee analisando o Dr. Abdurahman destaca que:

Abdurahman chamou a tentativa dos *whites* falantes de holandês – ou afrikaans – de vincularem-se ao seu idioma de um salto da “ignorância e amargura” e de luta entre os dois grupos *whites*, que “motivavam o Bôer tão profundamente”. Ele argumentava que seus seguidores *coloureds*, ao

---

<sup>18</sup> DUBOW, Saul, “The Elaboration of Segregationist Ideology”, *op. Cit.*, 1995. (p. 147).

<sup>xv</sup> This sort of account ignores the fact that the first group of theorists to outline a systematic ideology of segregation were English – rather than Afrikaans – speaking, and that many of them were associated with the interwar tradition of South African liberal thought. Prime Minister Hertzog, who was directly responsible for the passage of the 1936 Native Bills, promoted segregation as a white supremacist rather than an Afrikaner, and he derived most of his ideas from English-speaking thinkers. It is notable that the Afrikaner Broederbond, that powerhouse of twentieth-century Afrikaner nationalist ideological thought, only began to shift its concerns from Anglo-Afrikaner relations to the ‘native question’ in the mid- to late 1930s, by which time segregationist ideology was already deeply entrenched. The earliest examples of Afrikaner proto-apartheid theory date from the early 1930s, but although they bear the distinctive imprint of Christian-Nationalist thinking and embrace a purist view of total separation, in substance they are largely derivative of already extant segregation and trusteeship ideology.

contrário, se tornaram fluentes no inglês, “a língua mais universal de todas” e “deixaram o hábito de se expressar no bárbaro *Cape Dutch*”.<sup>XVII19</sup>

A segregação, apesar de ter sido primeiramente teorizada por intelectuais ingleses, ocupou um espaço tão importante na construção nacional sul-africana que seus significados plurais não se prestam a uma única interpretação para o surgimento e desenvolvimento político do ideal segregacionista. Segundo Martin Legassick:

A política de segregação racial na África do Sul, mais recentemente conhecida com o nome de apartheid, separou desenvolvimento e desenvolvimento multinacional, e teve em diferentes momentos e para diferentes grupos uma multiplicidade de significados e funções. A segregação operava nos níveis de ideologia, de controle social, de reprodução de trabalho e assim por diante. Mas se existe um traço comum que une esses significados é no nível de separação imperativa dos pólos territorial/residencial e nas atividades na África do Sul que formalizaram a idéia de que *blacks* e *whites* possuem vontades e necessidades diferentes nos campos sociais, culturais e políticos.<sup>XVII20</sup>

Para a elite burguesa *coloured*, representada pela *African Political (People's) Organization*, a segregação fazia parte da tradição *afrikaner* pregada nas antigas repúblicas do Norte. Os anseios do grupo relacionavam-se em afirmar que os *coloureds*, por compartilharem os mesmos espaços sócio-culturais dos *whites*, não podiam ser segregados. Em vários discursos do Dr. Abdullah Abdurahman

<sup>19</sup> GILIOME, H. *op. Cit.* (p. 390).

<sup>20</sup> LEGASSICK, Martin. “British Hegemony and the Origins of Segregation” IN: DUBOW, Saul & BEINART, William. *Segregation and Apartheid in Twentieth-Century South Africa*. London: Routledge, 1995. (p. 44).

<sup>XVII19</sup> Abdurahman called the attempt by Dutch – or Afrikaans – speaking whites to cling to their language as springing from ‘the narrowness and bitterness’ of the fight between the two white groups, which ‘moved the Boer so deeply’. He urged his colored followers, instead, to become fluent in English, ‘the most universal of all languages’ and to ‘drop the habit of expressing themselves in the barbarous Cape Dutch’.

<sup>XVII20</sup> The policy of racial segregation in South Africa, more recently know by the terms apartheid, separate development and multi-national development, has had at different times and for different groups a multiplicity of meanings and functions. Segregation operates at the levels of ideology, of social control, of reproduction of labour and so on. Yet if there is a common thread which unites these meanings it is at the level of the imperative for separate territorial/residential poles as the focus of black and white activities in South Africa, coupled with the idea that black and white have different wants and requirements in the fields of social, cultural and political policy.

há uma construção de dicotomias étnicas que separava o grupo *white* em civilizados (ingleses) e bárbaros (*afrikaners*). Com o propósito de assimilar seu grupo à elite burguesa “civilizada” do Cabo, o Dr. Abdurahman e sua organização argumentavam que os *coloureds* estavam progredindo rumo à civilização ocidental e, portanto, não deveriam receber o mesmo tratamento segregado que era aplicado aos *natives*. Precisavam ser assimilados e reconhecidos como cidadãos ingleses, aculturados e civilizados.

O Ato de União, segundo o Dr. Abdurahman, acentuou as diferenças entre *whites* e *coloureds* na província do Cabo. Para melhor compreendermos esse seu posicionamento, precisamos perceber que a política de conciliação do General Louis Botha e de Jan Smuts pregava que *afrikaners* e ingleses estavam fluindo juntos numa mesma correnteza rumo à afirmação nacional. A tentativa política do *South African Party* (SAP), partido liderado por Botha e Smuts, de estabelecer uma identidade nacional baseada na identificação *afrikaner* e inglesa como *raça branca* e não afirmar e fortalecer as diferenças identitárias e culturais óbvias entre ambos os grupos, culminava diretamente na política segregacionista contra *coloureds* e *natives*.

Conforme já se discutiu no segundo capítulo, o presidente da APO faz, em 1921, uma construção imaginária da política do liberalismo do Cabo, mas que figura também como uma crítica à política de conciliação *white* e de segregação *non-white* que se fundamentava cada vez mais nos anos após o término da Primeira Guerra Mundial. O Dr. Abdullah Abdurahman escreve:

Nós vemos este triste drama de imoralidade política, que jamais ocorreu na vida de nenhuma comunidade civilizada, e gostaríamos de saber como a Província do Cabo e o Parlamento Imperial podem consentir tal procedimento de privação dos direitos mais apreciados por grande parte de seus mais leais colonos. A Lei [A lei de União] acentuou a infelicidade da separação entre partes da sociedade *white* e *coloured*. Ela separou as pessoas em dois campos hostis em todos aspectos da vida – industrial, social e político. As raças *black* e *white* estão se separando, e o antagonismo está se tornando tão pronunciado que qualquer um teme olhar para o futuro. Sentimentos baseados em raça são expressos tão abertamente agora que qualquer um treme ao ler sobre eles. Por exemplo, quem pode conceber que seja possível que um homem publico venha à Cidade do Cabo e com suprema audácia rebata totalmente os apontamentos horríveis feitos por

Sr. Van Hees no debate na Assembléia Legislativa na última seção das leis de Questões *Natives*, quando ele disse “Se chamado a escolher, eu diria justiça aos homens *whites*, e injustiça aos *coloureds*. Se fosse do meu jeito, eu daria a esse país poderes soberanos para lidar com os *natives* ao sul do Equador”. Ele concluiu, “Os velhos bôeres teriam salvo a África do Sul, e para ter paz eles removeriam os direitos políticos de todos os *natives* deste país, assim como os *coloureds* também teriam seus direitos removidos”. Tal discurso feito por um homem público deste país e proferido ilustradamente deveria despertar indignação em todos os cidadãos. Ele não deveria ser permitido de poluir a atmosfera da Província Ocidental, a casa da liberdade e onde a tradição de políticas igualitárias ainda é percebida.<sup>xviii21</sup>

Notamos que os *coloureds* são apresentados como colonos leais que, outrora próximos aos *whites*, desfrutaram de liberdade e igualdade política. Segundo Abdurahman, o Ato de União teria funcionado como desencadeador da conciliação entre *afrikaners* e ingleses e afastado os *coloureds* da participação política, industrial e social da África do Sul. Contudo, é na fala citada do Sr. Van Hees que fica claro que a política segregacionista estava em fluxo constante e contínuo ao longo das primeiras décadas do século XX – décadas estas marcadas pela modernização da Cidade do Cabo.

Durante o entre-guerras a cidade viu um novo mundo emergir como fruto das modernizações tecnológicas. O aumento do número de veículos

<sup>21</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1921 Presidential Address*, Cape Town: 1921. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>xviii</sup> We ourselves see in it the saddest drama of political immorality that has never occurred in the life of any civilised community, and we wonder how the Cape Province and the Imperial Parliament could have consented to such a proceeding as the deprivation of a large section of her most loyal colonists, of their most cherished rights. That Act [The Union Act] has accentuated the bitterness of the estrangement between the white and Coloured sections of the community. It has separated the people into two hostile camps in every phase of life – industrial, social, political. The black and the white races are now drifting apart, and the antagonism is becoming so pronounced that one dreads to look into the future. Sentiments based on race are now so openly expressed that one shudders when reading them. For instance who could conceive it possible that any public man should have the supreme audacity to come to Cape Town and utter such remarks as fell from Mr. Van Hees in the debate in the Legislative Assembly last session on the Native Affairs Bill, when he said “If called upon to choose, I would say justice to the white man, and injustice to the Coloured man. If I had my way I would give this country sovereign rights to deal with the natives south of the Equator.” He concluded, “The old boers would save South Africa, and to have peace they should disfranchise every native in the country, as well as the Coloured man who should also be disfranchised.” Such a statement by a public man in this country of professed enlightenment should rouse the indignation of every citizen. He should not be permitted to pollute the atmosphere of the Western Province, the home of freedom and liberty and where the tradition of political equality is still perceptible.

motorizados provocou enormes mudanças estruturais nas concepções de distância e tempo da classe média da Cidade do Cabo. O rádio surgia como uma maneira de entretenimento coletivo e individual ao mesmo tempo em que o cinema consolidava-se como um lazer acessível a boa parte dos habitantes do Cabo. No *District Six*, bairro historicamente associado a uma sociabilidade não segregada<sup>22</sup> e normalmente vinculado à comunidade *coloured*, o *Globe* tornava-se o principal cinema ligado ao entretenimento moderno. Segundo Bickford-Smith: “No *District Six* o “bioscópio” era uma parte tão integral da cultura local que um casal lembrou em 1957 que eles visitavam o cinema pelo menos três vezes por semana por 48 anos”.<sup>XIX23</sup>

A eletricidade trouxe a tecnologia utilitária às casas. Máquinas industriais elétricas e produtos eletrodomésticos compartilhavam a mesma fonte de energia que dava luzes a parte nobre do Cabo e modificava a vida daquele antigo entreposto colonial. A Cidade do Cabo mudava e com ela novas significações identitárias surgiam.

### *A Política Industrial e a descoberta do Poor Whiteism*

O desenvolvimento industrial e a necessidade de mão-de-obra barata promoveram, no início do século XX, uma série de políticas voltadas para a questão industrial e trabalhista na Cidade do Cabo. Contudo, a tentativa de manter o nível baixo dos salários contrapunha-se ao problema do *poor whiteism*, problema este que seria um dos fatores principais da crítica do Dr. Abdullah Abdurahman à política industrial do Cabo. Hermann Giliomee, em seu livro *The Afrikaners: Biography of a People* (2003) explica que:

---

<sup>22</sup> É importante grifar que no início do século XX não existiam bairros que segregavam completamente *whites* de *coloureds*. O *District Six*, entretanto, figura como um bairro especial devido à sua importância cultural e social sem segregação até o decreto de *whites-only area*, pelo governo de Apartheid, no dia 11 de fevereiro de 1966.

<sup>23</sup> BICKFORD-SMITH, Vivian & HEYNINGEN, Elizabeth van & WORDEN, Nigel. *op. Cit.*, 1999 (p. 70).

<sup>XIX</sup> In *District Six* the 'bioscope' was such an integral part of local culture that one couple recorded in 1957 that they had visited the cinema at least three times a week for 48 years.

O então chamado problema dos pobres-*whites* se tornou uma pressão social fabricada pelos políticos *afrikaners* no começo do século vinte e manteve seu status até o início da década de 1940, quando a busca por uma nova abordagem ao problema racial o suplantou. Para a classe dominante observar a pobreza como um problema político, ela teve que primeiro “descobrir” os pobres. Quando isso aconteceu a pobreza não se tornou pior, mas a percepção da classe dominante sobre ela mudou.<sup>xx24</sup>

Na África do Sul, o problema do *poor whiteism* só começou a ser “descoberto” no final do século XIX. Giliomee apresenta a origem do termo:

O termo “*poor white*”<sup>25</sup> foi provavelmente usado pela primeira vez na Colônia do Cabo durante o início da década de 1880. Em 1883 ‘D.V.’, um correspondente situado na região ocidental da Cidade do Cabo, escreveu ao jornal da DRC, *De Gereformeerde Kerkbode* (também chamado de *De Christen*), que o problema não era tanto o “*poor white*” em relação a existência de “bárbaros que vivem em nosso meio e são de nossa cor.” Subseqüentemente um correspondente na cidade de Aberdeen, no Karoo, propôs que os missionários mantivessem serviços de auxílio separado para “nossos *poor white*” que vivem fora da cidade. Em pouco tempo a pobreza *white* passou a ser vista como um perigo social. Em 1892 um inspetor de uma escola no Karoo escreveu que ela aumentava o declínio social, a degeneração racial e o crime.<sup>xxi26</sup>

<sup>24</sup> GILIOMEER, Hermann, *op. Cit.*, 2003 (p. 315).

<sup>25</sup> Seguindo a terminologia apresentada no início da monografia, optou-se por manter o termo *poor-white* em inglês para evitar a tradução e descontextualização da categoria *white*.

<sup>26</sup> *Idem* (p. 317).

<sup>xx</sup> The so-called poor-white problem became the most pressing social issue in Afrikaner politics early in the twentieth century and retained that status until the early 1940s, when the search for a new approach to the racial problem replaced it. For a ruling class to regard poverty as a political problem, it first had to ‘discover’ the poor. When this happened poverty had not become worse, but the perceptions of the ruling class toward it had changed.

<sup>xxi</sup> The term ‘poor white’ was probably first used in the Cape Colony during the early 1880s. In 1883 ‘D.V.’, a correspondent based in a western Cape town, wrote in the DRC journal, *De Gereformeerde Kerkbode* (also called *De Christen* then), that the problem was not so much ‘poor white’ as ‘heathen who live in our midst and who were of our colour.’ Subsequently a correspondent in the Karoo town of Aberdeen proposed that missionaries hold separate services for ‘our poor white’ living out of town. Soon white poverty was seen as a social danger. In 1892 a school inspector in the Karoo wrote that it led to increasing social decline, racial degeneration and crime.

Contudo, foi a partir da modernização da Cidade do Cabo e das grandes levadas migratórias que o problema do grupo *poor white* ampliou-se. Giliomee indica que:

As primeiras três décadas do século vinte viram o problema dos pobres *afrikaners* em seu pior momento. A urbanização foi rápida, caótica, e quase sempre foi um processo traumático. Por volta de 1890 menos de 10.000 *afrikaners* (dois ou três por cento) eram urbanos; trinta e seis anos depois, em 1926, 391.000 (quarenta e um por cento) viviam em vilas e cidades, em 1936, 535.000 (cinquenta por cento). (...) Os *afrikaners* que vieram na primeira e segunda leva de urbanização sofreram mais. Artesãos se organizavam em sindicatos na mineração, comércio e indústria, com isso ficava difícil para os patrões diminuir seus salários. Isso significava que existiam muitas poucas vagas para *whites* semi-capacitados e *blacks* sem nenhuma capacitação. (...) Aqueles *afrikaners* excluídos do mercado de trabalho formal passaram a ser *poors whites* urbanos.<sup>XXII27</sup>

Saul Dubow confirma o argumento de Hermann Giliomee a respeito do surgimento e da perpetuação do problema do *poor whiteism* e completa a discussão vislumbrando como as ideologias racistas e racialistas de classificação social, tão em voga na primeira metade do século XX, eram incompatíveis com a existência desses *whites* que viviam em situações similares às das africanas, *coloureds* e *indians*. Segundo Dubow:

O conceito de “*poor whiteism*” é uma categoria social intrigante porque ela implica que, numa sociedade organizada racialmente, a pobreza *white* seja anômala e inaceitável. Também acontece de agrupar em si várias categorias diferentes de pobres – incluindo agricultores, mineradores marginais de diamante, e desempregados urbanos – sobre o mesmo título. A existência de destituição entre os *whites* é antiga e vai até o limite onde

---

<sup>27</sup> Idem (p. 323).

<sup>XXII</sup> The first three decades of the twentieth century saw the problem of poor Afrikaners at its worst. Urbanization was a rapid, chaotic, and almost always traumatic process. By 1890 fewer than 10.000 Afrikaners (two or three per cent) were urbanized; thirty-six years later, in 1926, 391.000 (41 per cent) lived in towns and cities, in 1936, 535.000 (50 per cent). (...) The Afrikaners who came in the first and second waves of urbanization suffered most. Artisans had organized themselves into trade unions in mining, commerce and industry, hence it was difficult for employers to reduce their wages. This means that there was very little left for the semi-skilled white workers and unskilled blacks. (...) Those Afrikaners excluded from formal job market tended to become the urban poor whites.

alguém pode traçá-la. Os *poor whites* já eram visíveis como um grupo social distinto no final do século dezenove. No entanto, foi apenas nas décadas de 1920 e 1930, e especificamente após a crise econômica mundial de 1929, que os *poor whites* passaram a ser uma prioridade de maior importância política.<sup>xxiii28</sup>

Ao longo da segunda década do século XX, os políticos e pensadores nacionalistas *afrikaners* começaram a mobilizar-se para resolver a questão dos *poor whites*. A existência de *coloureds* em melhor situação econômica e social do que aqueles *poor whites* era inaceitável. A única maneira de resolver essa situação era criando restrições trabalhistas, excluindo assim os *coloureds* da possibilidade de conseguir empregos qualificados. Houve também uma política de aumento dos investimentos em educação para os *whites* e restrição de educação pública e laica para os demais grupos sul-africanos. Contudo, é preciso grifar que nem todos os *whites* estavam preocupados com a questão do *poor whiteism*.

O grupo dos *poor whites* era majoritariamente constituído por não anglófonos, principalmente por *afrikaners* rurais que, com as crises agrícolas e a possibilidade de trabalhar nas cidades, abandonavam suas terras no interior e iam para os centros urbanos em desenvolvimento, como por exemplo, a Cidade do Cabo, em busca de melhores condições de vida. Entretanto, o poder político sul-africano estava centrado nas mãos do *South African Party* (SAP), partido de coalizão e pacificação britânica-*afrikaner*, que tinha como preocupação central a manutenção da autonomia e do poder dos ingleses vinculados ao império e não procurava, de maneira geral, promover o avanço dos *afrikaners*.

---

<sup>28</sup> DUBOW, Saul. *op. Cit.*, 1995 (p. 171).

<sup>xxiii</sup> The concept of 'poor whiteism' is an intriguing social category because it implies that, in a racially ordered society, white poverty is both anomalous and unacceptable. It also succeeds in grouping together very different categories of poor – including rural cultivators and *bywoners*, marginal diamond diggers, and the urban unemployed – under one heading. The existence of destitution among whites goes back almost as far as one cares to trace it. Poor whites were already visible as a distinct social group in the late nineteenth century. However, it was only in the 1920s and 1930s, and especially after the 1929 world economy depression, that poor whites came to feature as a major political priority

Para exemplificar essa atitude do *South African Party*, é preciso compreender, por exemplo, a posição do Primeiro Ministro Jan Smuts (1919-1924). Smuts afirmava que o problema dos *poor whites* era passageiro. Segundo Hermann Giliomee, em um encontro com a DRC (*Dutch Reformed Church*), em 1923, Jan Smuts disse aos membros da igreja reformada que a “presente situação” dos *afrikaners* pobres era passageira. Para Smuts, a existência dos *poor whites* era passageira e não representava a realidade majoritária dos *whites* na África do Sul. Segundo o Primeiro Ministro, a solução para a “presente situação” viria com tempo e com a educação das futuras gerações. Nenhuma grande medida imediata seria tomada. Essas atitudes do SAP resultaram na *Rand Rebellion*, uma revolta de mineiros *whites* contra o governo, em 1922.

É provável que um dos elementos que favoreceu a eleição vitoriosa da chapa de oposição governamental liderada por Hertzog, em 1924, tenha sido o fato do *South African Party* ignorar a existência de muitos *afrikaners* vivendo em péssimas condições econômicas e sociais. As atitudes de Smuts demonstram que não havia uma preocupação direta com os *afrikaners*, o que despertou e re-significou a produção identitária do grupo em forma de oposição política e étnica.

Hertzog havia fundado o NP, *Nationalist Party*, em 1914, como uma reação ao governo do General Louis Botha e à política do *South African Party*. A eleição vitoriosa de 1924 contou com o apoio de vários setores da sociedade sul-africana, inclusive de muitos *coloureds* que, além de possuírem direito ao voto, aproximaram-se de Hertzog com a esperança de que suas promessas de assimilacionismo viessem a se concretizar. T. R. H. Davenport em seu livro *South Africa – A modern history* (1991), explica que a chapa formada por Hertzog e Creswell tinha o intuito de retirar o SAP do poder e instituir um governo que não focasse sua atenção completamente na minoria, no caso, anglófona no poder. Segundo Davenport:

A crescente impopularidade do *South African Party*, cujos reflexos podem ser percebidos em várias derrotas eleitorais, encorajaram Hertzog e Creswell a criar um pacto eleitoral em Abril de 1923. Os dois líderes

condenaram o regime de Smuts como uma ferramenta do “grande capital” e como um perigo ao país, e afirmaram querer salvar a África do Sul das minorias governantes na próxima eleição.<sup>XXIV</sup><sup>29</sup>

Podemos, portanto, concluir que a questão dos *poor whites* contribuiu, em grande medida, para a mudança de governo na África do Sul. Entretanto, não era apenas na esfera política que esse grupo afetava a vida dos habitantes do Cabo. Economicamente as leis que restringiam a atribuição de trabalhadores *coloureds* e *natives* em empregos especializados e bem remunerados relacionavam-se à tentativa de promover uma ascensão econômica e social dos *poor whites*. Além do mais, o pensamento racializado havia imputado uma série de premissas referentes à degeneração do *poor white* que, por falta de condições econômicas, teria de conviver em meio a *natives* e *coloureds*, passando a ser eventualmente um *coloured*.

O governo de J. B. M. Hertzog havia aberto campo para a discussão desse espaço de contato entre *whites* e *blacks*. Na década de 1920, o tema da necessidade da segregação, para a manutenção da pureza racial *white*, havia se tornado o eixo central para o pensamento de vários intelectuais que discutiam a política segregacionista. É o caso, por exemplo, de Ernest Stubbs Deems, que em seu tratado sobre a ameaça da miscigenação racial, constrói uma argumentação forte para a consolidação da política segregacionista.

Em 1925, Deems escreveu e publicou um texto que lidava com o problema do *poor whiteism*. Segundo Deems:

O *Poor White* é um produto da economia *black*. Em qualquer outro Estado que misture *blacks* e *whites* os indivíduos que nós conhecemos como *Poor White* encontraria uma posição entre as classes trabalhadoras. Na África do Sul seu único lugar é no limbo entre a aristocracia *white* e os proletários *blacks*, para ambos ele se torna um objeto de desprezo. O Sistema não permite que ele faça o “trabalho do Cafre” (...). De desemprego ele se

---

<sup>29</sup> DAVENPORT, T.R.H. *South Africa - A modern history*. London: Macmillan Academic and Professional, 1991 (p. 257).

<sup>XXIV</sup> The growing unpopularity of the South African Party, which was reflected in several by-elections defeats, encouraged Hertzog and Creswell to conclude an electoral pact in April 1923. The two leaders condemned the Smuts regime as a tool of ‘big finance’ and harmful to the country, and stressed that they wanted to save South Africa from minority government after the next election.

torna imprestável e um puro pesadelo. Com o tempo ele perderá até o próprio respeito que o impede de admitir que os *natives* possuam uma igualdade social; ele irá inevitavelmente misturar-se a eles e nosso problema será ainda mais complicado com a criação de uma nova entidade racial.<sup>xxx30</sup>

A questão para Ernest Stubbs Deems repousa na degeneração da raça ariana em contato com os *natives*. Os *poor whites* pertencem a uma hierarquia anômala que contradiz o ideal de raça e classe. A questão para Deems situa-se em como um homem superior, pertencente a uma raça superior, pode viver na mesma situação dos membros das raças inferiores? Para ele, essa situação é de perigo extremo:

Qualquer que seja a virtude que exista nos Arianos ela decairá sem os estímulos próprios e ainda mais rápido quando eles são postos em contato com uma raça inferior.<sup>xxx31</sup>

A degeneração racial está associada a dois níveis distintos de “miscigenação”. O primeiro é aquele do contato cultural e cotidiano:

Esse é o contato que o campo industrial criou e está criando cada vez mais desemprego *white* e que está drenando a supremacia e prestígio da raça *white*. Há contato em quase todo ponto da vida sul-africana que está familiarizando as duas raças e, sem perceber, mas com certeza, quebrando a barreira de cor e preconceito racial. É o contato que faz com que a população *native* preponderante torne-se uma ameaça real e sempre presente à segurança dos *whites*. É o contato que dá sabor a cada passo

---

<sup>30</sup> DEEMS, Ernest Stubbs. “Race Mixing Threat” (1925) IN: WILLIAMS, John A. *From the South African Past: Narratives, Documents, and Debates*, Boston: Houghton Mifflin Company, 1997. (p. 221).

<sup>31</sup> Idem. (p. 223).

<sup>xxx</sup> The Poor White is the product of a Black economy. In any other than a mixed Black and White State the individual whom we know as Poor White would find a place in the ranks of the laboring classes. In South Africa his only place is a limbo between the White Aristocracy and the Black Proletarian, to both of whom he is equally an object of contempt. The System will not permit him to do “Kaffir’s work” (...). From unemployed he becomes unemployable and a mere incubus. In time he will lose even that remnant of self-respect which prevents him now from admitting the Natives to social equality; he will inevitably mix with them and our problems will be further complicated by the creation of a new racial entity.

<sup>xxxv</sup> Whatever virtue there may be in the Aryan decays without the proper stimulus and never so rapidly as when he is brought into intimate contact with as inferior race”.

dado pelo *white* em direção às melhorias morais e mentais dos *blacks*. O contato contínuo significa um grito de irreparável ruína para as raças *whites* da África do Sul. Sua salvação repousa na criação de áreas separadas para a ocupação exclusiva de *blacks* e *whites*, mantidas separadamente na base de economias completamente não-*blacks* e não-*whites*.<sup>xxvii32</sup>

O segundo nível de interação, que produz a tão temida degeneração, é aquele da “mestiçagem” racial através de intercurso sexual. Segundo Dubow:

Em nível popular o impacto do eugenismo foi registrado mais profundamente em termos do horror da “fusão racial” ou “miscigenação”. Sexo inter-racial era na verdade tido como a destruição da fibra da civilização *white* no mais susceptível ponto por minar o “orgulho” e “pureza” racial. O medo de mistura sexual falava diretamente às ansiedades *whites* sobre sua vulnerabilidade em detrimento da massa “vigorosa” e “viril” de africanos dito estarem “inundando” as cidades. O medo de miscigenação provia material pronto para a manipulação dos políticos.<sup>xxviii33</sup>

Hertzog foi um dos políticos que utilizou a idéia de miscigenação para manipular os medos populares. Em sua campanha eleitoral de 1923, Hertzog prometeu melhores condições de vida para os *coloureds*, que, segundo ele, seriam como irmãos dos *afrikaners* por compartilhar a mesma língua e cultura. Entretanto, com a vitória eleitoral, voltou-se para a melhoria da condição dos *poor whites* e acabou por fortalecer, intelectual e politicamente, a necessidade da segregação racial.

<sup>32</sup> Idem. (p. 224).

<sup>33</sup> DUBOW, Saul. *op. Cit.*, 1995 (p. 181).

<sup>xxvii</sup> It is contact in the industrial field that has created and is creating more and still more White unemployment and that is sapping the supremacy and prestige of the White Race. It is contact at almost every point in the life of South Africans that is familiarizing the two races and imperceptibly but very surely breaking down the barrier of colour and race prejudice. It is contact that makes the preponderating Native population a real and ever-present menace to the security of the White. It is contact that gives a suicidal flavour to every step taken by the White race for the mental and moral improvement of the Black. Continued contact means the utter and irretrievable ruin of the White races of South Africa. Their salvation lies in the creation of separate areas for the exclusive occupation of Black and White, maintained severally on the basis of an all-black an all-white economy.

<sup>xxviii</sup> At a popular level the impact of eugenics was registered most acutely in terms of the horror of ‘race fusion’ or ‘miscigenation’. Interracial sex was indeed held to sap the fibre of white civilization at its most susceptible point by undermining race ‘pride’ and ‘purity’. Fear of racial mixing spoke directly to white anxieties about their vulnerability in the face of the ‘vigorous’ and ‘virile’ mass of Africans said to be ‘flooding’ into the cities. The fear of miscigenation provided ready material for manipulation by politicians.

Portanto, o problema do *poor whiteism* dialogou diretamente com a construção da identidade *coloured*. Por muito tempo, do final do século XIX até meados do século XX, o grupo *coloured* foi visto como produto da miscigenação de uma pluralidade de grupos existentes na região da África do Sul e de estrangeiros que, por uma lógica de “mestiçagem”, haviam constituído um grupo híbrido denominado *coloured*. A definição de *coloured* passava a ser, na segunda década do século XX, a definição e determinação daquilo que o *coloured* não era, como vemos, por exemplo, no *Pensions Act* de 1928:

O *coloured* é uma pessoa que não é white nem (a) Turca ou membro de uma raça ou tribo cuja nação étnica seja a Ásia, nem (b) um membro de uma raça ou tribo aborígine da África; nem (c) um Hotentote, Bosquimano ou Koranna; nem (d) uma pessoa que vive numa reserva nativa como definido na Seção 19 da lei de Taxação e Desenvolvimento Native de 1925 (Lei nº 4 de 1925) sobre as mesmas condições de um native; nem (e) um Negro Americano – e inclui os membros da raça ou classe comumente chamados de Cape Malays e aqueles da raça ou classe comumente chamados de Griquas.<sup>XXIX34</sup>

O hibridismo afirmava a idéia da degeneração racial. A política social e econômica de segregação procurava afastar os *coloureds* das indústrias e das escolas laicas e públicas para com isso manter o perigo *coloured* afastado. O Dr. Abdullah Abdurahman, em seu discurso presidencial de 1921, destacou a atual situação dos *coloureds* na indústria sul-africana:

Qual é nossa presente posição industrial? Todo político agora admite que o desenvolvimento material do país só foi alcançado graças ao trabalho dos *coloureds*. No passado eles olhavam para nós como um bem muito

<sup>34</sup> *Pensions Act* (n. 22 of 1928) IN: PATTERSON, Sheila. *Colour and Culture in South Africa: A Study of the status of the Cape Coloured People within the social structure of the Union of South Africa*. London: Routledge and Kegan Paul, 1953. Appendix I. Some definitions of 'a coloured person' (p. 361).

<sup>XXIX</sup> A Coloured person means any person who is neither white nor (a) a Turk or member of a race or tribe whose national ethnical home is Asia, nor (b) a member of an aboriginal race or tribe of Africa; nor (c) a Hottentot, Bushman or Koranna; nor (d) a person who is residing in a native location as defined in Section 19 of the Natives Taxation and Development Act, 1925 (Act No. 4 of 1925) under the same conditions as a native; nor (e) an American negro – and includes a member of the race or class commonly called Cape Malays and of the race or class commonly called Griqua.

valioso. Agora, entretanto, alguns deles perceberam que os *non-europeans* estão vendo que toda a indústria fabril nacional depende de seu trabalho, e que com a devida organização eles poderiam parar o funcionamento do maquinário industrial do país quando desejassem fazê-lo. As raças *coloureds* estão aprendendo rapidamente que de fato o único caminho para assegurar melhores condições sobre a qual eles trabalham é pela obtenção de sua parte no mundo político. É monstruosamente absurdo acreditar que um quinto da população deste país possa manter os outros quatro quintos em um perpétuo cativo político. Isso é impossível; mas quanto maior a tentativa de alcançar este fim maior será sofrimento dos estágios finais de luta por liberdade.<sup>xxx35</sup>

Neste discurso de 1921, o Dr. Abdullah Abdurahman destacou a importância da mão-de-obra *non-european* para o funcionamento das indústrias nacionais. Podemos ver que em primeiro lugar que a indústria nacional ocupava um espaço importante na África do Sul e que a mão-de-obra era em sua maioria de origem *non-european*. Em segundo lugar, podemos perceber que a política de segregação trabalhista ainda não estava funcionando a todo vapor.

O Dr. Abdurahman, além de identificar a importância da mão-de-obra barata para o funcionamento do parque industrial nacional, percebe que o domínio das forças de produção podem garantir aos *non-europeans* a melhoria das condições políticas e sociais. No início da segunda década do século XX as greves trabalhistas, principalmente no setor industrial e mineiro, funcionavam como um importante artifício para aquisição de direitos políticos, melhores condições de trabalho e melhores salários. Sua visão da situação industrial remete-nos à conquista de vários postos de trabalho por *coloureds*,

---

<sup>35</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1921 Presidential Address*, Cape Town: 1921. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>xxx</sup> What is our present industrial position? Every politician now admits that the material development of the country has been brought about by the work of the Coloured man. In the past they looked upon us merely as a very valuable asset. Now, however, some of them realise that non-Europeans are beginning to see that the whole industrial fabric of the country depends on their labour, and that with due organisation they could stop the working of the industrial machinery of the country whenever they chose to do so. The Coloured races are rapidly learning the fact that the one and only way to secure a betterment of the condition under which they labour is by their obtaining their due share in the political world. It is monstrously absurd to suppose that one-fifth of the population of a country can keep the other four-fifths in perpetual industrial bondage. That is impossible; but the longer the attempt to attain this end the bitterer will be the final stages of the struggle for freedom."

a ponto destes poderem brigar – através da mobilização geral – pela melhoria da condição de vida do grupo.

Entretanto, no ano de 1923, já havia uma mudança significativa no número de empregados *coloureds* nas indústrias nacionais. Segundo o Dr. Abdurahman:

Nosso maior inimigo no mundo industrial é o trabalhador *white* organizado. No Transvaal os sindicatos *whites* colocaram com sucesso um muro quase impenetrável em volta dos empregos que exige experiência, e caçaram todos os *coloureds* para fora na categoria trabalhadores sem experiência: Trabalhadores *whites* agora possuem o monopólio dos comércio, e os *non-europeans* são tolerados apenas se não almejam nada maior que uma posição de trabalhador inexperiente. Mas o que pode ser feito se nos organizarmos? Nós ouvimos muito sobre a fraqueza do capitalismo, e para combatê-lo devemos ser solidários entre os trabalhadores; mas ai de mim! O maior dos exploradores dos empregados *coloureds* no Rand são os trabalhadores *whites*, e a solidariedade deles resultou em sermos mantidos como trabalhadores inexperientes. Uma posição, que não toleraremos por muito tempo.<sup>xxx136</sup>

A oposição entre classe e raça torna-se clara na exposição de 1923. Segundo o Dr. Abdurahman as lutas contra os abusos do sistema capitalista devem partir dos trabalhadores unidos e organizados. A única maneira de conquistar melhores condições de vida está associada a essa união. Entretanto, a lógica racista faz com que os trabalhadores *whites* criem sindicatos e organizações que não permitem que trabalhadores não *whites* se associem. A situação proletária não é resolvida pela união de classe, ao contrário disto, fundamenta-se na separação pela diversidade racial dos trabalhadores.

<sup>36</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1923 Presidential Address*, Cape Town: 1923. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>xxx136</sup> Our greatest enemy in the industrial world is organised white labour. In the Transvaal white unions have successfully placed an almost impenetrable wall round the skilled trades, and have hounded every Coloured man outside it into the unskilled ranks: White workers now hold a monopoly of the trades, and non-Europeans are only tolerated so long as they aspire to nothing higher than the position of unskilled workers. But what could be done if we are all organised? We hear much about the wickedness of capitalists, and to combat which there must be solidarity of the workers; but alas! The greatest exploiters of Coloured labour on the Rand are the white workers, and their solidarity has resulted in our being kept down an unskilled work. A position, which we should not tolerate much longer.

O *coloured* sendo o “mestiço” racial não tinha condições de compartilhar e participar dos privilégios conquistados pelos *whites*. A lógica segregacionista funcionava contrariamente à lógica de união proletária. Pela própria construção identitária e classificação governamental, os *coloureds* eram afastados dos trabalhos especializados e obrigados a aceitar qualquer serviço que não necessitasse empregados qualificados.

Seis anos mais tarde, no discurso presidencial de 1929, o Dr. Abdullah Abdurahman apresenta uma situação industrial completamente diferente daquela de 1921. Aquele domínio da força de produção, a possibilidade de melhorias de políticas e econômicas esvaneceram-se:

Nós estamos tendo uma chance justa nesse grande desenvolvimento industrial do qual ouvimos falar tanto, e cujo Ministro das Finanças clama como uma maravilhosa realização do presente Governo? Ele aponta que as fábricas estão surgindo como cogumelos; que um grande número de pessoas encontraram emprego e que o desemprego quase desapareceu. Mas, posso perguntar, nós, como pessoas, participamos dessa prosperidade industrial, estamos pegando um acordo justo e melhoramos economicamente? Bem, digo e enfatizo: Não. Há várias provas que o desenvolvimento industrial gradualmente eliminou os *non-europeans* de empregos quando o homem *white* estava disposto, e essa é uma política deliberada do presente Governo.<sup>XXXII</sup><sup>37</sup>

Podemos ver, com isso, que par a par com a industrialização, a África do Sul tornou-se mais segregacionista com o passar dos anos. Um dos motivos para a afirmação da política de separação racial estava diretamente vinculado à existência dos *poor whites* que, segundo o pensamento cientificista e racializado do início do século XX, demonstravam a possibilidade da degeneração racial *white* em prol do avanço das demais “raças”. Os *coloureds*,

<sup>37</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1929 Presidential Address*, Cape Town: 1929. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>XXXII</sup> Are we having a fair chance in this great industrial development of which we hear so much, and which the Minister of Finance claims as such a wonderful achievement of the Government? He pointed out that factories have sprung up like mushrooms; that large numbers of people have found employment and that unemployment has almost vanished. But, may we ask, have we as a people participated in this industrial prosperity, are we getting a square deal and have we risen economically? Well, I say emphatically, No. There is ample proof that the industrial development has gradually eliminated non-Europeans from jobs when white men were available, and that this is the deliberate policy of the present Government.

membros de um grupo previsto em lei, mas que interpretavam de forma plural essa classificação jurídica transformando-a em identidade coletiva, passaram ao longo da década de 1920 e 1930 por uma série de mudanças estatutárias e sociais que focavam combater a segregação do grupo. Entender como a modernização da Cidade do Cabo, o aprimoramento dos ideais cientificistas e raciais, a “descoberta” do efeito denominado por Saul Dubow de *poor whiteism* e a conseqüente segregação industrial e social dos *coloureds* permeiam a construção identitária nos discursos do Dr. Abdullah Abdurahman nos permite uma melhor abordagem dos documentos analisados a seguir.



## [capítulo IV]

### *Análise dos Documentos (Segunda Parte)*

#### *A consolidação da Segregação (1921-1929)*

Ao longo da década de 1920, a *African Political (People's) Organization* mudou seu posicionamento político e passou a focar, cada vez mais, a melhoria social do grupo *coloured*. A segregação e a consolidação do poder nas mãos dos *afrikaners*, principalmente após a eleição de Hertzog, em 1924, fizeram com que o Dr. Abdullah Abdurahman re-afirmasse o caráter “civilizado” dos *coloureds* e consolidasse a proximidade política com o grupo anglófono. O assimilacionismo tornava-se difícil de ser alcançado e a diretoria da APO, assim como seu presidente, perceberam que qualquer garantia de direitos/privilégios deveria ser aceita.

Ao discutir a segregação industrial na África do Sul, o Dr. Abdullah Abdurahman afirmou que a posição social dos *coloureds* era extremamente degradante, muito pior que a situação dos mesmos nas indústrias nacionais:

A posição social da população *coloured* é mais degradante de que sua posição industrial. Provas disso existem em todos os lugares. A pauta está repleta de injustiças ligadas a essas resoluções. Em nossas ferrovias as humilhações que respeitáveis cidadãos *coloureds* são forçados a passar são extremamente degradantes. Nos tribunais de justiça eles não são tratados com o mesmo respeito e civilidade que os *whites*. Até nos correios eles são submetidos a insultos. Na verdade em todos os lugares é patente que as desprezíveis tradições do Norte estão suplantando diariamente a política benigna dos velhos tempos do Cabo. Isto que está acontecendo tem que ser mudado antes que vá adiante.<sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1921 Presidential Address*, Cape Town: 1921. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>1</sup> The social position of the Coloured people is ever more galling than their industrial position. Evidence of that exists on all hands. The agenda is full of grievances embodied in the resolutions. On our own railway the indignities that respectable Coloured citizens are forced to submit to be extremely degrading. In the Law Courts they are not treated with the same respect and civility as the whites. Even in the Post Office they are subjected to insult. Indeed everywhere is it patent that

A segregação institucionalizada influenciava diretamente a vida dos habitantes da África do Sul, principalmente daqueles que eram classificados em categorias tidas como inferiores (por exemplo, *coloureds* e *natives*). A segregação *de jure* fazia com que *de facto* os *coloureds* passassem a ser alvo constante de discriminação em amplas esferas de sua vida cotidiana. Apesar da participação efetiva na Primeira Guerra Mundial (através das tropas denominadas *Cape Corps*) e da constante lealdade para com o governo sul-africano, os *coloureds* perderam muitos privilégios políticos, sociais e econômicos após a União de 1910. Em uma das passagens mais ilustrativas dessa situação política enfrentada durante a segunda década do século XX, o Dr. Abdullah Abdurahman construiu a imagem do grupo *coloured* como pacífico, paciente e leal, disposto a cooperar na construção nacional:

Provamos, por nossa lealdade, por nossa paciência, e por nosso grande trabalho na construção deste país nosso valor como cidadãos, e somos merecedores de completo acesso aos privilégios e direitos políticos como desfrutávamos na antiga Constituição do Cabo. Chegou a hora de ter aqueles direitos restabelecidos, e estamos determinados a reivindicá-los imediatamente.<sup>102</sup>

Para o Dr. Abdurahman, havia várias possibilidades de conquistar os direitos perdidos:

Se eles não forem garantidos espontaneamente, eu não recomendo o uso de medidas violentas para garanti-los, mas há outra arma que possibilitar desafiar a autoridade sem terminar em derramamento de sangue. Há uma política pacífica de não-cooperação, a qual nós podemos adotar com perfeita justiça. Nos é negada cooperação no mundo político, e nós, portanto, podemos respondê-los com uma não-cooperação no campo industrial. Apenas imagine o resultado se adotarmos essa política! As minas de carvão, de diamante e ouro, o trabalho agrícola, e até o serviço doméstico parariam de funcionar completa e repentinamente. Com um pouco mais

---

<sup>02</sup> Idem.

the vile traditions of the North are daily supplanting the benign policy of the old Cape days. Such a state of affairs will have to be changed ere it goes further.

<sup>11</sup>We have, by our loyalty, by our patience, and by our great work in building up the country proved our worthiness as citizens, and we are entitled to the full political rights and privileges such as we enjoyed under the old Cape Constitution. The time is ripe when we should have those rights restored, and we are determined to claim them at once.

de organização e esses resultados poderão ser facilmente alcançados. Mas é claro que essa situação é temida por todos nós e será evitada. Resta, apenas, que os *whites* vejam que ela está sendo evitada.<sup>III03</sup>

Os direitos políticos e econômicos devem ser garantidos para demonstrar o reconhecimento da importância e ajuda dos *coloureds* na construção nacional. Além do mais, o Dr. Abdurahman afirma que durante o conflito mundial ficou claro que as *raças non-europeans* demonstraram seu valor e lealdade. Segundo o presidente da APO:

Nosso povo sempre foi leal de forma inabalável. Sua proeza militar durante os anos recentes foi reconhecida. As *raças non-europeans* do mundo – Aliadas ou Alemãs – demonstraram quão leais podemos ser.<sup>IV04</sup>

Contudo, as mudanças devem ser efetuadas em parâmetros legais. O Parlamento da União deve prover os direitos e, com isso, receberá a lealdade completa do grupo *coloured*:

Deixe o Parlamento da União mostrar a eles que a lealdade é apreciada com a garantia de fornecer seus direitos merecidos, e então eles serão leais à África do Sul como são à Coroa Britânica. Até agora todas as promessas feitas aos nossos representantes provaram ser infrutíferas. Isso deve ser mudado, e nós estamos determinados que deve ser mudado.<sup>V05</sup>

---

<sup>03</sup> Idem.

<sup>04</sup> Idem.

<sup>05</sup> Idem.

<sup>III</sup> If they are not freely granted, I do not urge the use of measures of violence to secure them, but there is another weapon than open defiance of authority without ending in bloodshed. There is the peaceful policy of non-co-operation, which we could with perfect justice adopt. We are denied co-operation in the political world, and we are hence entitled to reply by refusing co-operation in the industrial arena. Just imagine the result of our adoption of such a policy! There would be a sudden and complete stoppage of all coal mining, diamond and gold mining, farming operations, and even the domestic system would cease to work. A little more organisations and that result can be easily brought about. But surely such a condition of affairs is dreaded by us all and will be avoided. It rests, however, with the whites to see that it is avoided.

<sup>IV</sup> Our people have always been unswervingly loyal. Their military exploits during the recent war have been recognised. The non-European races of the world – whether Allies or German – have shown how loyal they can be.<sup>V</sup> Let the Parliament of the Union show them that loyalty is appreciated by giving them their just rights, and they will be loyal to South Africa as they have been to the British Crown. So far all the promises made to our representations have proved fruitless. That must be changed, and we are determined that it shall be changed.

<sup>V</sup> Let the Parliament of the Union show them that loyalty is appreciated by giving them their just rights, and they will be loyal to South Africa as they have been to the British Crown. So far all the promises made to our representations have proved fruitless. That must be changed, and we are determined that it shall be changed.

As exigências feitas pelo Dr. Abdurahman (mais direitos políticos e melhorias sociais) estão diretamente associadas à uma resposta à construção nacional da África do Sul e à política segregacionista. Para o presidente da APO, a nação não poderia evoluir e consolidar-se hegemonicamente sem a participação e a aceitação dos *coloureds* como cidadãos merecedores dos mesmos privilégios garantidos aos *whites*. A cooperação dos *non-europeans*, principalmente dos africanos – mas contanto com a participação de *coloureds*–, já fora demonstrada durante vários anos, tanto no estabelecimento industrial, agrícola e minerador (servindo como mão-de-obra barata) como na proteção militar (durante a Primeira Guerra Mundial) e o aumento da política segregacionista não poderia retirar os direitos destes leais cidadãos que historicamente contribuíram para o crescimento nacional.

É interessante perceber que o Dr. Abdurahman apresenta duas possibilidades de ação para reivindicar direitos civis: a violência e a greve. A violência, apesar de aparecer como uma solução possível para a conquista de direitos é completamente repudiada. Na lógica de Abdurahman a violência remete à “barbárie” e, portanto, seria um paradoxo um grupo que afirma ser “civilizado” utilizar um instrumento “bárbaro” para a aquisição de direitos. A greve, por sua vez, aparece como uma medida mais cabível, embora também evitada. Segundo Abdurahman, através da mobilização e da organização, os *non-europeans* seriam capazes de parar toda a produção industrial, mineradora, agrícola e até doméstica da África do Sul. No entanto, isso não seria de bom grado e demonstraria que o grupo não estava interessado em contribuir com a construção nacional: Por isso, a APO adotava uma postura pacífica de luta por direitos e as greves despontavam como artifícios rebeldes e revoltosos, contrários aos princípios primeiros da organização.

Para a *African Political (People’s) Organization*, uma das maneiras de adquirir direitos era através da demonstração do domínio “civilizado” da vida social e política. Para que os *coloureds* conquistassem os privilégios perdidos, portanto, era preciso que eles se tornassem “civilizados”, construindo vidas sóbrias e honestas. Segundo Abdurahman:

Lembre que os direitos e privilégios políticos implicam também em deveres políticos, e se vocês não forem devidamente qualificados para a

quitação de seus deveres é melhor que vocês não possuam direitos. Eu gostaria, ainda, de encorajar vocês a fazer da maioria de suas oportunidades, mesmo quando mínimas, de educar suas crianças da melhor maneira possível. Para atingir esse objetivo talvez vocês tenham que realizar grandes sacrifícios. Viva honestamente e leve uma vida sóbria. Faça de sua casa um lugar o mais atraente que você puder. Faça o possível para encorajar suas crianças a praticar atos que a levarão a formar bons hábitos e um caráter sólido. Se você viver uma vida boa você será recompensado no futuro, testemunhando a conduta honorável de suas crianças. Tente “aprender o luxo de fazer o bem”. Uma vida e um ambiente tranqüilo e virtuoso irá complementar o bom trabalho das escolas, e você receberá um prêmio após esses muitos dias.<sup>106</sup>

É claro que as afirmações do Dr. Abdurahman funcionavam como construtores identitários para grande parte da burguesia *coloured*, tanto cristã como muçulmana, associada à APO. Se analisarmos a passagem anterior, retirada do discurso presidencial de 1921, poderemos apreender como era, para o Dr. Abdurahman, o *coloured* perfeito. Há, nesta passagem, alguns elementos marcantes que representam grande parte do pensamento defendido pela APO. Para o Dr. Abdullah Abdurahman, o ambiente em que se vive, a responsabilidade política mútua (cidadão e governo), a educação das crianças e a prática dos bons hábitos, por exemplo, são meios cruciais para a construção da noção de “civilização” entre os *coloureds*.

Para o presidente da *African Political (People’s) Organization*, a repetição dos bons hábitos faria com que os membros de seu grupo os assimilassem e passassem a executá-los cotidianamente. Para Abdurahman, a partir do momento que estes hábitos são repetidos, cria-se um ambiente propício à educação das crianças que, ao observarem seus pais e os demais adultos

---

<sup>106</sup> Idem.

<sup>107</sup> Remember that political rights and privileges imply also political duties, and unless you are qualified for the due discharge of those duties it would be better that you should not possess the rights on which they are based. I would, therefore, urge you to make the most of your opportunities, however scanty they may be, to give to your children the best education possible. Aim at that even though you may find it necessary to make great sacrifices. Live honest, sober lives. Make your homes as attractive as possible. Do everything possible to encourage your children to practise acts that will lead to the formation of good habits and solid character. If you live good lives you will be repaid in after years by witnessing the honourable conduct of your children. Try to “learn the luxury of doing good”. A peaceful, virtuous life and environment will supplement the good work of the schools, and you will find the reward for such after many days.

que os cercam executando boas ações, passam a copiá-los, primeiramente como mimetismo, e tornam-se, com o tempo e com a observação, adultos “civilizados”. A conquista de direitos políticos parte, em primeira instância, desta construção de caráter. Temos que atentar, portanto, que no fundo, o Dr. Abdullah Abdurahman está construindo representações idealizadas do *ser coloured* para argumentar que apenas com a consolidação deste novo *coloured* a segregação teria fim:

Se você seguir meu conselho você sentirá orgulho da posição que ocupará na construção dessa grande nação, que está destinada a governar nossa ensolarada África do Sul. Atue dessa maneira e a posteridade olhará com orgulho aos seus antepassados. Prove que você, mesmo com as injustiças sobre as quais você nasceu, aprendeu pacientemente lições valiosas, que seus nervos se fortaleceram, seu caráter endureceu, e sua consciência tornou-se culta, e você então estará qualificado para aproveitar a liberdade política que então, eu espero, está quase ao nosso alcance.<sup>VII07</sup>

Contudo, apenas dois anos mais tarde, o Dr. Abdurahman já demonstrava um tom muito menos esperançoso de melhorias políticas e igualdade política e social. Em 1923 o Dr. Abdurahman escreveu:

Desde nossa última Conferência, nenhum sinal de progresso nos foi concedido. O cenário político ainda é escuro para nós. Em nenhum lugar os governantes deram indício de que eles por vontade e iniciativa própria removeriam essa mancha da cor de nossa Constituição.<sup>VIII08</sup>

---

<sup>07</sup> Idem.

<sup>08</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1923 Presidential Address*, Cape Town: 1923. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>VII</sup> If you will but follow my advice you will be proud of the position you will occupy in the up building of the great nation, which is destined to rule in our sunny South Africa. Act in such a way that your posterity will look back with pride to their ancestors. Prove that you have even from the injustices which you have borne so long and patiently learnt valuable lessons, that your nerves have been strengthened, your characters hardened, and your consciences schooled, and you will then be qualified to enjoy the political freedom which is now, I hope, almost within your grasp.

<sup>VIII</sup> Since our last Conference, no signs of progress have been vouchsafed us. The political outlook is still dark for us. Nowhere have statesmen given an indication that they will voluntarily, and on their own initiative, wipe the colour blot from our Constitution.

A política que ficou conhecida como *white supremacy* consolidava-se na Cidade do Cabo e impedia a retirada das leis discriminatórias contra os *coloureds*. Ao longo da década de 1920 a segregação afirmava-se cada vez mais e sua expansão política para outras regiões da África Austral, como por exemplo, para a Rodésia do Sul, tornou-se pauta da elite *white* sul-africana. Ao analisar a questão da extensão da segregação à Rodésia do Sul, o Dr. Abdurahman felicita sua não entrada na União sul-africana:

Nós devemos na verdade agradecer que a tentativa de trazer a Rodésia para a União falhou. Se tivesse tido sucesso, a barreira política da cor seria estendida àquela província, e os habitantes *non-europeans*, que hoje moram sobre uma Constituição liberal como nós vivíamos no Cabo antes da União, seriam forçados a sofrer as nossas atuais condições de escravidão política.<sup>109</sup>

O combate ideológico entre política segregacionista e igualdade legal marcou profundamente a construção da nação sul-africana. Na contramão das leis e atos segregacionistas que tomaram o país desde meados do século XIX encontram-se políticos e intelectuais que combateram o estabelecimento de estruturas classificatórias raciais em prol de ideais igualitários. O Dr. Abdullah Abdurahman pode ser visto como um destes intelectuais; contudo, é preciso compreender que suas lutas anti-segregacionistas não estavam voltadas para um bem maior e geral de todos habitantes da África do Sul – pelo contrário, sua política focava a melhoria para o grupo *coloured*, grupo que ele representava e liderava. Contudo,

O assimilacionismo da APO e o exclusivismo *coloured*, entretanto, não excluía a organização de apoiar atividades políticas de outros grupos *blacks* ou fazia com que ela desenvolvesse desprezo racial discriminatório contra

---

<sup>09</sup> Idem.

<sup>10</sup> We must indeed be thankful that the attempt to bring Rhodesia into the Union has failed. Had it been successful, then the political Colour bar would have been extended to that Province, and the non-European inhabitants, who today live under as liberal a Constitution as we did in the Cape prior to the Union, would have been forced into the same condition of political serfdom that we today endure.

eles. A organização, em certas ocasiões, até cooperou, em questões de interesse comum, com outras organizações políticas *black*.<sup>x10</sup>

Ainda no discurso presidencial de 1923, o Dr. Abdullah Abdurahman discutiu a necessidade do aumento dos direitos legais para os *coloureds*. Sua argumentação focava a inteligência de vários *coloureds* que, segundo ele, era equivalente àquela de alguns europeus. O presidente da APO escreve:

Deixe-me dizer aqui que nosso modesto pedido não pode mais ser negado sem causar um grande perigo ao Estado. Há entre nós vários homens que são inteligentes e educados assim como a maioria dos *europeans*. Eu digo isso depois ter estudado cuidadosamente o alcance educacional de ambos os povos. Nosso requerimento é legítimo. Nós quase esgotamos todos os métodos constitucionais que pudemos pensar para obter novamente o que perdemos em termos de liberdade política, e os sacrifícios que fizemos para ajudar a construir esse país – e sem esses sacrifícios Deus sabe o quão miserável e primitivo este país seria – não foram recompensados, se a resposta que demos com a ajuda na Grande Guerra não for reconhecida, se o Parlamento recusar dar um parecer favorável à nossa petição<sup>11</sup>, então seremos levados à inevitável conclusão de que fomos e estamos sendo zombados, trapaceados e enganados; e que as promessas de nossos homens públicos não são confiáveis, são instáveis como água, e sem valor da honrosa tradição dos ingleses.<sup>x112</sup>

<sup>10</sup> ADHIKARI, Mohamed. *op. Cit.*, 2005 (p. 74).

<sup>11</sup> Petição assinada por mais de cinquenta mil pessoas e enviada ao parlamento em 1923 com o intuito de garantir os direitos políticos existentes antes da União de 1910.

<sup>12</sup> *Idem*.

<sup>x</sup>The APO's assimilationism and Coloured exclusivism, however, did not preclude it from supporting the political initiatives of other black groups or decrying instances of racial discrimination against them. The organization, on occasion, even sought limited cooperation with other black political organizations in matters of common concern.

<sup>xi</sup>Let me say here that our modest request can no longer be denied without grave danger to the State. There are among us many men equal in intelligence and education to the majority of Europeans. I say this after having carefully studied the educational attainment of both peoples. Our request is a legitimate one. We have nearly exhausted every constitutional method we can think of to regain what we have lost in political freedom, and if the sacrifices we have made in helping to build up this country – and without those sacrifices God knows it would be a miserably undeveloped country – are to go unrequited, if the response made by us to the urgent call for our help in the Great War is to be unrecognised, if Parliament refuses to give a favourable reply to our petition, then we are driven to the inevitable conclusion that we have been and are being fooled, tricked and cheated; and that the promises of our public men are unreliable, unstable as water, and unworthy of the traditional honour of an Englishman.

Ter inteligência, viver uma vida “civilizada” e apoiar e trabalhar em função da nação eram premissas básicas do tipo ideal de *coloured* para a APO. Graças a essas capacidades presentes no grupo *coloured* e ausente entre os *natives* (como fica subentendido em vários dos discursos do Dr. Abdullah Abdurahman) o Estado deveria garantir igualdade legal e restituir os mesmos princípios igualitários existentes no período pré-união a todos os indivíduos classificados como *coloureds*. É preciso compreender, contudo, que esses ideais da APO dialogavam diretamente com as premissas do “processo civilizador” e aproximavam culturalmente os *coloureds* das elites políticas sul-africanas, afastando-as da maioria africana, classificada legalmente como *native*.

Nas décadas de 1920 e 1930, a cultura era um argumento derivado do campo antropológico que se tornava extremamente importante em meio à construção de concepções segregacionistas. Segundo Saul Dubow:

Considerações sobre os caminhos pelos quais o termo “cultura” era popularmente utilizado nas décadas de 1920 e 1930 revelam uma intrigante diversidade de conotações. “Cultura” era às vezes empregado como um sinônimo de “civilização”, como uma qualidade universalmente transmissível em uma escala ascendente de evolução. Outras vezes, contudo, era empregado como um sinônimo de “raça”, nesse caso com um caráter imutável. No primeiro sentido, a cultura podia ser aperfeiçoada, no segundo era estática e determinada biologicamente. Foi a partir desses sentidos contraditórios que uma noção distinta, derivada da antropologia, de cultura desenvolveu-se.<sup>XIII</sup>

Para o Dr. Abdullah Abdurahman, era a cultura, como sinônimo de “civilização”, que possibilitava a restituição dos direitos políticos e sociais para os *coloureds*. O ideal assimilacionista da *African Political (People's) Organization* pautava-se na construção de proximidades entre *white* e *coloured*

---

<sup>13</sup> DUBOW, Saul. “The Elaboration of Segregationist Ideology”, *op. Cit.*, 1995 (p. 160).

<sup>XIII</sup> Consideration of the ways in which the term ‘culture’ was popularly used in the 1920s and 1930s reveals an intriguing diversity in its connotations. ‘Culture’ was sometimes employed as a synonym for ‘civilization’, whereby it was seen as a universally transmissible quality on an ascending evolutionary scale. At other times, however, it was employed as a synonym for ‘race’ in which case it took on an immutable character. Used in the first sense, culture was perfectible, whereas in the latter case it was static in virtue of its being biologically determined. It was out of these contradictory meanings that a distinctive, anthropologically derived notion of culture developed.

(principalmente se o *white* fosse britânico) e no afastamento entre *coloureds* e *natives*. A cultura servia para assimilar e segregar ao mesmo tempo.

No final do discurso anual de 1923, o Dr. Abdullah Abdurahman grifou novamente que as mudanças deveriam vir de forma constitucional e que quaisquer atitudes que fugissem do campo legal e jurídico seriam repudiadas. A intenção de demonstrar que os *coloureds* eram “civilizados” fazia-se maior que a própria possibilidade de aquisição de direitos. Nesta mesma passagem, fica claro que há uma série de idéias derivadas do pensamento de Marcus Garvey<sup>14</sup> que permeiam discursos políticos na África do Sul. É interessante notar que ao mesmo tempo em que o Dr. Abdullah Abdurahman demonstra a existência dessa lógica pan-africanista pautada na cor, e conseqüentemente na idéia de raça, ele a critica e repudia. Talvez por acreditar que os *coloureds* deveriam permanecer aliados aos *whites* “civilizados”. Talvez por ter certeza que *natives* e *coloureds* são menos evoluídos que os *whites* e, por isso, não conseguiriam controlar e dominar o país sem sua ajuda. Ainda é possível pensar que seu posicionamento servia para evitar revoltas e levantes entre a burguesia *coloured*, levantes que iriam contra seus ideais de união e assimilação. O presidente da APO escreve que:

Por fim, eu tenho que prevenir os *europeans*, não apenas da União, mas de toda a África, que se eles persistirem com essa estúpida e insensata repressão contra os africanos, então eles serão acordados pela nacionalidade da cor, que ainda está dormente, mas que vai eventualmente emergir graças a essa perseguição contínua. Vai surgir uma liga sagrada da cor que terá como código liberdade e independência. (...) Daqui a alguns poucos anos ela vai arremessar todos os estrangeiros opressores e irá carregar a bandeira da liberdade através de toda a África. Então surgirá um chamado de “África para os Africanos”, porque o princípio de benefícios da conquista provou ser um fracasso total. Assim, como no passado testemunhou-se um grande levante de *europeans* pela terra africana, o futuro verá uma grande fuga de *whites* da África. Deve ser prece fervorosa

---

<sup>14</sup> Político jamaicano que fundou, nos EUA, a UNIA (*Universal Negro Improvement Association*), organização que pretendia o retorno de todos os “negros” à África. Suas idéias influenciaram vários pensadores americanos e africanos e tinham como mote e meta-final: “A África para os Africanos”.

de cada um de nós, *whites* assim como *blacks*, que tal catástrofe não ocorra na África do Sul. Os *non-europeans* precisam de uma mão auxiliadora européia, que cuide e os direcione. Está no poder deles construir um grande país onde ambas as cores possam viver em paz e prosperidade. Nós devemos fazer nosso melhor para ajudá-los nesse árduo trabalho, e nós rezamos para que no fim isso prove ser um sucesso.<sup>XIII15</sup>

A *African Political (People's) Organization* ficou cinco anos sem convocar um congresso nacional depois do encontro no qual foi proferido o citado discurso de 1923.

Entre 1923 e 1929, a África do Sul passou por uma série de mudanças políticas e econômicas graças à eleição de Hertzog para o cargo de Primeiro Ministro, em 1924. Hertzog construiu uma política nacional segregacionista e exclusivista que afirmava uma política pautada na etnicidade, principalmente *afrikaner*, e promovia a consolidação de leis que tinham como intuito conter o “black peril”.

O relativo afastamento político dos ingleses e o fortalecimento da identidade *afrikaner*, fizeram com que o Dr. Abdullah Abdurahman notasse, em seu discurso presidencial de 1929, que ao longo da década de 1920 a política segregacionista havia criado profundas raízes na sociedade e na legislação sul-africana. As promessas de melhorias sociais, políticas e econômicas feitas para os líderes *coloureds*, nos anos antes da eleição de Hertzog, figuravam como uma grande traição. Lembrando os acontecimentos de 1924 o Dr. Abdurahman escreveu:

---

<sup>15</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1923 Presidential Address*, Cape Town: 1923. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>XIII15</sup> I must finally warn Europeans, not only of the Union, but also of Africa, that if they persist in their insensate folly of repressing the African, then they will awaken the nationality of Colour, which is still dormant, but which will eventually emerge from continued persecution. There will arise a holy Colour-bond of which the watchword will be freedom and independence. (...) In a few short years she will have thrown off the foreign yoke and will then carry the flag of liberty throughout the whole of Africa. There will then arise the cry “Africa for Africans,” because the principle of beneficent conquest has proved an utter failure. Then, just as the past witnessed a great scramble by Europeans for land in Africa, so the future will see a great white scuttle out of Africa.

It must be the fervent prayer of every one of us, white as well as Black, that such a catastrophe will not befall South Africa. Non-Europeans need the helping hand, guidance and direction of the Europeans. It is in their power to make it a great country where both Colours may live in peace and prosperity. We shall do our best to help them in this arduous work, and we pray that it will prove a success in the end.

Vocês irão lembrar que em 1924 o General Hertzog anunciou que os *coloureds* eram merecedores de um status superior e que política, indústria e educacionalmente eles deveriam ser colocados em igualdade com os *europeans*. Essa declaração política foi recebida com grande alegria e causou muito conforto. Alguns otimistas esperavam uma melhoria repentina, uma transformação repentina. Outros teceram esperanças fascinantes de progresso contínuo, e desejaram em sonhos que o *coloured* fosse pela primeira vez na história da África do Sul reconhecido como parte da Nação, com oportunidades completas de perceber seu maior potencial e em sua natureza e alegria desfrutar de parcelas justas dos benefícios materiais.<sup>XIV16</sup>

Já em 1926, houve a tentativa de outorgar uma a lei chamada “Lei de Direitos das Pessoas *Coloureds*”. A lei propunha a exclusão dos *natives* da possibilidade de voto ao mesmo tempo em que garantia algumas vantagens, em termos eleitorais, para os *coloureds* que viviam nas províncias do Norte. A APO repudiou a lei com o argumento que não apoiaria a remoção de privilégios dos *natives*. Uma grande mobilização política fez com que a lei não fosse outorgada. Novamente em 1927 houve uma tentativa de passar uma lei que definia os direitos eleitorais dos *coloureds* ao mesmo tempo em que os removia dos *natives*. A lei também não teve sucesso. Contudo, em 1929, a lei, em forma de decreto, serviu para construir interpretações oficiais da identidade *coloured*, assim como defender os princípios segregacionistas do *Nationalist Party*. Segundo o Dr. Abdurahman:

Essa lei é infinitamente pior que as duas anteriores e nunca teria sido aceita em nenhuma conferência de representantes verdadeiros da população *coloured*. (...) Na antiga lei toda pessoa *coloured* na União fora da Província do Cabo que tivesse sido declarada pela comissão como uma pessoa *coloured*, que se associava aos *coloureds* ou *europeans*, e vivia como um *european*, e que podia ler o formulário de inscrição e escrever o nome,

---

<sup>16</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1929 Presidential Address*, Cape Town: 1929. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>XIV</sup> You will recollect that in 1924 General Hertzog announced that the Coloured man was entitled to a higher status and that politically, industrially and educationally he should be placed on equality with Europeans. This declaration of policy was received with great joy and brought much comfort. Some optimists expected a sudden uplift, a sudden transformation. Others entertained fascinating hopes of steady progress, and indulged in dreams of the Coloured man for the first time in the history of South Africa being recognised as part of the Nation, with full opportunities to realise the best potentialities in his nature and enjoying a fair share of the material benefits.

endereço, idade e ocupação, poderia se inscrever, e com isso tornar-se um eleitor. A nova lei diz que o candidato deve ler com *proficiência* e escrever *legivelmente*. A velha lei fazia provisões mostrando que depois de *sete anos* os eleitores *coloureds* das três Províncias do Norte poderiam ser colocados como eleitores comuns junto aos *europeans*. Na nova lei eles devem esperar *dez anos* ao invés dos antigos sete anos para serem incluídos como eleitores comuns.<sup>XV17</sup>

Entretanto, há um grande problema na lei para determinar quem é e quem não é *coloured*:

A definição de pessoa *coloured* é interessante, mas conduz a muitos desapontamentos assim como reduz o número de eleitores *coloureds* na Província do Cabo. Uma “pessoa *coloured*” significa um pessoa que reside na União mas não é *european*, nem *native*, sem asiática, ou membro de uma das raças ou tribos aborígenes de um país fora da África, mas inclui os *cape malays*, S. Helenos e Maurícios, e pessoas nascidos antes do começo da lei cujo pai ou a mãe é ou era *native* e cujo outro pai é ou era *european* ou *coloured*. Qualquer um que pareça com um Hotentote, Bosquímano, Griqua ou Koranna será tratado como uma pessoa *coloured*, desde que ele viva como um *coloured* ou *european*, associe-se a pessoas *coloureds* ou *european* e tenha um “nível de vida em conformidade com a civilização européia”.<sup>XV18</sup>

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>XV</sup> This Bill is infinitely worse than the two previous ones and it would never have been acceptable to any conference truly representative of the Coloured people. (...) Under the old Bill every Coloured person in the Union outside the Cape Province who has been declared by the Board to be a Coloured person, who associates with Coloureds or Europeans, and lives like a European, and who can *read* the registration form and write his name, address, age and occupation, shall be entitled to be registered, and thereafter he may vote for one member. The new Bill says that the applicant must read *proficiently* and write *legibly*.

The old Bills make provision showing how after *seven years* the Coloured voters in the three Northern Provinces may be placed on the ordinary voters' roll with Europeans. In the new Bill they must wait for *ten years* instead of seven before they will be placed on the ordinary roll.

<sup>XVI</sup> The definition of a Coloured person is interesting, but will lead to many disappointments as well as a reduction in the number of Coloured voters in the Cape Province. A “Coloured person” means a person resident in the Union who is not a European, or a Native, or an Asiatic, or a member of an aboriginal race or tribe of a country outside Africa, but includes Cape Malays, St. Helenians and Mauritians, and a person born before the commencement of the Act whose father or mother is or was a Native and whose other parent is or was a European or Coloured person. Anyone who looks too much like a Hottentot, Bushman, Griqua or Koranna will be regarded as a Coloured person, provided he lives like a Coloured person or a European, associates with Coloured persons or Europeans and has a “standard of life in conformity with European civilisation”

O problema identitário *coloured* repousa na construção de um grupo que não pode ser definido diretamente em termos raciais. A pluralidade de interpretação da identidade *coloured* permeia tanto a lógica racialista como a idéia de “civilização” e cultura. Ser *coloured*, nos termos da lei de 1929, passava pelo pertencimento a um grupo, determinado em lei, assim como pelo reconhecimento e associação do indivíduo à “civilização”.

A crítica do Dr. Abdullah Abdurahman a essa definição é ampla e minuciosa. Para o presidente da APO, existiam várias camadas do grupo *coloured* que seriam excluídos da participação eleitoral por não serem reconhecidos em nenhum dos termos previstos em lei. Ainda segundo o Dr. Abdurahman, havia na lei um artifício de re-classificação que permitiria que os *coloureds* passassem a ser *whites*. Essa prática ficou conhecida como “*play white*”. O “*play white*” consistia em um *coloured*, apesar de saber que era *coloured*, ser re-classificado como *white* por ter uma aparência física e compartilhar uma série de princípios culturais similares aos *whites*.

Abdurahman afirma que apenas este grupo concordaria e aceitaria os termos da “Lei de Direitos das Pessoas *Coloureds*” de 1929:

A única migalha que conforto que a lei possui é para aqueles que gostam de fugir de seus pais e “*play white*”. A lei diz que cada pessoa que é aceita geralmente e possui uma reputação de *european* e descende de *europeans* com reputação não devem ser consideradas *coloureds* a não que assim deseje, mas deve ser considerada como *european*. Essas pessoas irão provavelmente aceitar a lei. *Coloureds* com amor-próprio que não tem vergonha de sua cor, eu sei, irão rejeitar a lei como um insulto gratuito e uma fraude.<sup>xviii19</sup>

Para a APO, o projeto assimilacionista não exigia uma mudança identitária. Ser *coloured* não era antagônico a possuir direitos políticos, sociais e culturais. Para a organização, ter direitos era uma necessidade intrínseca

---

<sup>19</sup> *Idem*.

<sup>xviii</sup> The only crumb of comfort it contains is for those who like to run away from their parents and “play white”. The Bill says that every person who is by general acceptance and repute a European and descendants of reputed Europeans shall not be deemed to be a Coloured person unless he so desires, but shall be deemed to be a European. These people will probably accept the Bill. Self-respecting Coloured people who are not ashamed of their colour, I do know, will reject the Bill as a gratuitous insult and a fraud.

à identidade e ao grupo *coloured* e não era preciso alterar a identidade para a aquisição destes direitos.

É preciso analisar e compreender que a construção identitária *coloured*, nos discursos do Dr. Abdullah Abdurahman, efetua-se pela afirmação da existência do *ser coloured* e não pela percepção que *coloured*, assim como *afrikaner*, inglês, *native* etc, são complexas construções históricas e sociais. “*Play white*”, para o Dr. Abdurahman, não era uma maneira de re-significar a identidade *coloured*, através dos mesmos princípios de “civilização” e cultura pregados pela APO, ao contrário disso, “*play white*” significava abandonar e fraudar o grupo apenas para a consolidação de privilégios individuais.

Em seu discurso presidencial de 1929, o Dr. Abdurahman indica alguns fatores para a presente situação política e social do grupo *coloured*. Para Abdurahman: a situação econômica, o nível de educação, as possibilidades de empregos, a discriminação social etc, são fatores cruciais para a atual situação do grupo como um todo.

Os reflexos da política segregacionista são sentidos cotidianamente na Cidade do Cabo. O problema do *poor whiteism* e a consolidação da identidade *afrikaner*, provocaram a exclusão dos *coloureds* das indústrias e, conseqüentemente, da vida econômica. O Dr. Abdurahman é completamente determinista quando se refere à influência da economia na vida das pessoas, segundo Abdurahman:

É pouco necessário enfatizar os efeitos do ambiente econômico na posição social dos indivíduos. É geralmente admitido que a maneira pela qual a pessoa ganha a vida e a quantidade de dinheiro que ela ganha, tem uma grande influência em seu caráter mais do que a religião. A mente de um homem é tão ocupada com sua posição econômica ao longo de suas horas acordado que são as horas nas quais o cérebro está mais ativo, que pensa em religião, se ele pensa, apenas aos Domingos, o dia de descanso, ou de noite quando ele está cansado. De qualquer forma a religião parece ter menos influência na civilização moderna e na atitude de um homem e seu colega; em sua mente estão as relações entre dono e produtor, o empregador e o empregado.<sup>XVIII20</sup>

---

<sup>20</sup> Idem.

<sup>XVIII</sup> It is hardly necessary to emphasise the effect of economic environment on the social position of individuals. It is generally admitted that the manner in which a person earns his living and the amount of the wages he earns, have a greater

Para o presidente da APO, o ambiente econômico é fundamental para o estabelecimento social dos indivíduos. Ao comparar economia e religião, ele relega a segunda a um segundo plano de importância e afirma que a economia rege as preocupações diárias do homem moderno. Essa visão corrobora com as atitudes políticas da *African Political (People's) Organization*. Afirmar que a economia é de extrema importância para a vida, e lutar para o avanço econômico dos *coloureds*, servia para estabelecer parâmetros de ação para a organização, assim como construía realidades identitárias para o grupo *coloured*.

Contudo, a política de Hertzog estava transformando a economia – fator primário da vida humana – em benefício racial. Para resolver o problema do *poor whiteism*, o governo estava demitindo *coloureds* e admitindo em seus lugares *poor whites*. Para Abdurahman, essa política “bárbara” não conhecia nenhum precedente na história da humanidade “civilizada”:

Essa política vergonhosa e desgraçada de desempregar os *non-europeans* e empregar os *whites*, não possui nenhum paralelo em toda a história de qualquer povo civilizado e merece as mais severas condenações de toda pessoa honesta. Não há nada mais vil e maléfico que tirar um homem de seu emprego no qual ele trabalhou por anos, para abrir lugar para outro. E é isso que o Governo fez.<sup>XIX<sup>21</sup></sup>

Para o Dr. Abdullah Abdurahman, os *coloureds* estavam sendo demitidos por possuírem uma característica intrínseca à sua constituição: o fácil aprendizado.

---

<sup>21</sup> Idem.

influence on his character than has religion. A man's mind is so occupied with his economic position for the greater and the best part of his waking hours when his brain is most active, that he thinks of religion, if he thinks at all, only on Sunday, the day of rest, or at night when he is tired. At any rate religion seems to have less influence in modern civilization on man's attitude towards his fellow men; on his thoughts of the relations between the owner and the producer, the employer and the employed.

<sup>XIX</sup> This disgraceful and discreditable policy of displacing non-Europeans and employing whites, has no parallel in the history of any civilised people and deserves the strongest condemnation of every honest person. There is nothing viler and meaner than to turn a man out of his job in which he has been employed for years, in order to make room for someone else. And this is what the Government has done.

Bem, ninguém irá negar que os *coloureds* têm uma maravilhosa aptidão para aprender negócios, e que ele deu uma ampla prova de sua habilidade em executar qualquer trabalho especializado que o *european* o permitiu aprender. O maravilhoso é que ele alcançou tal progresso no passado com pouca educação escolar e com treinamento duro. Em certos negócios ele provou ser igual ao trabalhador médio especializado e treinado no alêmmar, e eu estou seguro de que dada a chance ele poderia se tornar valioso e eficiente como qualquer outra pessoa. É por essa aptidão, essa virtude que o *coloured* está sofrendo muito dessa legislação restritiva.<sup>XX22</sup>

E, cada vez mais, ficava claro que a política segregacionista havia se consolidado. As promessas de Hertzog, promessas de igualdade legal, figuravam como uma grande traição.

Os *coloureds* que acreditaram na honestidade desta política, e que a saudaram com entusiasmo cinco anos atrás, foram infelizmente traídos. Se eles fizessem uma investigação final descobririam que não apenas os *natives*, mas também os *coloureds* foram jogados fora de seus empregos por ordens escritas do Governo, porque eles estavam fazendo um trabalho que poderia ser feito por um homem *white*; pelo trabalho civilizado os *coloureds* estão recebendo um pagamento não civilizado; o melhoramento progressivo do status econômico dos *coloureds* a serviço do Governo que foi previsto, está distante como a lua; e o *coloured* é mantido apenas nos trabalhos mais subalternos, mais duros ou que são meramente casuais, e todos com o menor pagamento possível.<sup>XXI</sup>

---

<sup>22</sup> *Idem*.

<sup>XX</sup> Well, no one will deny that the Coloured man has a wonderful aptitude for learning trades, and that he has given ample proof of his ability to perform any skilled work that the European has allowed him to learn. The marvel is that he has achieved such great progress in the past with so very little school education and with hardly any training. In certain trades he has proved himself the equal of the average overseas-trained skilled worker, and I am sure that if he were given a chance he would become as reliable and efficient as any other person. It is just this aptitude, this virtue of the Coloured man that has been the cause of much of the restrictive legislation.

<sup>XXI</sup> The Coloured men who believed in the honesty of the policy, and who hailed it with enthusiasm five years ago, have been woefully betrayed. If they make a thorough enquiry they will find that not only Natives, but Coloured men as well, have actually been thrown out of work on written instructions of the Government, because they were doing work that could be done by white men: that civilized Coloured men are still receiving uncivilized pay; that the era of progressive improvement in the economic status of the Coloured men in the Government's service which was predicted, is as far distant as the moon; and that the Coloured men are kept at only the most menial, the hardest or what is otherwise merely casual work, and all at the smallest possible rate of pay.

### *O fim da esperança (1935-1939)*

Em outubro de 1929 a crise da bolsa de valores de Nova Iorque desencadeou uma depressão econômica em escala mundial. Uma parcela das indústrias sul-africanas sofreu muito com a crise e o número de demissões no período superou qualquer outro até então (os principais trabalhadores demitidos eram *coloureds* e *natives* devido a já explicada política de diminuição do efeito do *poor whiteism*). No entanto, a crise não foi sentida da mesma maneira por todo o parque industrial nacional. Na indústria mineradora, a produção e o refino de ouro cresceram cerca de cento e sessenta por cento na década de 1930 e junto com esse influxo de capital surgiram pequenas manufaturas que absorviam parte da mão-de-obra *white* desempregada.

Em termos políticos os anos que precederam a Segunda Guerra Mundial podem ser vistos, pela ótica da APO, como anos de perda de prestígio e esperança. Perda de prestígio porque, ao longo da década de 1930, vários outros movimentos *coloureds* começaram a destacar-se na política da África do Sul. Na Cidade do Cabo, por exemplo, a depressão econômica e o posicionamento conservador da *African Political (People's) Organization* fomentaram o surgimento de novas organizações políticas *coloureds* como a *The National League of South Africa* (NLL), liderada por James La Guma, Johnny Gomas e Cissie Gool<sup>23</sup>. Como explica Vivian Bickford-Smith, Elizabeth Heyningen e Nigel Worden:

Conforme a segregação se tornou mais enraizada na vida social e política do país, as novas gerações de *coloureds* progressivamente rejeitaram as estratégias moderadas da APO. A *National Liberation League of South Africa* (NLL), fundada na Cidade do Cabo em 1935, expressa esse espírito mais militante. Seus associados faziam parte da elite intelectual, ligados através de familiares e casamentos, educados nas mesmas escolas, muitos deles professores com treinamento universitário. Os principais associados incluíam ambas as filhas do Dr. Abdurahman; sua esposa, Nellie; seu genro Dr. A.H. Gool; a esposa de Gool Hawa Ahmed; o irmão de Gool, Dr. Goolam

---

<sup>23</sup> Zaiñunnissa (Cissie) Gool (1897-1963) era filha do Dr. Abdullah Abdurahman e levava como sobrenome o nome de seu marido, o também político ativista Dr. Abdul Gool.

Gool; e as irmãs Minnie e Jane Gool, a última casada com I. B. Tabata. A NLL era um movimento de “unidade” que pregou uma aliança política de todos os oprimidos contra um inimigo comum, o “capitalista imperialista *white*”, apesar de não ser explicitamente socialista. Seu slogan e emblemas apelavam diretamente para o passado escravo da Cidade do Cabo. Lançado no dia da Emancipação (1 de Dezembro), adotou-se como emblema um escravo *black* com várias correntes, segurando no alto uma tocha em chamas, com o slogan “Por igualdade, terra e liberdade”.<sup>XXII24</sup>

Por sua vez, a perda da esperança de assimilação estava associada à construção da nação sul-africana e à consolidação da política segregacionista pautada no conceito de *white supremacy*. A África do Sul consolidava o domínio *white* e deixava claro que os *coloureds* não fariam parte integral do rol de cidadãos. Essa decisão, contudo, havia demorado quase trinta anos para ser tomada. A construção de ideologias de superioridade racial, impureza dos mestiços e as questões econômicas e sociais foram alguns dos desencadeadores desse processo de exclusão.

Na África do Sul ficara então decidido que os papéis e poderes políticos dos *coloureds* seriam controlados e restritos. Nessa situação, o Dr. Abdullah Abdurahman iniciou, com um tom de pesar, seu último discurso presidencial anual pela APO:

A época do cavalheirismo, tolerância e bondade passou, e a idade do medo, da suspeita sem razão, e do preconceito cego, que é o descendente deformado da união das outras duas, tomou seu lugar. O conhecimento verdadeiro está se liquefazendo; o pensamento honesto, eficiente, de longa

<sup>24</sup> BICKFORD-SMITH, Vivian & HEYNINGEN, Elizabeth van & WORDEN, Nigel. *op. Cit.*, 1999 (p. 84).

<sup>XXII</sup> As segregation became more entrenched in the social and political life of the country, the younger generation of coloured people increasingly rejected the moderate strategies of the APO. The National Liberation League of South Africa (NLL), founded in Cape Town in December 1935, expressed this more militant spirit. Its members were a closely knit intelligentsia, linked through family and marriage, educated in the same schools, many of them teachers with a university training. Leading lights included both Dr. Abdurahman's daughters; his first wife, Nellie; his son-in-law Dr. A.H. Gool; Gool's wife Hawa Ahmed; Gool's brother, Dr. Goolam Gool; and the sisters Minnie and Jane Gool, the latter married to I.B. Tabata. The NLL was a 'unity' movement which called for a political alliance of all oppressed against the common enemy, the 'white capitalist imperialist', though it was not explicitly socialist. Its slogan and emblems appealed directly to Cape Town's slave past. Launched on Emancipation Day (1 December), it adopted as its emblem a black slave with severed chains, holding aloft a flaming torch, with the slogan 'For equality, land and freedom'.

visão e imparcial está em terrível diminuição, e o mero beijo está comprometido pelo grande princípio de amor já distorcido pela influência racial, isso é pureza original e simplicidade não podem mais ser encontrados, ou se quer, reconhecidos. E é nessa atmosfera sombria que nós, representantes da população *coloured* da África do Sul nos encontramos hoje.<sup>XXIII</sup><sup>25</sup>

A partir de 1929 os congressos anuais da *African Political (People's) Organization* tornaram-se mais raros, ocorrendo apenas dois encontros na década de 1930 (1935 e 1939). Em 1935, o Dr. Abdullah Abdurahman preocupou-se em focar a questão trabalhista e educacional na África do Sul, pois esses problemas seriam capazes de lançar uma luz sobre o futuro da Nação.

Dez anos haviam passado desde a eleição de Hertzog e as esperanças de mudanças, melhorias e paridade legal e social afirmavam-se como promessas vazias e como perspectivas inatingíveis. O foco do discurso de 1935 foi dado pelo fato de que:

Dez anos se passaram e nós devemos rever alguns dos eventos que ocorreram durante esse período e ver quanto progresso foi realizado pelo homem *coloured* em direção à realização de um dia feliz, quando *whites* e *blacks* devem novamente ficar em pé de igualdade, educacional, econômica, industrial e politicamente.<sup>XXIV</sup><sup>26</sup>

Em méritos de educação, o Dr. Abdurahman apresenta, para o ano de 1935, uma série de tabelas e números que indicariam a situação educacional

<sup>25</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1939 Presidential Address*, Cape Town: 1939. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>26</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1935 Presidential Address*, Cape Town: 1935. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>XXIII</sup> The age of chivalry, tolerance and kindness has passed away, and an age of fear, of unreasoning suspicion, and of the blind prejudice, which is the deformed offspring of the union of these two, has usurped its place. True learning is in course of liquidation; frank, constructive, far-sighted and dispassionate thinking is at an awful discount, and mere lip service is being paid to the great principle of love already so distorted by racial bias, that its original purity and simplicity can no longer be found or even recognised. It is in this dreary atmosphere that we, the representatives of the Coloured people of South Africa meet together here today.

<sup>XXIV</sup> Ten years have now passed and we shall bring under review some of the events that have occurred during that period and see what progress has been made by the Coloured people towards the realisation of that happy day, when white and black shall again stand on a footing of equality, educationally, economically, industrially and politically.

na África do Sul. As variantes de sua tabela são: número de alunos no total, número de alunos *europeans*, número de alunos *non-europeans* e gasto governamental com cada um desses grupos. Suas conclusões são interessantes e dialogam diretamente com a realidade de época. Analisando os números em perspectiva histórica o Dr. Abdurahman conclui que houve melhorias em termos educacionais na África do Sul, sendo a província do Cabo a líder em número de alunos *coloureds*. Contudo, o baixo número geral de alunos *non-europeans* que têm acesso às escolas indica que há uma política de negação da “civilização” aos grupos mais desfavorecidos. Segundo Abdurahman:

Tal política só é possível em uma sociedade dividida em classes daqueles que possuem direitos políticos e daqueles que não os possuem, onde os primeiros tendem a garantir alguma forma de educação para os segundos e ao mesmo tempo determinam que as classes desprivilegiadas devam ser mantidas em sujeição e aceitar seu fardo miserável com a passividade de um rebanho de ovelhas encurralada contra uma cerca de arame farpado. Quanto mais se estuda história mais surpreendente parece que em uma época de inteligência, razão e cultura, ainda existam homens que não vêem a estupidez e perigo de tal política inconsistente.<sup>XXV27</sup>

Para o presidente da organização, a criança *coloured* merece os privilégios educacionais porque já é passado o tempo da ignorância. A modernidade, como ilustra Abdurahman, delata a política estúpida e cruel do segregacionismo e exige que o grupo em poder, no caso o grupo *white*, assuma uma posição política de benfeitor:

É dever da África do Sul *white* ponderar bem e seriamente sobre o problema da educação das crianças *coloureds* e todas as suas implicações. Eles devem decidir se, para garantir seu próprio prestígio e civilização é melhor fornecer às crianças *coloureds* uma educação generosa, permitindo-lhe ao mesmo tempo toda oportunidade de expressão própria,

---

<sup>27</sup> Idem.

<sup>XXV</sup> Such a policy is only possible in a society divided up into privileged and unprivileged classes, where the former are disposed to grant some form of education to the latter and at the same time determine that the unprivileged class shall be kept in subjection and accept their miserable lot with the passivity of a flock of sheep behind a barbed wire fence. The more one studies history the more astonishing does it seem that in an age of intelligence, reason and culture, there should still be men who will not see the stupidity and the danger of such an inconsistent policy.

e realização autônoma de acordo com sua capacidade, encorajando tudo que exalte e refine suas faculdades estéticas e permitindo a todos nós – *whites* assim como *blacks* – “a viver vidas através da ponte, e servir o infinito dentro e fora de nós”.<sup>XXVI</sup><sup>28</sup>

Para Abdurahman, a política de conciliação e de assimilação é o melhor caminho para a construção nacional. Não podem existir políticas que impossibilitem a auto-expressão e auto-realização do indivíduo de acordo com sua capacidade. Isso é, cada grupo, racialmente constituído, possuiria uma capacidade e uma necessidade própria. Neste momento, o Dr. Abdullah Abdurahman não está pedindo paridade legal e social, sua postura em termos educacionais e industriais remete muito mais à aquisição de condições mínimas de ensino e trabalho do que uma abolição completa do atual sistema político. Para Abdurahman, os *coloureds* precisam dos *whites* para evoluir para uma melhor condição de vida. Cabe a estes, portanto, possibilitar e decidir como essas mudanças serão feitas. Esse posicionamento da APO fez com que as novas gerações considerassem a organização como conservadora e passiva. Diferentemente da APO, na década de 1930, os novos movimentos *coloureds*, assim como *natives*, passaram a lutar por uma união entre todos os *non-europenas* – para, com isso, conquistar a tão esperada igualdade política, social e econômica. Os movimentos assumiam um caráter revoltoso e revolucionário e abandonavam a passividade e cooperação da APO.

É interessante perceber como o Dr. Abdullah Abdurahman, ao longo de toda sua carreira política na Cidade do Cabo, nunca deixou de proteger e associar-se às elites anglófonas, mesmo quanto os ingleses estavam focados na pacificação e na consolidação de um governo *white* entre *afrikaners* e ingleses. Para Abdurahman a situação política em que a África do Sul vive é derivada completamente da psicologia *afrikaner*, para Abdurahman:

---

<sup>28</sup> Idem.

<sup>XXVI</sup> It is the duty of white South Africa to ponder well and seriously the problem of the Coloured child's education with all its implications. They should decide whether or not, in order to ensure their own prestige and civilisation, it is better to give the Coloured child a generous education, affording him at the same time every opportunity for self-expression, and self-realisation according to his capacity, encouraging all that goes towards exalting and refining the aesthetic faculties and enabling us all – white as well as black – “to live the life beyond the bridge, and serve that infinite within us as without”.

Sem deixar de analisar a indefensável e frouxa forma de privilégios pessoais reclamados pelos *europeans* da África do Sul a um poder político de direito exclusivo, eu espero sem dúvida que a posição de escravidão política dos *non-europeans* de hoje seja apenas parte da psicologia dos *Voortrekkers*, que deixaram a Colônia do Cabo em 1836, e retornaram à nossa Província em 1910, e então completamente revolucionaram seu quadro político.<sup>XXVII29</sup>

Sua visão histórica está associada completamente à lógica racial: Os *Voortrekkers*<sup>30</sup> possuem uma psicologia intrínseca à sua raça, segregacionista por definição, enquanto deve haver uma valorização do ocidente, no caso entendido principalmente como Grã-Bretanha. E, essa visão, é crucial na construção tanto da política *coloured* ao longo desses quarenta anos de domínio político da APO na província do Cabo, como na construção identitária do grupo *coloured*.

No discurso presidencial de 1935, o problema da África do Sul repousava na psicologia racialista dos *afrikaners* que, utilizando-se da segregação e pondo fim ao Liberalismo do Cabo, instituíram uma política pautada na classificação racial que só produzia ódio e inimizade e não prezava a valorização da capacidade individual de cada homem:

Os males que nós sofremos, política, educacional, economicamente, são todos fundados sobre preconceito racial, que é a maldição de qualquer Sociedade, e não deve ser tolerado porque alimenta inimizade e ódio. Tal estrutura, não importa quão fundamentada seja, não pode durar, e o quanto antes desmoronar melhor para a África do Sul no geral. Intelecto, caráter, e tudo que constrói um cidadão valoroso, não conta para nada neste país. Nós somos estigmatizados como uma raça inferior, totalmente desprovida de talentos por alguns membros daquele grupo.<sup>XXVIII31</sup>

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Migrantes bóeres que abandonaram a Colônia do Cabo em busca de terras e maior liberdade no interior do continente, a partir de 1836.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>XXVII</sup> Without stopping to analyse the indefensible and untenable form of personal privilege claimed by European South Africa to an exclusive right to political power, I have no doubt that the position of political helotage of non-Europeans today is due solely to the psychology of the Voortrekkers, who left the Cape Colony in 1836, returned to our Province in 1910, and then completely revolutionised its political framework

<sup>XXVIII</sup> The wrongs we suffer, politically, educational, economic, are all founded in racial prejudice, which is the curse of any Society, and should not be tolerated as it breeds enmity and hatred. Such a structure, no matter how propped up, cannot.

Apesar do o Dr. Abdullah Abdurahman começar a criticar mais veementemente o conceito de raça e a política que se apoiava neste conceito, a partir da década de 1930, sua argumentação dificilmente conseguia escapar de alguns conceitos e estruturas cristalizadas no vocabulário e no imaginário local. Ao longo de seus discursos notamos como a existência racial, dada e natural, constituía um fator constante da sociedade da Cidade do Cabo. O problema, para Abdurahman, era que a raça não podia e não deveria ser utilizada para determinar dispositivos legais e sociais. Na década de 1930, influenciado pelos novos movimentos políticos e dialogando com as elites intelectuais nacionais e internacionais, principalmente da antropologia, o Dr. Abdurahman passou a criticar o ideal racial em privilégio de uma valorização individual, contudo, sua lógica não abandonou a idéia de que o indivíduo está inserido em um grupo que, por definição é tido como racial. Portanto, ao mesmo tempo em que passa a negar que a raça deva funcionar como definidora de parâmetros políticos e sociais, afirma o caráter racial e identitário do grupo *coloured*.

A antropologia não atribui nenhuma virtude particular à posse de uma pele branca. Enquanto essa falsa ciência possuir força, e enquanto o espírito do racismo sobreviver e florescer, e enquanto o poder político estiver nas mãos de uma classe privilegiada, a população *coloured* será mantida em humilhação e pobreza.<sup>XXIX32</sup>

Para Abdurahman a salvação talvez estivesse vinculada à nova geração de estudantes universitários *whites*:

Há um crescente e treinado grupo nas Universidades, um corpo de jovens estudantes *whites* – homens e mulheres – a quem eu temo que nós devamos olhar como salvadores deste país. Eles estão recebendo o treinamento científico necessário para ver os fatos sociais objetivamente, e a ponderar o

---

<sup>32</sup> Idem.

last, and the sooner it crumbles the better for South Africa as a whole. Intellect, character, and all that goes to make a worthy citizen, count for nothing in this country. We are branded as an inferior race, quite regardless of the attainments of some of the members of that group.

<sup>XXIX</sup> Anthropology does not attribute any particular virtue to the possession of a white skin. As long as this false science holds sway, and as long as this spirit of racialism survives and flourishes, and so long as political power is in the hands of the privileged class, so long will the Coloured people be kept in abjectness and poverty.

problema como interesse do país como um todo. Muitos deles manifestam racionalismo e humanismo, desprovidos das antigas gerações as quais fundavam o nacionalismo em um estreito racismo.<sup>xxx33</sup>

A visão humanista destes estudantes superaria a antiga e arcaica visão nacionalista mantida pelos políticos racialistas:

Esses jovens sul-africanos verão a futilidade de manter uma base não científica para a Sociedade, e eles irão, nós esperamos, deitar a fundação para uma civilização diferenciada para o resto do mundo, e não inferior a nenhuma. Nesse sentido eles podem salvar o país e suceder em conquistar o afeto e respeito das raças *coloureds*.<sup>xxx34</sup>

É interessante perceber como na mesma passagem o Dr. Abdullah Abdurahman nega a existência de raças, ideologia que segundo ele funcionava como falsa base científica, mas ao mesmo tempo afirma que se a juventude sul-africana conseguir remover esse falso princípio social ela ganharia a afeição e respeito das raças *coloureds*. A construção identitária efetua-se na proposição e aceitação de que os *coloureds* formam um grupo plural, que historicamente se constituíram pela “mestiçagem”, e que tem capacidade de se tornarem “civilizados” em curto prazo.

Ainda no final deste mesmo discurso, o Dr. Abdullah Abdurahman deixa claro seu intento de fortalecer e construir uma categoria identitária:

Ao meu povo eu gostaria de repetir um conselho que eu dei anteriormente, e dizer para vocês fazer o melhor na construção do caráter de suas crianças fazendo de suas casas locais felizes e saudáveis, que vocês não economizem esforços para garantir a melhor educação para seus herdeiros, e que vocês preservem a busca por uma reputação elevada como honestos cidadãos

---

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>xxx</sup> There is growing up and trained at the Universities, a body of young white students – male and female – to whom I am afraid we must look as the saviours of their country. They are receiving the necessary scientific training to view the social facts objectively, and to ponder the problem in the interests of the country as a whole. Many of them are displaying rationalism and humanism, lacking in the older generation whose nationalism is founded upon a narrow racialism.

<sup>xxxiii</sup> These young South Africans will see the futility of sustaining an unscientific basis for Society, and they will, we hope, lay a foundation for a civilisation, if different from that of the rest of the world, yet in no wise be inferior to any. In this way they could save the country and succeed in winning the affection and respect of the Coloured races.

cumpridores das leis, e “Se a vontade e soberania de Deus Mandar eles sofrerem um pouco, e beijar a chibata, Espere por um dia mais iluminado, E quebre as correntes quando puder”.<sup>xxxii135</sup>

O presidente da APO se refere aos *coloureds* como “*my own people*” e dialoga com eles argumentando sobre a necessidade de manter vidas justas, com reputação, educando as crianças e acima de tudo, permanecendo calmos e passivos, sendo capazes de esperar o tempo certo para então quebrar as correntes do segregacionismo. A intenção de se aproximar ao grupo e, ao mesmo tempo, definir padrões morais e sociais para eles fortalece a ação da organização na construção de arquétipos identitários.

Em 1939 (último discurso presidencial do Dr. Abdullah Abdurahman), a esperança da *African Political (People’s) Organization* desvaneceu por completo. Ao longo de quase quarenta anos, a organização havia sustentado e apoiado uma política assimilacionista e lutado contra a instauração da segregação política, social e econômica. Nos discursos do Dr. Abdurahman, construiu-se uma identidade ideal de *coloured*, assim como uma atitude política ideal. Por isso, a história da APO, assim como a história da construção identitária *coloured*, auxilia-nos a ilustrar e compreender a construção da Nação sul-africana pela contra-mão da historiografia institucional e clássica – já que a primeira privilegia a história dos grupos segregacionistas *whites*, enquanto a segunda foca profundamente sua análise na história da ANC (*African National Congress*), organização que teve um importante papel após a década de 1930, e ao longo do século XX principalmente na luta contra o sistema segregacionista institucionalizado, conhecido como *apartheid*.

Em 1939, o Dr. Abdurahman afirmou que:

<sup>35</sup> Idem.

<sup>xxxii</sup> To my own people I would repeat the advice I gave before, and say that you should do your best to build up the character of your children by making your homes healthy and happy; that you should spare no expense in your endeavours to secure the best education for your offspring, and that you should steadily persevere in seeking to maintain a higher reputation as honest law-abiding citizens, and

“If the will and sovereignty of God  
Bid suffer it awhile, and kiss the rod,  
Wait for the dawning of a brighter day,  
And snap the chain the moment when you may”.

A sólida fundação de liberdade, justiça e igualdade sobre a qual um dia repousou a estrutura social e política da antiga Colônia do Cabo, está desmoronando rapidamente, e aquilo que um dia assegurava possibilidades ilimitadas para desenvolvimento progressivo e aprimoramento está cambaleando – ameaçando afundar em sua quebra final as esperanças que por tanto tempo sustentaram a população *coloured*.<sup>XXXIII</sup><sup>36</sup>

Para Abdurahman, o termo segregação estava diretamente ligado à exploração dos *coloureds*:

Segregação, tanto faz o que o termo originalmente implicava, sempre significou na África do Sul nada mais nem menos que a exploração econômica da população *coloured*.<sup>XXXIV</sup><sup>37</sup>

A política segregacionista não podia ser aceita. Seus argumentos eram crus e hipócritas. A política dos *Purified Nationalists* e a influência da *Dutch Reformed Church* (DRC) engendraram idéias de pureza racial na construção de estruturas institucionais sul-africanas. O sentimento nacionalista *afrikaner* podia ser notado claramente nas celebrações do centenário, em 1938, da partida dos Voortrekkers. A segregação era apresentada como pauta governamental ao mesmo tempo em que as possibilidades e as esperanças de mudança frustravam as lideranças da APO. Para Abdurahman:

Essa perigosa campanha por segregação, que ganhou força e direção com as celebrações do Centenário dos Voortrekkers, e que é conduzida sobre a benção da Igreja Reformada Holandesa, é controlada por uma aliança não sagrada de certos políticos, que com um sofisma sutil de especialistas treinados na arte de escapatória e ambigüidade, inventam

<sup>36</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1939 Presidential Address*, Cape Town: 1939. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>XXXIII</sup> The solid foundations of freedom, justice and equality upon which once rested the social and political fabric of the old Cape Colony, are fast crumbling, and that which at one time held out illimitable possibilities for progressive development and upliftment is tottering – threatening to engulf in its final crash the hopes which have for so long sustained the Coloured people.

<sup>XXXIV</sup> Segregation, whatever the term originally implied, has always meant in South Africa nothing neither more nor less than the economic exploitation of the Coloured people.

todos as desculpas possíveis, explicações especiais e justificativas para a gratificação dos desejos sem valor de porções racistas da população *white*. Nessa nobre luta, a aliança é guiada por um líder<sup>38</sup> que tornou-se o mais completo mestre na acrobática arte planejar, dobrar ou triplicar saltos mortais, de que com justiça pode ser dito: “Sua honra (política) é sustentada e enraizada em desonra. E a fé infiel sustenta sua falsa verdade”.<sup>XXXV39</sup>

Abdurahman, ao referir-se à política segregacionista, afirma que:

Os argumentos utilizados pelos segregacionistas é cru, desprezível, transparente e hipócrita, e irá levar a conseqüências desastrosas. Por exaltar a suposta pureza racial de seu estado de nascimento, eles estão simplesmente achatando sua própria vaidade e amor-próprio; suas demandas barulhentas e clamorosas que alegam que essa pureza deva ser mantida pela prevenção de mais mestiçagem ou casamentos mistos começou com 250 anos de atraso.<sup>XXXVI40</sup>

Além do mais:

Sua arrogante suposição de que a pele *white* tem uma virtude peculiar da qual surge sua possessão sobre o resto da humanidade, está transformando-os em piada para o mundo científico; e finalmente, suas declarações que o Todo Poderoso deu à população *coloured* uma moral de

---

<sup>38</sup> Dr. D. F. Malan.

<sup>39</sup> ABDURAHMAN, Abdullah. *The 1939 Presidential Address*, Cape Town: 1939. IN: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/abdurahman-a.htm>.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>XXXV</sup> This virulent campaign for segregation, which gained force and direction during the Voortrekker Centenary celebrations, and which is being conducted under the blessing of the Dutch Reformed Church, is controlled by an unholy alliance of certain more politically than spiritually minded Predikants, professors and politicians, who with all the subtle sophistry of trained experts in the art of evasiveness and equivocation, invent all kinds of plausible excuses, specious explanations and justifications for the gratification of the unworthy desires of the narrow racialistic section of the white population. In this noble fight, the alliance is led by a leader who has become a most accomplished master in the acrobatic art of plain, double or triple somersaulting, of whom it may with justice be said: “His (political) honour rooted in dishonour stood And faith unfaithful kept him falsely true”

<sup>XXXVI</sup> The arguments used by segregationists are crude, contemptible, transparent and hypocritical, and will lead to disastrous consequences. By exalting the alleged racial purity of the stock from whence they have sprung, they are simply flattering their own vanity and self-love; their clamorous and noisy demands that this alleged purity shall be maintained by preventing further miscegenation or mixed marriage have come 250 years too late.

segundo escalão e qualidades intelectuais muito inferiores àqueles que Ele tão generosamente entregou aos *europeans* sul-africanos, mais particularmente àqueles do interior remoto, é uma tentativa grosseira de aliviar a vergonhosa alma do ambiente no qual a África do Sul *white* criou as crianças *coloureds*, um ambiente que acorrenta a criança como uma coisa que nasceu amaldiçoada.<sup>xxxviii1</sup>

Há uma problemática interessante no discurso presidencial de 1939: a questão da pureza racial. Com o aumento dos discursos segregacionistas referentes à necessidade de manter a pureza da *raça white*, o Dr. Abdullah Abdurahman aborda uma questão que, ao mesmo em que desconstrói a própria idéia de *coloured* como “mestiço”, demonstra que a idéia de pureza sanguínea e racial são inexistentes. Para Abdurahman:

Sem entrar no perplexo problema da extensão de como o sangue misturado do Mongol, Asiático e até mesmo do Negro com outros grupos raciais da Europa produziram diferentes nacionalidades naquele continente, e mesmo assumindo que os colonos fossem “completamente *europeans* de sangue”, seria difícil, se não impossível, no presente, tomar conhecimento dos cruzamentos e re-cruzamentos que tomaram parte no Cabo, para afirmar que alguém é “completamente *european* de sangue”. Eu acredito que seria perigoso estabelecer uma definição do tipo “completo *european* de sangue”.<sup>xxxviii2</sup>

Se é impossível determinar a “pureza racial” de um *european* é impossível também afirmar o caráter “mestiço” do *coloured*. A construção da pureza racial é negada pela própria existência de fatores de miscigenação histórica, isso é,

---

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>xxxvii</sup> Their arrogant assumption that a white skin has some peculiar virtue in it which raises its possessor above the rest of mankind, is making them the laughing stock of the scientific world; and finally, their declaration that the Almighty has endowed the Coloured people with a sort of second-rate moral and intellectual quality vastly inferior to that which He has so generously bestowed upon the South African European, more particularly of the Platteland, is a clumsy attempt to palliate the soul-withering environment which white South Africa has created for the Coloured child, an environment in which the child is shackled like a thing that is cursed from birth.

<sup>xxxviii</sup> Without entering into the perplexing problem of the extent to which Mongolian, Asiatic and even Negro blood mixed with that of other ethnic groups in Europe have helped to produce the different nationalities on that Continent, and even assuming that the original colonists were “full-blooded Europeans”, it would be difficult, if not impossible, at present from the available knowledge of the crossings and recrossings that have taken place in the Cape, to say who is or who is not a “full-blooded European”. I think it would be dangerous to lay down a type definition of a “full-blooded European”.

todos em realidade são mestiços. A mestiçagem que produziria o *coloured*, portanto, não se efetuará através do intercuro sexual de indivíduos inócuos e puros, ao contrário, seria um produto híbrido da hibridéz. Segundo a lógica científicista do início do século XX, o “mestiço”, era fruto da mistura sanguínea e racial de outros dois grupos raciais puros. Contudo, na argumentação do Dr. Abdurahman, percebe-se que o *full-blooded European* não existe em realidade. Portanto, não existem raças puras que produzam mestiços, no caso, *coloureds*. Entretanto, é preciso considerar que o Dr. Abdullah Abdurahman não percebeu, ou ao menos não deixou claro que percebeu isto em seus discursos.

Analisando a política nacional em 1939, o Dr. Abdullah Abdurahman associa a segregação à “idade da barbárie”. Segundo Abdurahman, “A atual conjuntura política de nossa constituição, nossas leis, costumes e tradições são relíquias de um passado morto, e um legado e uma era de barbárie”<sup>43</sup>. As memórias do presidente da APO e as constantes referências à política do Liberalismo do Cabo, vinculavam sua argumentação à idéia de que a “barbárie” seria um processo de dominação liderada pelos *afrikaners*, principalmente por figuras como o Dr. D. F. Malan e por instituições como a DRC (*Dutch Reformed Church*).

A instituição massiva de leis segregacionistas fazia com que a APO temesse que, com o passar dos anos, a situação *coloured* na África do Sul piorasse exacerbadamente. Numa passagem quase profética de seu discurso, se lembrarmos dos acontecimentos de Sharpeville de 1960 e de Soweto em 1976, podemos ver como as preocupações do Dr. Abdullah Abdurahman e as idéias e críticas anti-segregacionismo já faziam parte do cenário político sul-africano anos antes da instituição do regime de *apartheid*.

A não ser que o mais corajoso homem *white* atravessasse essas rígidas instituições, e ponha fim a essas doutrinas anti-sociais venenosas que são pregadas por limitados e exclusivos Nacionalistas, e a não ser que eles criem base para uma relação harmoniosa e cooperação próxima entre todas as seções da comunidade. Á África do Sul, certamente como a noite

---

<sup>43</sup> Idem.

segue o dia, irá vagarosamente solapar em um abismo onde o caos, confusão e ódio reinam de modo supremo.<sup>XXXIX+4</sup>

É preciso notar que mesmo com a percepção de que a política em voga conduziria a nação à confusão e ao caos, as ações políticas deveriam ser tomadas por lideranças *whites* e deveriam acontecer de forma constitucional:

Quando, contudo, o tempo de resistência chegar deixe que a resistência tome lugar de modo constitucional. Dessa formar, e apenas dessa forma, você conseguirá manter a simpatia de milhares de pessoas *white* que já são simpáticas a você, até mesmo os maiores seguidores da Igreja Reformada Holandesa. (...) Dessa forma, e apenas dessa forma, você será fortalecido e não causará dano a nenhum pensamento correto e todo descendente de *European* estará pronto a admitir que é uma boa e justa causa.<sup>XL45</sup>

Porém, mesmo com essa percepção, o Dr. Abdurahman conclui seu discurso com uma nota de esperança: para ele, apesar das críticas e dos novos movimentos, os *coloureds* ainda conseguiriam conquistar seus direitos:

Eu fecho [a Conferência anual] e esse discurso com uma nota de esperança, e apesar de tudo, nós ainda venceremos.<sup>XL46</sup>

Em 1939, a *African Political (People's) Organization* já era tida como uma organização conservadora e passiva. O prestígio dos anos de glória havia

---

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Idem.

<sup>XXXIX</sup>Unless the more courageous white men will step beyond these rigid institutions, and make an end of the poisonous anti-social doctrines that are being preached by a narrow and exclusive Nationalism, and unless they create a basis for harmonious and close co-operation between all sections of the community. South Africa, as surely as the night follows the day, will slowly slip down into the abyss where chaos, confusion and hatred reign supreme."

<sup>XLI</sup>When, however, the time for resistance comes let such resistance take place constitutionally. Thus, and only thus, will you retain the sympathy which thousands of white people already feel for you, even amongst the adherents of the Dutch Reformed Church (...) Thus, and only thus, will you strengthen and not mar what every right thinking and decent European will readily admit is a good cause and a just cause.

<sup>XLI</sup> I close it [the annual conference] and this address upon a note of hope that, in spite of everything, we shall yet win through.

desvanecido. As esperanças haviam sido frustradas. Contudo, a importância política da organização ao longo destes quarenta anos e a participação do Dr. Abdullah Abdurahman como artífice da construção da identidade *coloured* não podem ser negados, tanto que, na cerimônia funerária do Dr. Abdullah Abdurahman, no dia 20 de fevereiro de 1940, ficou claro o quanto esse homem havia sido importante para a Cidade do Cabo e para milhares de pessoas que, em pleno calor de fevereiro, acompanharam seu corpo, de sua casa, na Kloof Street, até o cemitério Mowbray. A Cidade do Cabo parou por mais de duas horas, nem mesmo os bondes podiam circular por causa da multidão que prestava suas homenagens ao político que mais pensou e discutiu a questão política e identitária *coloured* no início do século XX.

## [conclusão]

O Dr. Abdullah Abdurahman foi um dos principais artífices na construção de uma interpretação identitária para o grupo *coloured* na África do Sul ao longo das quatro primeiras décadas do século XX. Como vimos, seus discursos presidenciais estão completamente associados às práticas políticas locais, à construção de alternativas viáveis à assimilação do grupo à elite *white*, principalmente britânica, e ao combate às leis de cunho segregacionista do governo de supremacia *white*.

Ao contrário de interpretações historiográficas essencialistas e instrumentalistas – a primeira centrada em entender o grupo como produto da “miscigenação” e segunda que vê a identidade *coloured* como uma imposição do poder governamental centrado na política classificatória racial – exploramos nessa monografia vários contextos políticos, sociais e econômicos da Cidade do Cabo para demonstrar como a identidade do grupo *coloured* é uma construção histórica e social que surge numa complexa trama que envolve, por exemplo, o desenvolvimento de ideologias científicas de classificação racial, o interesse de grupos *non-europeans* no sistema político regional, o problema da pacificação entre *afrikaners* e ingleses, o imaginário de uma época áurea de igualdade política e social representada pelo Liberalismo do Cabo, a falta de empregos na indústria e o baixo nível de educação nas escolas missionárias, a formulação de preceitos eugenistas de limpeza e evolução.

Através da contextualização de parte dessa trama e da análise dos documentos selecionados, ampliou-se a discussão sobre o papel do presidente da *African Political (People's) Organization* na construção de uma identidade *coloured* e foram apresentadas situações nas quais se percebe como deveria ser, para o Dr. Abdurahman, o *coloured* ideal. É óbvio que o ideal para o Dr. Abdurahman nem sempre figurava como o ideal para os outros membros da APO ou mesmo para toda a comunidade *coloured* da Cidade do Cabo. Porém, o número de representados pela organização (mais de quarenta e cinco mil membros associados na década de 1930 e mais milhares de simpatizantes) e a luta constante pela assimilação nos possibilitam interpretar que seus argumentos faziam muito sentido na época e, conseqüentemente, formulavam idéias aceitáveis e praticáveis. Se as propostas da APO, a partir de 1930,

começaram a ser questionadas e combatidas, nos trinta anos que precederam esses acontecimentos, a organização teve a capacidade e a força de ser a maior organização *non-european* da África do Sul e, ao mesmo tempo, a organização que criou base para o surgimento de outras organizações políticas de combate à política de segregação institucionalizada, entre elas, o *African National Congress* (ANC).

## [bibliografia]

- ADHIKARI, Mohamed – *Not White Enough, Not Black Enough: Racial identity in the South Africa Coloured Community*. Cape Town: Ohio University Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. 'The Product of Civilization in Its Most Repellent Manifestation': Ambiguities in the Racial Perceptions of the APO (African Political Organization), 1902-1923. IN: *The Journal of African History*, Vol. 38, n. 2: Cambridge University Press, 1997.
- APPIAH, Kwame Anthony – *Na Casa de Meu Pai: A África na Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.
- BEINART, William & DUBOW, Saul. *Segregation and Apartheid in Twentieth-Century South Africa*. New York: Routledge, 1995.
- DUBOW, Saul. *Scientific racism in South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- BICKFORD-SMITH, Vivian. *South African Urban History, Racial Segregation and the Unique Case of Cape Town?* IN: *Journal of Southern African Studies*, Vol. 21, n. 1, Special Issue: Urban Studies and Urban Change in Southern Africa, Mar., 1995.
- \_\_\_\_\_. *Ethnic pride and racial prejudice in Victorian Cape Town: group identity and social practice, 1875-1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cape Town in twentieth century: An illustrated social history*. Claremont: D. Philips Publications, 1999.
- BICKFORD-SMITH, Vivian & HEYNINGEN, Elizabeth van & WORDEN, Nigel. *Cape Town in the Twentieth Century: An Illustrated Social History*. Claremont: David Philip Publishers, 1999.

- BOONZAIER, Emile & SHARP, John. *South African Keywords: The uses & abuses of political concepts*. Cape Town: David Philip, 1988.
- ELPHICK, Richard & GILIOMEE, Hermann – *The Shaping of South African Society: 1652-1840*. Cape Town: Maskew Miller Longman, 1988.
- ERASMUS, Zimitri. *Coloured by History, Shaped by Place: New Perspectives on Coloured Identities in Cape Town*. Cape Town: Kwela Books, 2001.
- DAVENPORT, T.R.H. *South Africa – A modern history*, London, Macmillan Academic and Professional, 1991.
- FEBRUARY, V.A. *Mind your colour – The 'coloured' stereotype in South Africa literature*. London: Kegan Paul International, 1981.
- FREDRICKSON, George M. *White Supremacy: A comparative study in American and South African History*. Oxford: Oxford University Press, 1981.
- GILIOMEE, Hermann – *The Afrikaners: Biography of a People*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2003.
- GOLDIN, Ian. "Coloured Identity and Coloured Politics in the Western Cape Region of South Africa" IN: VAIL, Leroy. *The creation of tribalism in Southern Africa*. Berkley: University California Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Making Race: The Politics and Economics of Coloured Identity in South Africa*. Cape Town: Maskew Miller Longman, 1987.
- HIGGS, Catherine. *The Ghost of Equality: The public lives of D. D. T. Jabavu of South Africa, 1885-1959*, Ohio: Ohio University Press, 1997.
- MARÉ, Gerhard. *Brothers Born of Warrior Blood : Politics and Ethnicity in South Africa*. Johannesburg: Ravan Press, 1992.

- MARX, Anthony. *Making Race and Nation: A comparison of South Africa, The United States, and Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- MCMILLAN, W.H. *Cape Colour Question*. Cape Town: A.A.Blakema, 1968.
- WORDEN, Nigel. *Slavery in Dutch South Africa*. Cambridge e Nova York: Cambridge University Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. *The Making of Modern South Africa: Conquest, Segregation and Apartheid*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.
- ODENDAAL, André. *Black Politics in South Africa to 1912*. Cape Town: David Philip, 1984.
- PAKENHAM, Thomas. *The Boer War*. London: Weidenfeld & Nicolson, 1979.
- PATTERSON, Sheila. *Colour and Culture in South África – A study of the status of the Cape Coloured people within the social structure of the Union of South Africa*. London: Routledge & Kegan Paul, 1953.
- RIBEIRO, Fernando Rosa. Classifying 'Race' and 'Whitening' the Nation: Suggestions Towards Comparative Reading of South Africa and Brazil. *Safundi The Journal of South African and Comparative American Studies, Estados Unidos*, v. 15, n. July 2004, p. 1-14, 2004.
- RIBEIRO, Fernando Rosa . *The Nation in Flow: Brazil and South Africa Compared*. New Contree, África do Sul, v. 1, 1998.
- RIBEIRO, Fernando Rosa . *A Construção da Nação Na África do Sul: A Ideologia Individualista e o apartheid*. *Anuário Antropológico, Brasília*, v. 94, p. 161-188, 1995.
- RIBEIRO, Fernando Rosa . 'Coloured' e o Estancamento da Mediação Racial na África do Sul. *Revista de Antropologia (USP), São Paulo*, v. 38, n. 1, p. 49-78, 1995.

RIBEIRO, Fernando Rosa . 'Apartheid' e Democracia Racial: Raça e Nação No Brasil e Africa do Sul. ESTUDOS AFRO-ASIATICOS 24, v. 24, p. 95-120, 1993.

ROSS, Robert. *A concise history of South Africa*. Cambrigde: Cambrigde University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *Beyond the Pale - Essays on the History of Colonial South Africa*. Joanesburgo: Witwatersrand University Press, 1994.

THOMPSON, Leonard. *A History of South Africa*. New Haven & London: Yale University Press, 2001 (3th edition).

WILLIAMS, John A. *From the South African Past: Narratives, Documents, and Debates*, Boston: Houghton Mifflin Company, 1997.

Todos os documentos analisados do Dr. Abdullah Abdurahman encontram-se digitalizados no site: <http://www.sahistory.org.za/pages/people/special%20projects/abdurahman/menu.htm>.

(última consulta 07/01/2008 às 10h42min)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH  
SETOR DE PUBLICAÇÕES  
Cidade Universitária “Zeferino Vaz”  
Rua Cora Coralina s/n.  
13083-896 – Campinas – São Paulo – Brasil

Tel./ Fax.: Livraria (19) 35211604 / Publicações (19) 35211603  
pub\_ifch@unicamp.br  
<http://www.ifch.unicamp.br/pub>





